Ailton Elisiário de Sousa

MEMORIAL MAÇÔNICO DE CAMPINA GRANDE

8 DÉCADAS E MAIS DE REGENERAÇÃO CAMPINENSE

Campina Grande - Paraíba
2006

Dedico este livro a Pedro d´Aragão, "in memoriam",
Venerável Mestre da Loja Simbólica Regeneração Campinense.
Grão Mestre "ad vitam" da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba e Soberano Grande Inspetor Litúrgico da Maçonaria para a Paraíba e Rio Grande do Norte.

Agradecimentos especiais as minhas filhas Danielle e Isabelle e aos meus Irmãos Gilson Lira, Raimundo Marcos Bandeira e Pedro Paiva.

Agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

"Campinenses, para nós, e, às vezes mais campinenses, são os que lutam pelo progresso da terra; os que servem ao seu desenvolvimento; os que se ajustam aos seus sentimentos e aspirações; os que se devotam à tarefa do seu engrandecimento. O povo é bom, ordeiro, laborioso, criador de riquezas".

Argemiro de Figueiredo.
(Trecho de um discurso no Senado Federal, homenageando Campina Grande no seu Centenário de Emancipação Política).

INDICE

Apresentação do Venerável Mestre 11
Nota Introdutória 13
A Maçonaria 16
Uma síntese da ação política da Maçonaria 23
A Loja Regeneração Campinense 34
Maçons da Regeneração Campinense que se tornaram nomes de logradouros de Campina Grande 51
Breves conteúdos biográficos 53
Maçons brasileiros e estrangeiros que se tornaram nomes de logradouros campinenses 111
Breves conteúdos biográficos 113
Ação Social da Loja Regeneração Campinense 143
Hospital Pedro I 146
Escola Antonio Vicente 166
Biblioteca Arlindo Corrêa 175
Monumento Maçônico 176
Mausoléu Maçônico 178
Associação das Samaritanas 180
Ordem DeMolay 183
Capítulo DeMolay Deus, Pátria e Família 184
Centro de Estudos Maçônicos Professor Manoel de Almeida Barreto 186
Clube de Lowtons O Pequeno Príncipe 187
Clube das Acácias 188
Supremo Conselho da Maçonaria 190
Inspetoria Litúrgica da Paraíba 190
Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste 196
Loja de Perfeição Paz e Amor 201
Conselho de Kadosch Arautos da Luz 203
Consistório de Príncipes do Real Segredo Cristo Rei 205
Imprensa Maçônica 206
Condecorações 213
Sobre o Autor 217
Bibliografia 218

APRESENTAÇÃO DO VENERÁVEL MESTRE

Ao ensejo do Dia do Maçom e dos 83 anos de existência da Loja Maçônica Regeneração Campinense, saúdo pelo tríplice e fraternal abraço a todos os Irmãos Maçons de Campina Grande, congregados em todas as lojas simbólicas da Sereníssima Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba, do Grande Oriente do Brasil e do Grande Oriente da Paraíba.

As datas de 19 e 20 de agosto traduzem a renovação dos ideais que sempre enlevaram a Regeneração Campinense, moldada pelos seus antepassados para o humanitarismo e o progresso social. Por suas obras sociais tem a Loja um passado honroso e um presente marcante, o que a tornam mais comprometida com a cidade de Campina Grande e com o Estado da Paraíba.

Por isto, parabenizo e conclamo todos os meus Irmãos a reafirmar publicamente o nosso compromisso com a consolidação das liberdades democráticas, da igualdade de direitos, da justiça social, da filantropia e com a construção da fraternidade humana.

Esta obra de pesquisa do nosso Irmão Ailton Elisiário de Sousa demonstra o quanto tem a Maçonaria e, em particular a nossa Loja, feito pelo desenvolvimento e engrandecimento de Campina Grande. Desde sua fundação até os dias atuais, a Loja tem renovado todos os dias os nossos postulados de liberdade, igualdade e fraternidade, pontificando a educação e a saúde pública como corolários de nossa atuação social.

O progresso da cidade cultuado por nossos antecessores tem sido a nossa meta permanente e indeclinável. Esta obra demonstra nossos objetivos, alcançados pela lide diária de nossos valorosos irmãos e pelas deliberações tomadas por nossa Loja, nas discussões dos problemas sociais de nossa comunidade.

O reconhecimento da comunidade a este operoso trabalho se vê no registro indelével de tantos nossos irmãos pelos logradouros da cidade, perpetuando a obra social da nossa Loja. Também pela evolução intelectual de tantos que passaram por nossa Escola, bem como pela recuperação da saúde de tantos que buscaram o nosso Hospital, todos eles contemplados pela filantropia de nossa Instituição.

Esta obra de nosso operoso Irmão demonstra, sem dúvidas, o enriquecimento filosófico e espiritual de tantos quanto fazem a nossa Loja, a nossa Ordem, aqui e em todos os lugares, em Campina Grande e em todos os recantos da terra, sob a inspiração e os auspícios do Grande Arquiteto do Universo.

Este livro não é apenas um mero registro de realidades, mas é, sobretudo, um importante testemunho do trabalho responsável, silencioso e dedicado, diuturnamente realizado por nossos Irmãos e por nossa Loja, em prol dos excluídos de nossa sociedade e do crescimento geral de nossa cidade. Contudo, é preciso que todos saibam do nosso trabalho e dos nossos propósitos, nestes dias atuais de tanta incerteza e incredulidade, quando os homens não valorizam os seus semelhantes nem acreditam num Grande Arquiteto do Universo misericordioso e amoroso, que quer a felicidade da humanidade.

Às mãos dos nossos Irmãos e dos Irmãos Não-Maçons o Memorial Maçônico de Campina Grande – 8 Décadas e Mais de Regeneração Campinense, para seus deleites.

Campina Grande, 19 de agosto de 2006, Aniversário da Loja Maçônica Regeneração Campinense.

PEDRO VICENTE DE PAIVA
Venerável Mestre

NOTA INTRODUTÓRIA

Este trabalho faz uma apresentação do que é a Maçonaria, esboça uma síntese de sua ação política, dá a conhecer a história da Loja Maçônica Regeneração Campinense e de suas entidades, traça breves perfis biográficos dos maçons desta Loja e de outras Lojas que se tornaram nomes de logradouros de Campina Grande e descreve as ações da Loja no campo jornalístico.

Toda cidade deve ter sua memória preservada. De igual modo toda instituição. Há tempos que a Loja Simbólica Regeneração Campinense se ressentia de uma publicação de sua história e do seu relacionamento com a comunidade de Campina Grande. São 83 anos de diuturno trabalho pelo engrandecimento da Ordem Maçônica e da Cidade de Campina Grande, iniciado desde o primeiro dia de sua existência até os dias atuais.

Desde sua criação pela Loja já passaram mais de 1.200 maçons que, impregnados dos princípios e postulados da Ordem, se dedicaram ao aperfeiçoamento interior de seus seres e à realização de obras sociais para o crescimento da cidade. O Hospital Pedro I e a Escola de Ensino Fundamental Antonio Vicente são as duas grandes representações desse trabalho social, sem, contudo esmaecerem a filantropia e os programas caritativos da Associação das Samaritanas, do Capítulo DeMolay, dos Corpos Subordinados e da própria Loja.

Cada um dos maçons através de seus exemplos, das suas profissões, das suas funções públicas e das diversas atividades exercidas, reproduzem no seio da sociedade os ensinamentos bebidos nas fontes da Maçonaria, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e solidária, com fundamento na trilogia Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O Monumento Maçônico em nossa cidade erigido na confluência das ruas Vidal de Negreiros e João da Mata traduz para os cidadãos esta perene verdade.

Na feitura deste trabalho tivemos a preocupação de registrar os eventos principais da história da Loja, vinculando-os embora indiretamente com o trabalho de cada um de seus obreiros e, em particular, daqueles que tiveram reconhecidos seus méritos comunitários com os seus nomes propostos na Câmara de Vereadores para identificação dos logradouros de Campina Grande. Acrescemos a esta listagem nomes de maçons que fizeram a História do Brasil.

São 124 maçons da Regeneração Campinense que hoje são nomes de ruas, travessas, avenidas e praças da cidade, o que demonstra a importância da Loja para Campina Grande pelos serviços prestados diretamente pela Loja, por suas entidades paramaçônicas e pelos próprios maçons.

A história da Loja denota o trabalho denodado de seus obreiros, focado na construção de um edifício social fraterno. O trabalho humanitário de assistência social se dá pelas ações nos campos da saúde, da educação e da filantropia, através do Hospital, da Escola e da Loja. O relacionamento comunitário pelas ações profissionais e políticas dos maçons.

A pesquisa, todavia, não tem a pretensão de ser exaustiva, apontando todos os fatos históricos mesmo considerados relevantes e resgatando toda a memória, em face do extenso e amplo universo das ações da Loja, do Hospital, da Escola e dos maçons, associado ao fato das dificuldades de levantamento minucioso das informações.

Os eventos descritos sobre o Hospital, a Escola, a Loja e suas demais entidades são aqueles que diretamente se acham relacionados com a vida da cidade de Campina Grande. Os comuns do cotidiano poderão integrar o relato da vida de cada uma dessas instituições em trabalhos outros.

A lista de logradouros com os nomes dos maçons da Loja poderá não estar completa, haja vista a insuficiência de dados constantes dos arquivos da Câmara de Vereadores e da própria Loja. As proposituras pelos edis de nomes de ruas, avenidas e praças de Campina

Grande remontam aos meados do século passado, não tendo sido todos os nomes dos logradouros campinenses objeto de apreciação e aprovação pela Câmara. Existem nomes já legalmente sancionados, mas ainda à espera de alocação em logradouros a serem abertos. E nem sempre os projetos de lei contêm dados detalhados que possam distinguir com segurança as pessoas notadamente as de nomes homônimos.

Os registros na Loja se limitam aos assentamentos da vida maçônica dos obreiros, faltando-lhes dados mais precisos da vida pessoal de cada um deles. As fotografias são da época e constantes dos livros de matrícula de obreiros da Loja, algumas foram digitalizadas de publicações diversas e várias outras não puderam ser obtidas. O arquivo "on line" da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos apresentou-se também desatualizado, não constando logradouros já existentes à falta de cadastramento.

Não foram, porém, poucas as fontes consultadas, jornais e revistas folheados, livros pesquisados, arquivos institucionais e pessoais rebuscados, pessoas entrevistadas, para que pudéssemos retratar ao máximo a história e a memória maçônica de Campina Grande. Até a presente data não havia qualquer publicação que tratasse desse tema, de modo tal que este primeiro esforço constituirá um marco determinante para a historiografia maçônica campinense que se abre aos estudiosos.

O historiador quando escreve, pertença a que religião, sociedade ou partido que pertencer, só deve estar comprometido com a verdade histórica. Seguindo este princípio, a preocupação maior que tivemos foi a de registrar com fidelidade apenas os fatos históricos, sem incursões sobre seus aspectos sociológicos, econômicos e políticos. As limitações da investigação pelas dificuldades enfrentadas levaram-nos a esta condição. Mesmo assim, por sua originalidade o trabalho impõe-se como um referencial, prestando-se inclusive para nortear futuros aprofundamentos.

O Autor.

A MAÇONARIA

Pessoas de diversas classes sociais e não integrantes dos quadros da Maçonaria muito têm discutido acerca desta Instituição e, em geral, têm conseguido estabelecer um denominador comum em torno do qual ela é tida como instituição filantrópica. Ouve-se também muito falar, de que a Maçonaria é apenas uma sociedade de auxílio mútuo, na qual os seus membros têm a certeza e a garantia de que jamais sofrerão privações de ordem material. Esta imagem encontra-se tão disseminada, que tem sido comum aos maçons obterem grande número de respostas neste sentido, quando de suas indagações feitas às pessoas que se candidatam a ingressar na Ordem Maçônica, ou mesmo quando sentem informalmente suas opiniões.

Para os maçons, tal interpretação não constitui nenhuma novidade, pois, ela decorre precisamente da falta de um conhecimento mais aprofundado das pessoas sobre a Maçonaria que, por sua vez, não se faz difundir com maior veemência, tendo em vista o caráter de discrição que a norteia em sua forma de agir na comunidade.

É bem verdade que, quando um homem pretende tornar-se maçom, deve estar preparado para servir, para dar de si tudo o que possa favorecer o exercício da beneficência que, na Maçonaria, não se exprime somente na ajuda material, mas também nos aspectos moral e social da vida humana. Não é necessário que o pretendente seja rico, pois, se assim ocorresse, somente os ricos seriam beneficentes e a Maçonaria estaria composta apenas de homens financeiramente ricos. Basta, somente, que o pretendente possa dispor de recursos que lhe permitam contribuir para os mais necessitados, sem que para isto, sua família, pela qual a Maçonaria dedica zelo e respeito, seja sacrificada. O que é importante observar e ter sempre na memória, é que todo aquele que busque ingressar na Maçonaria deverá fazê-lo com o firme propósito de contribuir, com a tenaz disposição para trabalhar em benefício do próximo, e nunca com o intuito de receber. Se alguém procurar nela

ingressar com a intenção de usufruir dela, este não está apto a ser maçom e, muito menos, a praticar a beneficência.

Ocorre, todavia, que por conta de uma deliberada escassez de divulgação dos seus princípios, de seus objetivos, de sua história, de suas obras, de seus feitos sociais, enfim, de sua ação sobre o homem e a sociedade, continua a Maçonaria desconhecida para muitos e até não entendida para tantos outros, os quais, se melhor informados, estariam possivelmente compartilhando dos seus altos ideais. Em realidade, a Maçonaria tem compromissos muito maiores com a Humanidade que a simples prática da filantropia, pois, encontra-se permanentemente empenhada na construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais feliz.

Ora, estando a Maçonaria preocupada na construção de uma sociedade equilibrada, onde impere a fraternidade entre seus membros, não é admissível que ela seja tão somente uma sociedade de auxílio recíproco. Tanto que, seus objetivos são muito grandiosos, pois, requerendo dos seus adeptos e daqueles que a buscam, inteligência e maturidade necessárias à compreensão de sua doutrina e à absorção dos seus princípios, e ainda exigindo dos mesmos que sejam livres e de bons costumes, torna-se uma Fraternidade Universal, de caráter eminentemente filosófico e que se volta para o aperfeiçoamento moral, espiritual e social do Homem. Portanto, não é a prática da solidariedade fraternal por ela realizada, que deverá conduzir à conclusão de que a Maçonaria seja uma instituição essencialmente filantrópica, mas sim, que esta ação constitui apenas um dos inúmeros serviços da Maçonaria para com a Humanidade e, por conseguinte, para com seus filiados.

Outras colocações comumente apresentadas por não maçons, são as de que a Maçonaria é uma sociedade secreta, ou um clube político ou uma religião. Analisemos, pois, estas questões.

Por sociedade secreta entende-se aquela que exerce atividades clandestinas, que procede à margem da lei e que, por isto,

oculta os nomes dos seus associados. O que ocorre, pois, com a Maçonaria? Toda Loja Maçônica tem os seus estatutos devidamente registrados nos Cartórios de Títulos e Documentos das comarcas onde têm sede. Possui domicílio certo e seus membros são conhecidos de todas as autoridades e cidadãos. O que há de secreto na Maçonaria são determinadas coisas que somente interessam aos maçons, como existem segredos que interessam apenas a algumas pessoas dentro de uma indústria, de uma firma comercial e mesmo de uma família. É certo que nenhuma pessoa que não seja maçom pode assistir às suas reuniões privadas, porém, é certo também que qualquer cidadão livre e de bons costumes que desejar tornar-se membro da Ordem poderá fazê-lo, desde que sua conduta e seus antecedentes não constituam dificuldades que possam impedir a sua admissão. Comparada, pois, com outras sociedades, é mais apropriado dizer-se que a Maçonaria é uma sociedade fechada, uma sociedade discreta, uma sociedade reservada, porém, nunca secreta, face aos elementos que caracterizam tal tipo de sociedade hodiernamente.

Por outro lado, longe está de ser a Maçonaria um clube político, vez que seus objetivos se encontram acima dos princípios de qualquer partido político. Claro que a Maçonaria adota uma política de atuação na comunidade, mas tal política não compreende programas ou idéias partidárias, mas sim, todo um direcionamento voltado para o bem-estar social, independente de interesses grupais ou de ambições pessoais. O que pode ocorrer é que alguns princípios de programas políticos coincidam com certos objetivos maçônicos. Quando isto acontece, então compromissos podem ser assumidos, geralmente entre o maçom, na qualidade de cidadão, e seu partido político, e nem sempre em nome dele próprio como maçom ou em nome da Maçonaria.

É bem verdade que no passado, a Maçonaria não só participou, mas inclusive orientou e conduziu movimentos de libertação dos povos oprimidos pelo poder absoluto da monarquia ou da ditadura. A Revolução Francesa, a Inconfidência Mineira, a Independência do Brasil, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a

libertação dos paises europeus e latino-americanos, e tantos outros feitos históricos mundiais, registram a presença atuante da Maçonaria, que sempre tem pugnado pela adoção e manutenção entre os povos, dos ideais republicanos e dos princípios democráticos.

Não restam dúvidas que tal atuação é eminentemente política, tanto que, nos paises que não adotam o regime democrático, bem como em nações que durante algum tempo estiveram ou estão submetidas a um poder ditatorial, a Maçonaria não tem conseguido legalmente sobreviver dadas às perseguições feitas contra ela, pelo fato de ser uma instituição defensora dos ideais libertários que norteiam os povos. Contudo, no interior dos seus templos, discussões relativas à política partidária e à religião são evitadas, proibidas até, a fim de que possam reinar a paz e a concórdia no seio dos Irmãos, a disposição unânime de ajuda à humanidade e a condição vanguardeira da ordem e do progresso social.

Desta forma, a Maçonaria não tem sido um clube político, na acepção do papel exercido por um partido político. Tem ela, sim, adotado uma posição política no sentido da permanente defesa do bem-estar social, não importando a matiz política de tal ou qual medida, programa ou ação externa. Sua maior preocupação é o aumento da felicidade humana, que procura constantemente, mediante o ensino e a prática do amor às virtudes, do respeito à religião, da obediência às leis e da defesa à liberdade de pensamento.

Por fim, também não é a Maçonaria uma religião, no sentido a que se dá à religião propriamente dita. Isto porque não existe nela nenhum dogma, nenhuma crença e nenhum sistema de moral que exclusivamente pertençam a ela. No dizer do insigne maçom Nicola Aslan, "os dogmas da Maçonaria não são outra coisa senão os conhecimentos humanos em estado de realidades positivas, de leis constatadas ou de axiomas matemáticos; a sua moral não é senão a moral eterna da humanidade, liberta de toda intervenção milagrosa; as suas crenças são as de todo o mundo, neste sentido que a fé de cada um,

dependendo apenas de sua consciência, pode revestir todas as formas possíveis do ideal". Ela não é religião ainda porque abriga homens de todas as crenças, respeitando-as e estimulando-as; porque não impõe preceitos religiosos e nem adota uma doutrina imutável; porque incentiva a todos os seus adeptos a pesquisar incessantemente a Verdade, pois reconhece que inexiste uma verdade definitiva que não possa ser objeto de investigação e de crítica; porque ela não constitui uma igreja confessional, mas sim, um centro de união que liga seus filiados em torno de um alto princípio: a existência de um Ser Superior, denominado Grande Arquiteto do Universo, como símbolo de respeito por todas as crenças e concepções religiosas.

Assim, embora a Maçonaria não seja religião, possui espírito religioso, pois não aceita em seus quadros nenhum "estúpido ateu" e nenhum "irreligioso libertino", conforme prescrevem as Constituições Maçônicas. No entanto, mesmo não sendo a Maçonaria uma religião, nada impede que, para aqueles que abandonaram as práticas de sua confissão, possa ela transformar-se numa religião. Exatamente pelo fato de que, mesmo não existindo nela um corpo de sacerdotes ou pastores, nem uma teologia institucionalizada, imperam nela o espírito de uma comunhão universal entre os homens, os meios de aperfeiçoamento e engrandecimento espiritual, moral e social, a crença em Deus e em sua Justiça, o princípio da tolerância e o amor a Deus e ao Homem. A Maçonaria, pois, não é uma religião, no sentido estrito da palavra, no entendimento de uma teologia no sentido eclesiástico da palavra, mas sim, uma religião no sentido de religar os homens entre si por uma sabedoria original e por uma moral inigualável. Somente por estas questões é que os maçons podem conceber a Maçonaria como uma religião, "a religião em que todos os homens estão de acordo", e que consiste em "serem bons, sinceros e honrados, de modo que possam ser diferenciados dos outros".

Se a Maçonaria, então, não é uma organização de auxílio mútuo, uma instituição filantrópica, uma sociedade secreta, um clube político, uma religião, o que vem a ser a Maçonaria?

A admissão de candidatos na Maçonaria processa-se através de uma cerimônia denominada Iniciação. Através desta cerimônia é que são estabelecidos os vínculos entre os maçons, que se tornam perpétuos. Daí porque se diz que, uma vez iniciado maçom, eternamente maçom, mesmo que não integre mais os seus quadros.

A iniciação, no entanto, não tem como fim único ou primordial, o estabelecimento deste liame solenemente perpetuado pelo juramento, mas visa também conduzir o candidato a uma atitude de introspecção e reflexão para iniciá-lo em uma nova vida. Sua recepção, pois, é bastante diferente de quaisquer outras sociedades, vez que, na Maçonaria ele gradualmente irá tomando ciência dos mistérios dos seus ritos sagrados, que abrirão as portas de sua consciência e de seu coração para um mundo de luz e perfeição. As cerimônias simbólicas de iniciação, hoje não mais guardando o rigor das solenidades antigas, são de grandiosa importância para os maçons, porque são através delas que o iniciado ascende à verdadeira iniciação, a iniciação esotérica, a iluminação, como resultado do processo de sua evolução.

O objetivo maior da iniciação e, portanto, da Maçonaria, é o auto-aperfeiçoamento moral, espiritual e social, é a busca da perfeição, é alcançar a iluminação. Por isto, a Maçonaria é, em toda sua substância, uma escola de sabedoria iniciática, e como tal, exige dos seus membros e daqueles que a procuram, ter bons costumes e reputação ilibada, possuir grau de instrução que permita à compreensão, aplicação e difusão das idéias da Instituição, ter meio de vida lícito, não professar ideologias contrárias aos princípios maçônicos e ao regime da Nação, acreditar na existência de Deus e na imortalidade da alma, estar civilmente emancipado e possuir reais condições para a prática da beneficência. Com estes requisitos, qualquer homem que bater à porta dos seus templos, será bem recebido e passará a integrar as fileiras do exército de obreiros que trabalham sem cessar, tendo em vista o melhoramento sob todos os aspectos, do indivíduo e da sociedade. Para isto, no entanto, este trabalho interminável requer uma marcante presença maçônica no seio da comunidade, fato que inevitavelmente produz repercussões as

mais variadas. Daí, a impossibilidade de se definir a Maçonaria com termos limitados e precisos. Por isto, mesmo sendo uma escola iniciática, ela assume, por força de sua ação social, todos aqueles outros aspectos já mencionados, de uma organização de auxílio mútuo, de uma instituição filantrópica, de uma sociedade discreta, de um clube político e de uma religião. Em verdade, por uma razão dialética, ela é e não é tudo isto ao mesmo tempo, contudo, mesmo assim, algo nela é permanente: o grande ideal de construir o edifício social, monoliticamente rígido, assentado sobre as colunas, fortemente sólidas, da Razão, da Moral e o Trabalho.

Todo aquele, pois, que desejar ingressar na Ordem Maçônica, não deve imaginar ou admitir que ela é exclusivamente uma destas posturas, mas sim, que estas e outras mais constituem facetas da Instituição. Não deve também procurá-la por mera curiosidade, por interesses pessoais ou por simples atenção a um amigo que seja maçom. Ao solicitar ingresso na Maçonaria, deve estar o profano consciente de que sua admissão contribuirá para a realização dos objetivos da Ordem. Para tanto, é preciso que ele esteja disposto a fazer sacrifícios pela humanidade, que pretenda dominar suas paixões mediante o culto das virtudes, que deseje estudar a Maçonaria em seus postulados, em sua doutrina, em sua práxis e em sua história. Eis, pois, em breves palavras, o que é a Maçonaria.

UMA SÍNTESE DA AÇÃO POLÍTICA DA MAÇONARIA

A Maçonaria, muito embora marcadamente reconhecida por suas finalidades educativas e filantrópicas, é em verdade, uma instituição de características essencialmente políticas, exercendo sua atuação dentro dos limites da boa ética, no sentido da preservação das principais conquistas sociais da humanidade e da exaltação das idéias libertárias. É bem verdade que proibida é no interior dos seus templos a discussão política, a fim de que não seja quebrada a fraternidade e a harmonia que devem existir entre os maçons. Todavia, tal proibição é pertinente apenas à discussão político-partidária, pois este já tem o seu espaço ocupado pelos partidos políticos.

Seria paradoxal até dizer-se a Maçonaria uma instituição apolítica, se sobejamente conhecida é a ação maçônica nas lutas pela liberdade, pela paz e pelo bem-estar da humanidade. Na história das nações, através dos séculos podemos vislumbrar uma série de triunfos maçônicos em prol da conquista e manutenção da liberdade e da justiça social. A Revolução Francesa, a Declaração dos Direitos do Homem, a Declaração da Independência dos Estados Unidos, a Unificação Italiana, a libertação do México, Argentina, Chile, Venezuela, Colômbia, Perú e de outros paises latino-americanos, a luta subterrânea contra Hitler e Mussolini, a volta das franquias democráticas a Portugal e à Espanha, a Lei do Ventre Livre, a Extinção da Escravatura, a Inconfidência Mineira, a Guerra Farroupilha, a Independência do Brasil, a Proclamação da República, foram sem dúvida alguma, direta ou indiretamente, feitos heróicos da Maçonaria.

A Maçonaria, porém, não age como um partido político, nem como uma entidade de frente procurando rodar moinhos de vento, ou procurando uma luta para a divulgação pública através da imprensa. Sua luta tem sido sempre uma luta de doutrinação, uma luta a*partidária*, uma luta sem preconceitos. Sua ação se dá pelo exame dos problemas

político-sociais, pelo planejamento das soluções que lhe são adequadas e pela escolha da posição a ser adotada pelos maçons em face dos mesmos, na sociedade civil. Este é que o grande trabalho político das lojas maçônicas, pois, com ciência e imaginação, os problemas sociais são estudados, resultando das discussões idéias sábias que, disseminadas na sociedade pelos maçons, fazem estes a obra de propaganda oculta, que é a verdadeira ação política maçônica.

A Maçonaria, e particularmente a Maçonaria do Brasil, tem assim permanecido atenta às grandes questões nacionais e contribuído mediante sua forma pacífica e discreta de ação, para a solução dos problemas da nação. Seu trabalho, que sempre se dirigiu à elevação moral, espiritual e social do homem, à melhoria das condições de bem-estar da sociedade e ao aperfeiçoamento permanente das instituições democráticas, não tem tido conotações com qualquer corrente de cunho político-partidário, mas tão somente com os postulados da Justiça Social, da Verdade e do Trabalho.

Exemplos desta ação estão registrados em inúmeros momentos da história, entre os quais destacamos: a propositura feita a Dom Pedro I, em 1822, para a convocação de uma Assembléia Legislativa e Constituinte, objetivando a formação de um Estado e de uma Nação livres e independentes; o apelo público feito pelas Grandes Lojas do Brasil, em 1982, ao Presidente da República, para a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte a ser elaborada por representantes diretamente delegados pela vontade popular; o manifesto divulgado pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, em 1984, advertindo aos segmentos responsáveis pela Administração Pública, pelos Partidos Políticos e Entidades Privadas, da necessidade premente de retorno à normalidade institucional-democrática, com a retomada do desenvolvimento econômico, político e social, como caminhos indispensáveis à conquista do bem comum e da grandeza da pátria; em 1986, a convocação interna e a manifestação pública, com vistas a atender o anseio da nação de total reformulação do Estado, mediante a vigência de um novo Estatuto Constitucional, que possibilitasse o reordenamento

das instituições nacionais e que contivesse normas que protegessem o povo e a sociedade, contra desmandos e aventuras prejudiciais aos mais elevados interesses da nacionalidade; em 2000, a denúncia de que a crise sócio-econômica vivida pelo país resulta da política governamental de privilégio do econômico sobre o social, ante a manutenção a qualquer custo do plano de estabilização da moeda e de alinhamento à globalização da economia, vinculada a regras traçadas pelo Fundo Monetário Internacional; em 2001, a conclamação ao povo brasileiro, no sentido de que as autoridades constituídas adotem posições enérgicas e definitivas para a solução de graves problemas sociais, que têm levado a nação ao caos moral, social, político e econômico; em 2005, o repúdio à corrupção que hoje corroe as instituições que alicerçam o Estado Democrático de Direito, pondo em risco a própria governabilidade, exigindo ampla e rigorosa apuração dos fatos, com punição exemplar dos responsáveis; e agora neste ano de 2006, vem a proclamar a imediata necessidade de que os Poderes da República retornem ao eixo de equilíbrio para que se restabeleça o bem estar do povo brasileiro. A sociedade brasileira está estarrecida e impotente diante de uma seqüência interminável de escândalos que envolvem a dilapidação do patrimônio público pelos mais diversos tipos de assaltantes dos cofres públicos, enquanto os poderes constituídos se quedam inertes, conflitando-se entre si. O Poder Executivo governa abusivamente através de medidas provisórias, o Poder Legislativo obstrui a elaboração de leis que venham ao encontro dos reais interesses do Povo e da Nação e o Poder Judiciário retarda a prestação jurisdicional em verdadeira denegação da Justiça. É impossível desconhecer-se a falta de segurança nas ruas e nos lares e que se alastra ao meio rural fomentando a agitação social, o incremento da circulação das drogas alucinógenas que tem ceifado vidas de nossos jovens, a permanente tendência de privatização da educação pública, o desprezo pela vida que torna cruel o sistema de saúde pública, o crescimento permanente do índice de desemprego, o descompromisso com a proteção da região amazônica, do meio ambiente e dos recursos naturais, a inércia no tocante aos problemas das desigualdades regionais, a desumana concentração de renda que faz o rico tornar-se mais rico e o pobre mais miserável, a volumosa corrupção ativa e passiva que desagrega o sistema sócio-político brasileiro, a crise

de ética política e social que desacredita os dirigentes da Nação e os representantes do Povo. Vê-se, pois, por tudo isto exposto, que a Maçonaria tem sido sempre defensora incansável da democracia, da liberdade e dos direitos humanos.

No dia 20 de Agosto, toda a Maçonaria Brasileira comemora o Dia do Maçom. Tal comemoração nessa data prende-se ao fato de ter sido realizada no Rio de Janeiro, em 20 de Agosto de 1822, a histórica Assembléia Geral do Povo Maçônico, na qual foi aprovada a moção apresentada por Gonçalves Ledo, de proclamação da independência do Brasil.

Naquela data, o Primeiro Grande Vigilante do Grande Oriente do Brasil, Irmão Joaquim Gonçalves Ledo, na ausência do Grão Mestre, Irmão José Bonifácio de Andrada e Silva, presidiu a Assembléia Geral dos Maçons, que estava composta pelos obreiros pertencentes às Lojas Maçônicas Metropolitanas "Comércio e Artes", "União e Tranqüilidade" e "Esperança" de Niterói. Segundo o historiador Tito Lívio, ficou registrado em ata que nessa sessão o Irmão Gonçalves Ledo pronunciou "um enérgico e fundado discurso, demonstrando com as mais sólidas razões, que as atuais políticas circunstanciais de nossa Pátria, o rico, fértil e poderoso Brasil, demandavam e exigiam imperiosamente que a sua categoria fosse inabalavelmente firmada com a proclamação de nossa independência e da Realeza Constitucional na Pessoa do Augusto Príncipe Perpétuo Defensor do Brasil". A ata de reunião ainda registra "que esta moção fora aprovada por unânime e simultânea aclamação expressada com o ardor do mais puro e cordial entusiasmo patriótico".

Levando-se em consideração seus princípios de liberdade e a preparação sigilosa nos seus Templos para a libertação nacional do jugo português, o Grito do Ipiranga nada mais foi do que o eco daquilo que já ficara resolvido e decidido naquela assembléia de 20 de Agosto. Dom Pedro I, que já havia sido iniciado nos Augustos Mistérios da Maçonaria, e que se tornou posteriormente Grão Mestre da Ordem, ratificou em ato público e político o que o Grande Oriente do Brasil já

deliberara naquela memorável sessão. Historiadores renomados asseguram este fato, entre eles Gustavo Barroso, quando afirmou que "a Independência do Brasil foi realizada à sombra da Acácia, cujas raízes prepararam o terreno para isso"; Adelino de Figueiredo, na sua afirmativa de que "ninguém ignora as quatro paredes dos templos maçônicos"; Visconde de Porto Seguro, na sua afirmação de que "temos hoje a certeza de que a idéia e resolução primeira da proclamação de Dom Pedro como imperador e até a designação para o dia 12 de outubro, foi obra exclusiva da Maçonaria".

O papel que desempenhou a Ordem Maçônica no mais notável acontecimento da História do Brasil foi tão importante e decisivo para a evolução social e política da Nação, que o Sete de Setembro se transformou na realidade dos sagrados ideais maçônicos de Amor à Liberdade. Os maçons brasileiros, no seu Dia, podem regozijar-se de pertencer à Sublime Ordem Universal do Esquadro e do Compasso. Em verdade, embora os compêndios escolares omitam a atuação maçônica nos movimentos libertários e de emancipação política, sempre coube à Maçonaria posição de destaque em tais ocorrências. Portanto, se a data de 7 de Setembro significa para todos os brasileiros o dia magno de consagração à Liberdade, o dia 20 de Agosto representa para os maçons o marco que os faz recordar das lutas e das vitórias da Instituição em prol da liberdade política da Nação.

Ambas as datas têm, pois, para os maçons brasileiros, alta representatividade em seus corações e em suas consciências, pois simbolizam as chamas vivas da luta inextinguível contra as garras esmagadoras da tirania e da opressão. Mais do que isso, esta data deve servir para nos lembrar que a luta pela independência não terminou, que o patriotismo não deve servir somente para demonstrações festivas, mas sim, como um sentimento vigoroso, que em todas as ocasiões deve estar latente em nosso espírito, em nossa mente, impulsionando-nos a agir com otimismo, a trabalhar com perseverança e a buscar sempre as melhores soluções para o bem-estar de nosso povo e de nossa querida pátria.

Nos tempos de paz, temos a obrigação de contribuir com nosso esforço, e até com sacrifício se preciso for, para se alcançar o bem comum, pois existe o patriotismo da paz da mesma forma que existe o patriotismo da guerra. Um dos mais importantes meios para nossa atividade patriótica é estarmos sempre alertas contribuindo em todos os momentos, em todos os segmentos de nossa participação na sociedade, dando o melhor de nossos esforços, com sinceridade, honestidade, altruísmo e fraternidade, para a realização de nossos objetivos.

Quando nós nos revestimos da qualidade de maçons, assumimos redobradas responsabilidades como cidadãos e como membros da Maçonaria, e temos o dever, conhecendo os princípios fundamentais da Ordem, de lutar e trabalhar no sentido de ajudar e servir esta terra maravilhosa.

Cada um de nós, maçons, nos orgulhamos de pertencer à Ordem, não somente pelo que ela tem feito através dos séculos pela emancipação dos povos em todo o mundo; pelo impacto que ela causou nas lutas pela independência; pelo que ela tem feito em favor dos desamparados, dos órfãos, das viúvas; pelo seu merecido prestígio. Mas também porque nossa Ordem continua até hoje preservando os ideais pelos quais lutaram os irmãos que nos antecederam, seguindo seus exemplos e preparando, com os mesmos objetivos, os que continuarão a obra no futuro; porque ela continua a ser fiel guardiã dos anseios de liberdade, igualdade e fraternidade; porque ela persevera em seu trabalho diuturno, buscando a perfeição para a humanidade; porque ela acompanha passo a passo os acontecimentos mantendo-se atualizada e sempre pronta a dar a sua colaboração para se obter a harmonia, a paz e o bem-estar do povo.

Nos dias atuais, continuam participando da Maçonaria valiosas pessoas, em todos os setores da vida nacional. No comércio, na indústria, nas profissões liberais, nas forças armadas, nos poderes legislativo, executivo e judiciário, como em todas as entidades públicas. Entre os políticos de todos os partidos, muitos são maçons. Em suas

atividades diárias, todos eles buscam, através do ideal maçônico, bem servir ao seu semelhante, e lutar pelo bem-estar do povo e pelo progresso do Brasil. Dentro desse espírito de participação na comunidade, desse acendrado ideal de servir, que é o objetivo da Maçonaria, muito se tem beneficiado a sociedade, pois todos os movimentos resultantes das atividades maçônicas têm sempre como meta principal a melhoria do povo e do bem-estar da humanidade.

Dentro desse espírito de otimismo e confiança é que nós maçons, mesmo reconhecendo a situação ainda angustiosa que vivemos, nestes momentos de dificuldades, devemos como maçons, unidos a todos os compatriotas, manter viva a chama da esperança de melhores dias. Temos o dever de fazer renascer esse ideal, torná-lo realidade, colocando-o em prática em todos os momentos e em todas as atividades de nosso viver, fazendo hoje, para vencer as dificuldades que se interpõem em nossos caminhos, o mesmo que fizeram nossos Irmãos em 1822, ou seja, lutarmos por nossa independência e precipuamente, por nossa independência econômica.

A crise que ainda se defronta o país possui características peculiares e se tornou agravada por formulações equivocadamente ajustadas, cujas repercussões política e social foram negativas sobre a qualidade de vida do nosso povo. Mas, estamos confiantes na formulação de um grande projeto nacional, contendo os indispensáveis subsídios de todos os segmentos sociais, com o pressuposto básico do aperfeiçoamento democrático, do desenvolvimento acelerado das regiões mais pobres, notadamente do Nordeste, e da melhor redistribuição da renda nacional, pois tal projeto irá recolocar o país frente a frente com seu futuro, fazendo ressurgir o bem mais escasso no Brasil de hoje, que é a esperança.

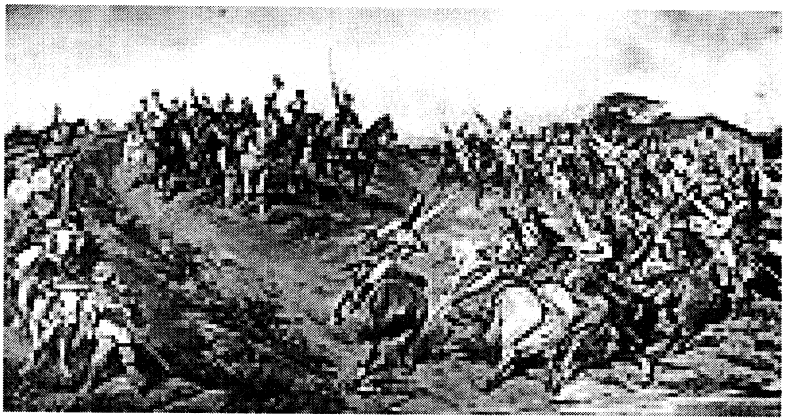
Nesse contexto, a Maçonaria dará, mais uma vez, sua valorosa contribuição para unir o povo brasileiro em busca da solução da crise econômica e social que nos aflige. Devemos implantar nos trabalhos das oficinas os métodos para fazer renascer a esperança e o

orgulho na consciência de cada cidadão. Devemos lutar para que cada brasileiro resgate a sua dignidade, que será representada pelo direito à habitação, emprego, saúde e educação. Devemos trabalhar por um objetivo comum, no qual possamos unir todos os setores da sociedade em busca da recuperação do Brasil. Devemos cada vez mais estimular a prática da sabedoria, da tolerância e o exercer da fraternidade.

A Maçonaria tem, neste momento, mais uma vez uma grande oportunidade de reafirmar-se no processo histórico brasileiro, diante das eleições gerais de 2006. Unamo-nos ao nosso povo que sempre soube enfrentar dificuldades e encontrar soluções. Unidos em um mesmo espírito de solidariedade, em uma mesma cadeia de união, demo-nos às mãos e juntos, com o sacrifício que for necessário, trabalhemos para a construção de um futuro radiante e esplendoroso para nosso querido Brasil, sob a proteção e iluminação do Grande Arquiteto do Universo.

A mensagem da Maçonaria é de transcendental importância para toda a sociedade, em face do papel que ela tem a cumprir para o bem da humanidade. Não tivesse ela essa mensagem, já teria desaparecido na voragem do tempo, pelas perseguições de que foi vítima, pelas injunções políticas contrárias à sua trilogia de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pelo inconformismo de seitas e ideologias imbuídas de fanatismo. Ela, entretanto, sobrepuja todas as adversidades e acaba triunfando, pois, tem uma missão sagrada a cumprir e que é a luta pelo aperfeiçoamento do homem. Toda sua simbologia, toda sua doutrina, todo seu ritualismo, têm por objetivo esse aperfeiçoamento, pois nele reside a base do bem-estar, da paz, da harmonia e da felicidade de toda a humanidade.

INDEPENDÊNCIA

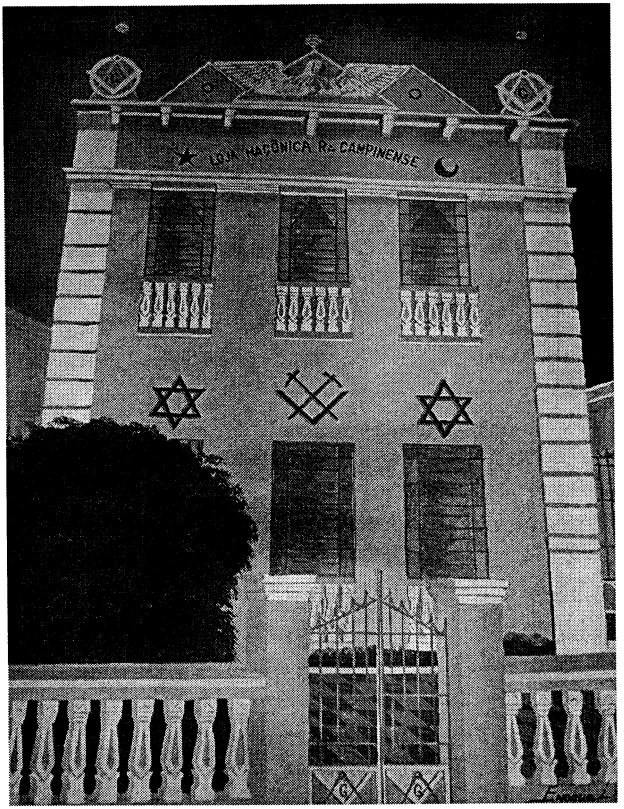


(Quadro Independência ou Morte, do maçom e pintor Pedro Américo)

A independência nacional foi concertada e proclamada entre as quatro paredes dos templos maçônicos. O grito de "Independência ou Morte" foi a declaração pública do que já havia resolvido a Maçonaria em sessão de 20 de agosto de 1822, da qual tomaram parte em assembléia geral do povo maçônico e sob a presidência de Gonçalves Ledo, as Lojas metropolitanas Comércio e Artes, União e Tranqüilidade e Esperança, de Niterói. Antigamente a rua Maciel Pinheiro em Campina Grande tinha esse nome em homenagem ao ato histórico que separou o Brasil de Portugal. A rua da Independência está situada no Bairro da Prata.

REPÚBLICA

Em 15 de Novembro de 1889, o marechal alagoano Manuel Deodoro da Fonseca, proclama no Rio de Janeiro a implantação da República. Este movimento político-militar acaba com a Monarquia e instaura no Brasil uma República Federativa. A Família Imperial foi desterrada para a Europa e o Marechal Deodoro da Fonseca assume a chefia do Governo Provisório e implanta a República, com um ministério totalmente constituído por Maçons: Aristides Lobo, ministro do Interior; Quintino Bocaiúva, ministro dos Transportes; Benjamin Constant, ministro da Guerra; Rui Barbosa, ministro da Fazenda; Campos Salles, ministro da Justiça; Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha; e Demétrio Ribeiro, ministro da Agricultura. A primeira Constituição republicana, inspirada por Rui Barbosa, foi aprovada e promulgada em 24 de Fevereiro de 1891, estabelecendo o presidencialismo e o federalismo. As ruas 15 de Novembro e da República estão situadas respectivamente nos Bairros da Palmeira e São José.



(Prédio Antigo da Loja Regeneração Campinense. Óleo sobre Tela de Enoque Limeira)

A LOJA REGENERAÇÃO CAMPINENSE

Fundada em 19 de Agosto de 1923 por uma plêiade de homens de elevado comportamento moral, sob os auspícios do Grande Oriente do Brasil, que procedeu a sua regularização em data de 8 de dezembro de 1924, a Loja recebeu o título distintivo de Regeneração Campinense por proposição dos Irmãos Almir Silva e Luiz Dália. Em 20 de fevereiro de 1924 instalou seu templo. Desde sua fundação passou a funcionar na rua Maciel Pinheiro, num sobrado que pertencia à família de Ivo Macacheira, até que em 1925 o Irmão Artiquilino Dantas doou um terreno na rua Vidal de Negreiros, para que ali fosse construído o seu Templo definitivo, cuja sagração aconteceu em 24 de junho de 1926. Para tanto a Loja tomou por empréstimo junto aos Irmãos 40 contos de réis, participando cada um deles com 100 réis, valor que posteriormente os 40 Irmãos abriram mão em favor do Hospital Pedro I.

Foram eles os fundadores: Targino da Costa Barbosa, Gasparino Barreto, Alfredo Carneiro da Cunha, Augusto Felipe Santiago, Luiz Dália, Juvino de Souza do Ó, José Maia Filho, Olímpio Ferreira Barros, Luiz Tavares, Leocádio Bezerra Cavalcanti, Manoel Correia da Costa Vasconcelos, Ernani Lauritzen, Manoel Araújo Souto, Antonio Gomes da Silveira, Claudino Gabino de Oliveira, José de Almeida Júnior, João de Macedo Filho, Martiniano Martins Lins, João Itamar, João Araújo, Lino de Oliveira Cavalcanti, Luiz Tavares Wanderley, José de Almeida Pequeno, João Uchoa, José Branco Ribeiro, Francisco Maria, Sebastião Lira Gomes Pedrosa, Venâncio dos Santos, José Timóteo de Morais, Severino Pimentel, Almir Silva, Joaquim Pereira dos Santos, João Ferreira de Matos, Severino Gomes da Silva, Ildefonso Aires, Manoel Almeida da Silva, Methódio Câmara, José Barros Ramos, Manoel Feliciano do Nascimento, Lino Gomes da Silva e Luiz Lyra.

Por esta época, o Grande Oriente do Brasil estava em conflito com o Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para o Brasil, motivado por uma desinteligência ocorrida entre o

Grão Mestre Geral da Ordem, Irmão Octávio Kelly e o Soberano Grande Comendador do Rito, Irmão Mário Behring. A Maçonaria Brasileira se abalava nos seus alicerces e diante do conflito que afrontava as leis maçônicas universais, a Regeneração Campinense composta de honrados cidadãos amantes da paz e da justiça, inevitavelmente fez estender o seu espírito de luta.

Abraçando o movimento de emancipação da Maçonaria Simbólica, rejeitou a obediência ao Poder Maçônico Central Brasileiro, uniu-se às Lojas Simbólicas Branca Dias e Padre Azevedo, sediadas em João Pessoa, e juntas fundaram a 24 de Agosto de 1927 a Grande Loja Maçônica da Paraíba.

Desta data aos dias atuais, tem sido a Loja Regeneração Campinense a timoneira do progresso maçônico no Estado. Reconhecida pela própria Grande Loja da Paraíba como uma loja modelo dentre as existentes no País, já em 24 de Agosto de 1933 a Regeneração Campinense recebia da Grande Loja o título de Benemérita e em 20 de Novembro de 1938, o título de Benfeitora.

Naquele longínquo ano de 1926 a Loja inaugurava o seu Templo, onde hoje se encontra localizada. O pequeno prédio, de forro e assoalho de madeira, de linhas arquitetônicas antigas, em face das novas necessidades que surgiram ante o intenso desenvolvimento comercial que experimentava a cidade teve, todavia, que ceder o espaço que ocupava para dar lugar a um edifício imponente, construído com base nas mais aprimoradas técnicas de engenharia e arquitetura, para melhor poder oferecer condições de conforto e de trabalho. Assim, no ano de 1963, na gestão do Venerável Mestre Aroldo Cavalcanti Cruz foi o prédio demolido e em 20 de junho de 1968, na gestão do Venerável Mestre Raimundo Gadelha Fontes o novo Templo era consagrado à Glória do Grande Arquiteto do Universo.

O Venerável Mestre Ailton Elisiário de Sousa em 1981 fez acrescer ao prédio um anexo com três pavimentos, estando atualmente

com uma área construída total de 1.000m² e, em 2003, dotou o prédio com um elevador, atendendo aos anseios dos Irmãos idosos, que se viam impossibilitados de participar das reuniões da Loja que se realizam no Templo instalado no terceiro pavimento do prédio.

Reconhecida de utilidade pública pela Lei nº 5.859, de 7 de Janeiro de 1994, sancionada pelo então Governador Cícero de Lucena Filho, a Loja Regeneração Campinense é celeiro de grandes vultos da vida pública campinense, dentre eles o Governador Argemiro de Figueiredo; os Prefeitos Ernani Lauritzen, Plínio Lemos, Severino Cabral, Evaldo Cruz, Juvino do Ó, Lafayette Cavalcanti, Raimundo Viana; os Deputados Ildefonso Ayres, Otávio Amorim, Generino Maciel, Jader Medeiros; os Vereadores Lindaci Medeiros, Augusto Ramos, Pedro Sabino, Luiz Marinho, Américo Porto; os Educadores Anésio Leão, Almeida Barreto, Alfredo Dantas, Wilson Furtado; os Reitores José Figueiredo, Guilherme Cruz, os Escritores e Artistas Epaminondas Câmara, Severino Pimentel, José Santos, João Araújo, Samuel Simões, Pedro d´Aragão; os Médicos Arlindo Corrêa, Severino Cruz, Gilvan Barbosa, empresários comerciais e industriais, funcionários dos setores privado e público e tantos outros artífices da história de Campina Grande. Atualmente, são 124 nomes de maçons da Regeneração Campinense que identificam os logradouros da cidade, corroborando a incontestável prova da importância da Loja na vida de Campina Grande.

SERVIÇOS À COMUNIDADE

A Regeneração Campinense, desde que foi criada, que se voltou para a prestação do serviço à comunidade. Já no ano de 1925 o Venerável Mestre Arlindo Correia falava sobre a criação de uma escola, lembrando para a sua sede a parte térrea do prédio da Loja. Em 1926 um outro sonho era acalentado por aqueles nossos irmãos, qual fora a construção de um hospital que pudesse atender satisfatoriamente a população de Campina Grande, que crescia em ritmo acelerado e não dispunha de nenhuma casa hospitalar.

Reuniram-se os irmãos Severino Henrique Cruz, João Arlindo Corrêa, Martiniano Martins Lins, João Miguel de Morais, Sebastião Alves de Oliveira, Rodrigo Farias, Heráclito Santos, Luiz Dália, Protásio Ferreira da Silva, Benedicto Venâncio dos Santos e Wilson Viriato de Medeiros e recorreram ao Professor Clementino Gomes Procópio para pedir-lhe a doação de um terreno para a construção de um hospital. Em seu leito de enfermo e recusando ter o seu nome como distintivo daquela casa hospitalar, o professor Clementino Procópio fez a doação de um terreno, exatamente no local onde sonhara construir um grande colégio, pedindo apenas que lhe fosse dado o nome de Hospital Pedro I, em homenagem ao fundador de nossa nacionalidade.

Fundado em 31 de outubro de 1926, o primeiro hospital de Campina Grande teve lançada a sua pedra fundamental em 2 de janeiro de 1927 e iniciada sua construção com o aproveitamento de parte dos alicerces daquele futuro educandário. Anos de sacrifícios se sucederam e após muita luta e muita perseverança, em 7 de setembro de 1932 era o hospital inaugurado. O grande sonho se tornava realidade e Campina Grande se orgulhava de possuir em seu seio valorosos homens e uma valorosa instituição. No mesmo edifício foram instalados com a interveniência da Cruz Vermelha o Centro de Saúde do Estado e o Posto Médico do Município, dirigidos respectivamente pelos maçons médicos João Arlindo Corrêa e Severino Henrique Cruz.

Não parou aqui, no entanto, a obra maçônica de progresso. A saúde é vital para o desenvolvimento de um povo, mas no mesmo nível se encontra a cultura, base por excelência da paz universal. Inspirados por tão nobre sentimento, os Irmãos Arlindo Corrêa e Luiz Dália, em 25 de maio de 1928 apresentavam o projeto da criação de uma biblioteca, que receberia o nome de Gonçalves Ledo. Em 19 de agosto do mesmo ano, a biblioteca era instalada com o nome de Arlindo Corrêa, em atendimento ao requerimento feito pelo Irmão Artiquilino Dantas. Posteriormente, ela recebeu uma estante que foi denominada Arlindo Colaço, em homenagem a este Irmão amante das letras.

As bibliotecas são as escolas mudas daqueles que pretendem esclarecer cada vez mais a inteligência, porque elas reúnem os melhores e mais abundantes elementos para o acompanhamento da evolução humana. A Regeneração Campinense, no entanto, não se contentou em oferecer à comunidade essa escola muda. Era preciso que fosse criada também uma escola viva, como sonhavam os Irmãos desde 1925. Assim, em 1948, o Irmão João Mangueira Neto doava à Loja um terreno situado no bairro de José Pinheiro, para que ali se desse início à construção de uma unidade de ensino, surgindo o Grupo Escolar Antonio Vicente, assim denominado em homenagem a este grande batalhador da causa maçônica, que veio a doar todos os seus bens para a escola. Este Grupo Escolar, hoje Escola de Ensino Fundamental, foi totalmente reconstruído obedecendo a um projeto arquitetônico e de engenharia civil dos mais modernos, onde abriga mais comodamente cerca de 1.000 alunos, filhos da população pobre de Campina Grande, que ali ensaiam os seus primeiros passos no mundo maravilhoso das letras e dos números, sem que a situação econômica dos seus pais lhes impeçam de progredir no caminho da cultura.

Ainda em 1931 aqueles Irmãos já aprovavam um projeto para a criação de uma estação de rádio para funcionar na sede da Loja. E nesse mesmo ano, os Irmãos Thomaz Soares, Benedicto Venâncio e Antonio Pimentel apresentavam a idéia da criação do Banco de Campina Grande, que funcionaria sob o patrocínio da Loja, tendo o Irmão Severino Freire Filho proposto que as rendas das ações representativas do capital fossem destinadas ao Hospital Pedro I. A proposta foi aprovada em sessão extraordinária de 16 de agosto de 1931 e em sessão de 11 de setembro o Venerável Mestre já comunicava a transferência de dinheiro depositado em outros bancos para o Banco de Campina Grande.

Em 1932 falecia o Interventor da Paraíba Antenor Navarro. Era uma época de muita seca no sertão e a Loja havia criado um programa de ajuda aos filhos dos flagelados denominado Gota de Leite. O Irmão João Tavares propusera na moção de luto que a Loja havia declarado que se desse o nome de Antenor Navarro àquele

programa e à enfermaria para crianças quando da inauguração do Hospital.

Sempre atenta à vida dos cidadãos, não se descuidou a Regeneração Campinense do descanso de seus obreiros, ante a vida laboriosa que sempre dispensaram à Loja e à comunidade. Na vida do homem, o dia existe para o trabalho e a noite existe para o seu descanso, mas em toda a sua existência, é a sua vida o seu trabalho e é a sua morte o seu descanso. Pensando nisto, em 1948 foi construído no Campo Santo, o Mausoléu dos Maçons, em forma de uma pirâmide triangular, para nos lembrar uma de nossas sagradas leis. Tornando-se pequeno para dar guarida a toda a família maçônica, na década de 1970 foi erigido um novo mausoléu com um maior número de receptáculos.

Na década de 1980, alguns irmãos maçons que eram sócios do Aliança Clube 31, sodalício em total esquecimento e sem quaisquer atividades, foram eleitos diretores e passaram a associar os demais irmãos da Loja, recompondo o quadro social e reativando o clube com o nome de Clube das Acácias, fundado em 1 de março de 1988.

Em 19 de Agosto de 1998, na confluência das ruas Vidal de Negreiros e João da Mata, bem próximo à Loja, urbanizando aquele espaço foi erigido o Monumento Maçônico, que registra a presença atuante da Maçonaria em Campina Grande.

ESTUDOS MAÇÔNICOS

Todavia, as obras de nossos Irmãos não se cingiram apenas às obras materiais. As realizações culturais, sociais e filantrópicas também fizeram parte viva do íntimo de cada um deles. De que valeria construir enormes e majestosos edifícios, se neles não se fizessem desenvolver atividades que trouxessem ao espírito humano, um amplo e racional desenvolvimento intelectual, moral e filosófico? De que

serviria o Augusto Templo, se ali nós não nos recolhêssemos em meditação e em trabalho, para estudando e compreendendo as leis da natureza, da sociedade, da família e do indivíduo, não levássemos até este a nossa palavra de conforto, de fé, de coragem, de determinação? De que adiantaria erigir um templo à Virtude, se não estivéssemos dispostos a levar aos corações desejosos de luz, o néctar que bebemos na taça da Verdade? Para isto, era preciso então, que tivéssemos aqui, operando em toda sua intensidade, os diversos outros corpos de estudos avançados.

No campo dos estudos simbólicos, foi fundado em 27 de Janeiro de 1971 o Centro de Estudos Maçônicos Professor Manoel de Almeida Barreto. No campo dos estudos filosóficos, em 10 de julho de 1958 foi reorganizado e reinstalado o Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste existente desde a fundação da Loja.

Em 25 de Maio de 1960, fundou-se o Conselho de Cavaleiros Kadosch Arautos da Luz e em 8 de Agosto de 1971, o Consistório de Príncipes do Real Segredo Cristo Rei. A Loja de Perfeição Gasparino Barreto, que funcionava agregada ao Capítulo Rosa Cruz foi desativada e o seu lugar ocupado pela Loja de Perfeição Paz e Amor, fundada em 11 de Abril de 1972.

A mais recente loja criada sob seu amparo foi a Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº 1, a primeira loja deste gênero instituída no Estado da Paraíba, fundada em 5 de Maio de 2003 por 17 Irmãos e instalada em 20 de novembro de 2005, recebendo Carta Constitutiva da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba. Seus fundadores: Ailton Elisiário de Sousa, Adenauer Henrique Cesário, Edgard Bartolini Filho, Eduardo Sérgio Sousa Medeiros, Fabiano do Egito Araújo, João Clementino Filho, José Nicolau de Araújo, Luiz Carlos Silva, Paulo Matias de Figueiredo, Pedro Alcântara Gomes da Silva Campos, Pedro Vicente de Paiva, Raimundo Marcos Assis Bandeira, Raimundo Paiva Cavalcante, Ricardo Vital de Almeida, Valmir Xavier Silva, Wergniaud Ferreira Leite e Wilson Vasconcelos Bezerra.

Em nível paramaçônico, foi criada a Associação das Samaritanas em 12 de abril de 1981. Em 10 de Agosto de 1982, o Capítulo da Ordem DeMolay "Deus, Pátria e Família". Em 15 de Fevereiro de 1987, o Clube de Lowtons "O Pequeno Príncipe". Em 1988, o Clube Flor de Lótus.

Nossos irmãos não se voltaram somente para o próprio desenvolvimento da nossa Loja. Tornava-se imperativo de que ela estendesse a sua luz sobre outros orientes, e sob sua égide, começaram a surgir outras lojas simbólicas na cidade e outros corpos filosóficos por todo o Estado. A nossa orientação e o nosso amor aos irmãos desses orientes já frutificaram. Nossos esforços foram coroados de êxito, pois com orgulho já vemos e sentimos que essas co-irmãs deram as suas arrancadas para o progresso.

Nos dias de hoje já há entre os Irmãos o propósito da criação do museu maçônico, o primeiro a ser instalado no Estado, que deverá ocupar as dependências do prédio da rua Vidal de Negreiros, 97, de propriedade da Loja e contíguo a esta. Documentos, fotografias, jornais, alfaias, jóias maçônicas, entre tantos outros elementos, formarão o acervo histórico da Maçonaria de Campina Grande.

Por tudo isto se deduz que os filhos da Regeneração Campinense, desde o aprendiz maçom ao venerável mestre, têm sido eles caracterizados por uma enorme força de vontade, por uma capacidade de trabalho que supera as expectativas e por um desinteressado desejo de elevar a Loja a pontos sempre mais altos.

VENERÁVEIS MESTRES

O Trono do Rei Salomão tem sido ocupado por Irmãos capazes e destemidos. Tiveram em suas hábeis e operosas mãos o primeiro malhete da Loja: Targino da Costa Barbosa (1923), Martiniano Martins Lins (1924), João Arlindo Corrêa (1925, 1935), Lafaiete

Mas, foi na memorável sessão do dia 15, em que a Loja deliberou pela criação da Grande Loja. Foram abertos os trabalhos com as formalidades do ritual e sendo lido o Decreto nº 4 baixado pelo Soberano Grande Comendador, que determinava que as Lojas do Rito Escocês Antigo e Aceito no Estado se pronunciassem dentro de 60 dias quanto ao rompimento das relações, dando-lhes ampla liberdade para mudarem de rito sem qualquer comunicação de suas decisões, com a advertência de que a Loja que não se submetesse às determinações do referido decreto ficaria fora das leis que regem o escocismo no universo e como tal irregulares. O Irmão Orador, tecendo várias considerações, opinou no sentido de que a Loja seguisse as instruções do Supremo Conselho, lhe sendo obediente, e pediu que fosse encaminhada a votação.

Pediu a palavra o Irmão Mário de Oliveira que também fazendo considerações sobre o decreto, achou-o desarrazoado e fora das leis ditadas pelo Grande Oriente, pelo que ao lado deste permaneceria, ao mesmo tempo em que solicitava que o Irmão Secretário fizesse a leitura de uma prancha enviada pelo Irmão Argemiro de Figueiredo, que por afazeres profanos deixara de comparecer à sessão, cujo teor foi o seguinte: "Respeitáveis Irmãos, não me sendo possível comparecer à importante sessão de hoje, como reputo de máxima importância entendi não dever ficar em silêncio, quando da resolução que teremos de tomar em torno da separação entre o Grande Oriente e o Supremo Conselho, que irá ser um atestado de nossa cultura social e jurídica e de nossa disciplina maçônica. Bem sei que não possuímos ainda a devida emancipação de espírito, e viciados estamos a seguir a estrada que os outros nos abrem, sem refletirmos em que o homem não tem vontade própria o que se torna autômato das vontades alheias, perde a sua qualidade de homem, pois que anula a sua personalidade moral. Não deveis assim, resolver o caso conforme o que eu penso. Também não julgueis pelo que outro Irmão pensar. Conscientes que sois de vosso papel de homem e de vossos deveres maçônicos, encarai os problemas de frente resolvendo-os após, de acordo com os ditames de vossa consciência que deverá em tudo ser iluminada pela Razão, pela Justiça e pelo Direito Maçônico que nos dirigem e por nós que somos dirigidos.

Em nível paramaçônico, foi criada a Associação das Samaritanas em 12 de abril de 1981. Em 10 de Agosto de 1982, o Capítulo da Ordem DeMolay "Deus, Pátria e Família". Em 15 de Fevereiro de 1987, o Clube de Lowtons "O Pequeno Príncipe". Em 1988, o Clube Flor de Lótus.

Nossos irmãos não se voltaram somente para o próprio desenvolvimento da nossa Loja. Tornava-se imperativo de que ela estendesse a sua luz sobre outros orientes, e sob sua égide, começaram a surgir outras lojas simbólicas na cidade e outros corpos filosóficos por todo o Estado. A nossa orientação e o nosso amor aos irmãos desses orientes já frutificaram. Nossos esforços foram coroados de êxito, pois com orgulho já vemos e sentimos que essas co-irmãs deram as suas arrancadas para o progresso.

Nos dias de hoje já há entre os Irmãos o propósito da criação do museu maçônico, o primeiro a ser instalado no Estado, que deverá ocupar as dependências do prédio da rua Vidal de Negreiros, 97, de propriedade da Loja e contíguo a esta. Documentos, fotografias, jornais, alfaias, jóias maçônicas, entre tantos outros elementos, formarão o acervo histórico da Maçonaria de Campina Grande.

Por tudo isto se deduz que os filhos da Regeneração Campinense, desde o aprendiz maçom ao venerável mestre, têm sido eles caracterizados por uma enorme força de vontade, por uma capacidade de trabalho que supera as expectativas e por um desinteressado desejo de elevar a Loja a pontos sempre mais altos.

VENERÁVEIS MESTRES

O Trono do Rei Salomão tem sido ocupado por Irmãos capazes e destemidos. Tiveram em suas hábeis e operosas mãos o primeiro malhete da Loja: Targino da Costa Barbosa (1923), Martiniano Martins Lins (1924), João Arlindo Corrêa (1925, 1935), Lafaiete

Cavalcanti (1925, 1928), Juvino de Souza do Ó (1926), Severino Henrique Cruz (1930, 1937, 1938, 1939, 1942, 1943, 1950, 1951), José Carlos da Costa Autran (1927, 1928), Luiz Dália (1929), João Tavares de Melo Cavalcanti (1931, 1934), Abelardo de Oliveira Lobo (1932, 1933), João Cunha Lima (1936), Protásio Ferreira da Silva (1940, 1947), Antonio Bezerra Cabral (1941, 1944), Inácio Cavalcanti Lima (1945, 1946), Ranulfo Cardoso (1948, 1949), Abdísio Militão Prazeres dos Santos (1952), Pedro d'Aragão (1953), José Pereira Lima (1954), Manoel de Almeida Barreto (1955), Abel Correia da Costa (1956), Artur de Araújo Sobreira (1957), Manoel Gomes Sobrinho (1958), Silvio da Silva Sá (1959), Demerval Sobral (1960, 1961), Afrânio de Aragão (1962), Aroldo Cavalcanti Cruz (1963), Raimundo Gadelha Fontes (1964, 1965, 1966, 1967, 1968), José de Almeida Torreão (1969, 1970), Fernando Filogônio do Ó (1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980), Ailton Elisiário de Sousa (1980, 1981, 2000, 2001, 2002, 2003, Guilherme Cavalcanti Cruz (1981, 1982), Romildo Dias de Toledo (1982, 1983, 1984), José Geraldo de Medeiros Fernandes (1985, 1986), Rosseni Leopoldino de Oliveira (1986, 1987, 1991), Antonio Aurélio de Oliveira Ventura (1988, 1989, 1990), José Nicolau de Araújo (1992), Walter Santiago Colaço (1993), Pedro Dantas Fernandes (1994, 1995), Nilson Nogueira de Melo (1987, 1988, 1996), Francisco de Assis Cosme (1997, 1998), Ricardo Vital de Almeida (1999) e Pedro Vicente de Paiva (2003, 2004, 2005, 2006, 2007).

A GRANDE LOJA MAÇÔNICA DA PARAÍBA

A Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba foi fundada em 24 de agosto de 1927 pelas Lojas Regeneração Campinense, Branca Dias e Padre Azevedo. Rebuscando os livros da época, fomos encontrar nos balaústres de 1° e 8.7.1927 o pedido de renúncia em caráter irrevogável do cargo de Venerável Mestre para o qual havia sido eleito o Irmão Juvino de Souza do Ó, alegando a sua impossibilidade de freqüentar a Loja e dirigi-la como de direito, ao que passou a presidir os seus trabalhos o então Primeiro Vigilante Irmão Severino Cruz,

marcando-se a data de 26 daquele mês para ter lugar a eleição para Venerável Mestre.

Na sessão do dia 12, pediu a palavra o Irmão João Arlindo Corrêa para expor à casa a situação lamentável em que se encontrava a Maçonaria no Brasil, em vista do rompimento das relações entre o Supremo Conselho e o Grande Oriente do Brasil, achando que a casa devia preliminarmente se manifestar sobre a atitude que devia tomar em face da questão, visto como a Regeneração Campinense trabalhando no Rito Escocês Antigo e Aceito devia afirmar obediência ao Supremo Conselho do Brasil de acordo com as leis que regem o Escocismo no Universo, ou então a Loja para ficar com o Grande Oriente teria que mudar de Rito. Fora disso, a dualidade seria manifesta pusilanimidade da Loja.

Pediu a palavra o Irmão Mário de Oliveira e disse que era precipitada qualquer manifestação da Loja por não ter vindo comunicação oficial, quer do Supremo Conselho, quer do Grande Oriente, e os demais irmãos não estavam perfeitamente instruídos no assunto, não devendo por isso se orientarem pela opinião exclusiva do Irmão Arlindo Corrêa. Posta a votos a proposta do Irmão Arlindo Corrêa, resolveu a casa não tomar no momento decisão alguma sobre a questão, com o que não se conformando com tal decisão, resolveu o Irmão Arlindo Corrêa desistir de todos os direitos que lhe havia outorgado a Loja, cobrindo em seguida o Templo com as formalidades ritualísticas. Em vista desta atitude tomada pelo Irmão Arlindo Corrêa, o Irmão Primeiro Vigilante lamentando o incidente, propôs que se votasse uma moção de solidariedade e que toda a Loja fosse à casa daquele irmão com o intuito de se conseguir dele a desistência de sua renúncia às prerrogativas lhe concedidas, tendo sido a proposta aceita por maioria. O objetivo foi alcançado, tendo ficado registrado no balaústre de 19 de julho o pronunciamento do Irmão Arlindo Corrêa explicando sua atitude em relação ao movimento de cisão entre o Grande Oriente e o Supremo Conselho e se desculpando pelo mal-entendido havido.

Mas, foi na memorável sessão do dia 15, em que a Loja deliberou pela criação da Grande Loja. Foram abertos os trabalhos com as formalidades do ritual e sendo lido o Decreto nº 4 baixado pelo Soberano Grande Comendador, que determinava que as Lojas do Rito Escocês Antigo e Aceito no Estado se pronunciassem dentro de 60 dias quanto ao rompimento das relações, dando-lhes ampla liberdade para mudarem de rito sem qualquer comunicação de suas decisões, com a advertência de que a Loja que não se submetesse às determinações do referido decreto ficaria fora das leis que regem o escocismo no universo e como tal irregulares. O Irmão Orador, tecendo várias considerações, opinou no sentido de que a Loja seguisse as instruções do Supremo Conselho, lhe sendo obediente, e pediu que fosse encaminhada a votação.

Pediu a palavra o Irmão Mário de Oliveira que também fazendo considerações sobre o decreto, achou-o desarrazoado e fora das leis ditadas pelo Grande Oriente, pelo que ao lado deste permaneceria, ao mesmo tempo em que solicitava que o Irmão Secretário fizesse a leitura de uma prancha enviada pelo Irmão Argemiro de Figueiredo, que por afazeres profanos deixara de comparecer à sessão, cujo teor foi o seguinte: "Respeitáveis Irmãos, não me sendo possível comparecer à importante sessão de hoje, como reputo de máxima importância entendi não dever ficar em silêncio, quando da resolução que teremos de tomar em torno da separação entre o Grande Oriente e o Supremo Conselho, que irá ser um atestado de nossa cultura social e jurídica e de nossa disciplina maçônica. Bem sei que não possuímos ainda a devida emancipação de espírito, e viciados estamos a seguir a estrada que os outros nos abrem, sem refletirmos em que o homem não tem vontade própria o que se torna autômato das vontades alheias, perde a sua qualidade de homem, pois que anula a sua personalidade moral. Não deveis assim, resolver o caso conforme o que eu penso. Também não julgueis pelo que outro Irmão pensar. Conscientes que sois de vosso papel de homem e de vossos deveres maçônicos, encarai os problemas de frente resolvendo-os após, de acordo com os ditames de vossa consciência que deverá em tudo ser iluminada pela Razão, pela Justiça e pelo Direito Maçônico que nos dirigem e por nós que somos dirigidos.

Organizamo-nos todos sobre as bases da Constituição Maçônica, regidos por ela vivemos até hoje. Fora da lei básica, fora da Constituição, tudo é ilegítimo e anarquia. Fora da Constituição que é o nosso alicerce e o nosso guia, o Supremo Conselho ou o Grande Oriente nada nos vale, nenhum respeito nos merece, pois na hora tudo desaparece para dominar o regime de arbítrio, da violência, do abuso e da anarquia. O Poder Superior a quem devemos prestar solidariedade, apoio e respeito é a Constituição Maçônica. Esta é hoje definida pelo Grande Oriente, razão porque nego o meu apoio ao Supremo Conselho que viola a lei básica, desrespeita a Constituição e perturba a Ordem Maçônica. Sem ânsia de que prevaleça o meu modo de pensar, quero fazer dois apelos aos queridos irmãos da Regeneração Campinense, apelos de honra: primeiro, que cada um se coloque em sua posição de maçom, isto é, de homem livre e saiba ter a coragem moral de se deliberar conforme a sua consciência. Fora as conveniências, fora os interesses, e muito mais fora a subserviência. Segundo, que não haja dissidência no seio da Regeneração Campinense, isto é, que a corrente menor se conforme com a vontade da maioria unindo-se a ela em abraço fraternal, a fim de que possamos levar avante a grande obra da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade. Argemiro de Figueiredo."

Em seguida, manifestou-se o Irmão Américo Porto solidário ao Irmão Argemiro de Figueiredo, bem como o Irmão João Honório de Mello. O Irmão Orador protestou veementemente contra a pecha de inconscientes e subservientes que os atirava o Irmão Argemiro de Figueiredo e solicitou ao Venerável Mestre que o assunto fosse submetido à votação nominal, tendo sido aceito por maioria. Chamados um a um, o resultado final foi a decisão pela quase unanimidade favorável ao Supremo Conselho, tendo sido a seguir designado o Irmão Arlindo Corrêa como embaixador da Loja perante a reunião já marcada para acontecer na cidade de João Pessoa.

Como delegado especial junto àquela reunião, o Irmão Arlindo Corrêa deu conta na sessão seguinte de que a Loja Branca Dias decidira mudar de rito, pondo-se ao lado do Supremo Conselho; a Loja 7 de

Setembro II resolvera permanecer com o Grande Oriente; a Loja Regeneração do Norte permanecia indecisa e não sendo possível a sua adesão seria fundada uma outra loja do rito escocês, que se concretizou com a fundação da Loja Padre Azevedo, formada por irmãos dissidentes da Regeneração do Norte, criando-se assim a Grande Loja Maçônica da Paraíba.

Foram assim 58 Irmãos que participaram diretamente desta decisão, cujos nomes estão hoje gravados no bronze, perenizando à toda posteridade esta magnífica obra de lealdade e preservação das leis fundamentais do Rito Escocês Antigo e Aceito em todo o universo. No meu livro Comentários às Constituições Maçônicas de 1786, publicado pela Editora A Trolha, faço a apreciação histórica deste Cisma de 1927, sintetizando que o Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil pode ter sua história dividida em três etapas distintas: a primeira, de 1832 a 1864, quando o Supremo Conselho viveu separado do Grande Oriente do Brasil, tendo sob sua jurisdição o simbolismo e, o Grande Oriente do Brasil, o Rito Moderno ou Francês a princípio e, posteriormente, outros ritos, inclusive o Escocês; a segunda, de 1864 a 1926, quando o Supremo Conselho e o Grande Oriente do Brasil, adotando uma fórmula de Potência mista, viveram confederados; a terceira, de 1926 até os dias atuais, quando o Supremo Conselho rompendo com a confederação, reconheceu plena soberania ao simbolismo e autorizou a formação de Grandes Lojas Estaduais, concedendo-lhes as cartas constitutivas e tornando-se o seu garante para o necessário reconhecimento pelas outras Potências internacionais.

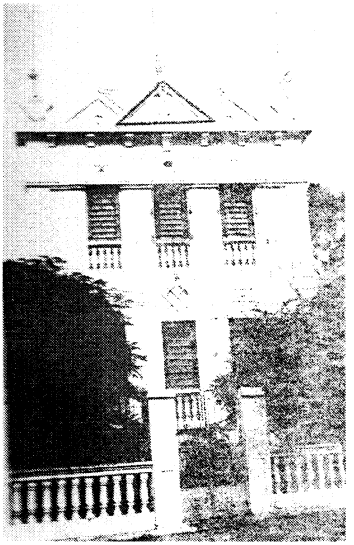
O Decreto nº 7, de 3.8.1927, do Supremo Conselho, assinado pelo Irmão Mário Behring, Soberano Grande Comendador, que declarou irregular o Grande Oriente do Brasil, em decorrência da denúncia do tratado que representava a regularidade maçônica no Brasil, teve pelo Decreto nº 75, de 1.1.1988, do mesmo Supremo Conselho, assinado pelo Soberano Grande Comendador Irmão Alberto Mansur, sua revogação declarada, passando o Grande Oriente do Brasil a ser reconhecido pelo Supremo Conselho, tal como são reconhecidas as Grandes Lojas Estaduais.

Esses irmãos foram os verdadeiros obreiros de todas essas realizações, a quem temos a imensa e incontida alegria de bradar

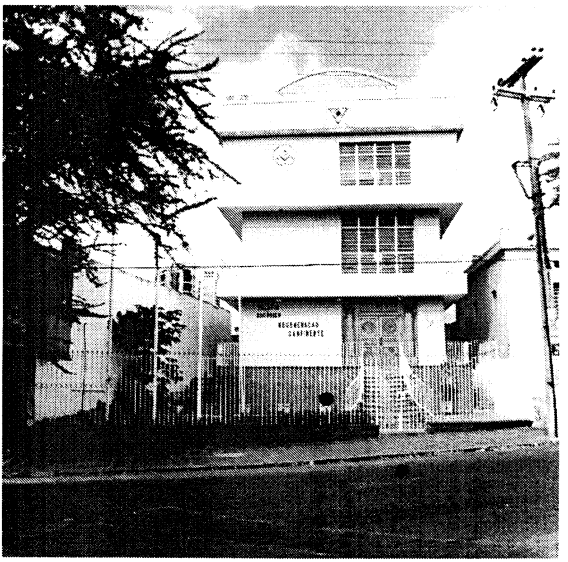
o merecido reconhecimento. Sem eles, hoje a Regeneração Campinense nada seria. Sem eles, a Grande Loja poderia de certo até nem existir, pois a João Arlindo Corrêa coube ser o artífice de nossa Grande Loja, o mentor e comandante das ações que levaram à célebre decisão de 24 de agosto de 1927.

Foram estes 58 Irmãos que na sessão memorável de 15 de julho de 1927 deliberaram pela criação da Grande Loja Maçônica da Paraíba, desligando-se a Loja do Grande Oriente do Brasil: Anésio Ferreira Leão, Antonio Cavalcanti, Antonio Daher, Antonio Ferreira da Silva, Antonio de Farias Pimentel, Antonio Vicente Ferreira, Arnaldo Gibson, Arruda Câmara, Artiquilino Dantas, Basílio Agostinho de Araújo, Benedicto Venâncio dos Santos, Cassiano Barbosa Vieira Escorel, Cícero Gonçalves de Oliveira, Claudino Pires da Nóbrega, Ernani Lauritzen, Francisco Chagas de Andrade, Generino Maciel, Hermenegildo Dias Pereira, Ildefonso Ayres, Jayme Alvarez, João Aprígio Pereira, João Arlindo Corrêa, João Arruda, João Correia de Mello, João de Mattos, João Eloy de Almeida, João Ithamar, João Miguel de Morais, João Soares Filho, Joaquim Pereira dos Santos, José Cassemiro Ferreira Pinto, José Cavalcanti Sobrinho, José Pinto Martiniano Lins, José Soares Dantas, José Gomes Sobrinho, José Mariano Ramos, Juvino de Souza do Ó, Luiz Dália, Luiz Lyra, Manoel Alves de Andrade, Nestor Cordeiro de Lucena, Octaviano Bezerra, Odilon Luna, Odilon Ourique de Oliveira, Pedro Brasil de Oliveira, Protásio Ferreira da Silva, Raymundo Duarte Pinheiro, Rodrigo Cavalcanti Farias, Samuel Cavalcante, Sebastião Alves de Oliveira, Sebastião Vital Duarte, Severino Alves de Albuquerque, Severino Bezerra Cabral, Severino Henrique Cruz, Severino Maciel Malheiros, Thomaz Pereira Soares Júnior, Umberto de Pace e Wilson Viriato de Medeiros.

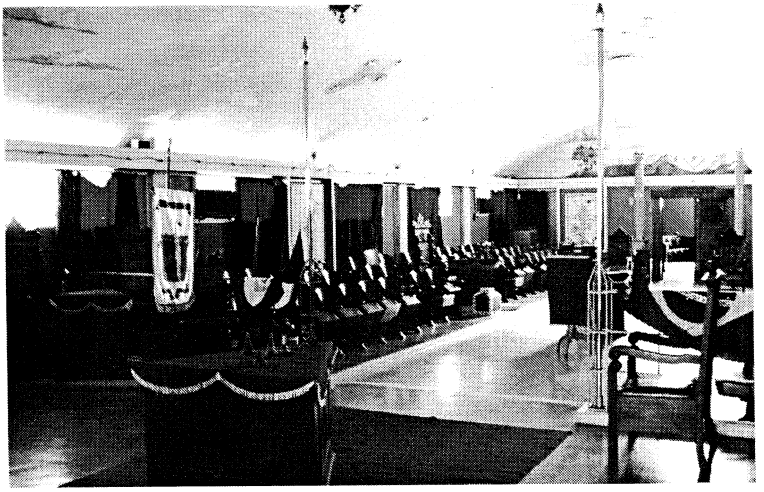
Eis aqui, pois, um conciso relato das ações da Loja Regeneração Campinense, em todo o seu período de existência. Todos nós, que fizeram e que fazemos esta Loja, muito nos orgulhamos de ser seus obreiros. Respeitada e admirada, tem sido ela o farol das grandes decisões no seio da Ordem Maçônica no Estado. Quando atacada, renova a força do seu espírito, tendo por norte a destemida saga dos seus antepassados, que permanece impregnada em nossas almas.



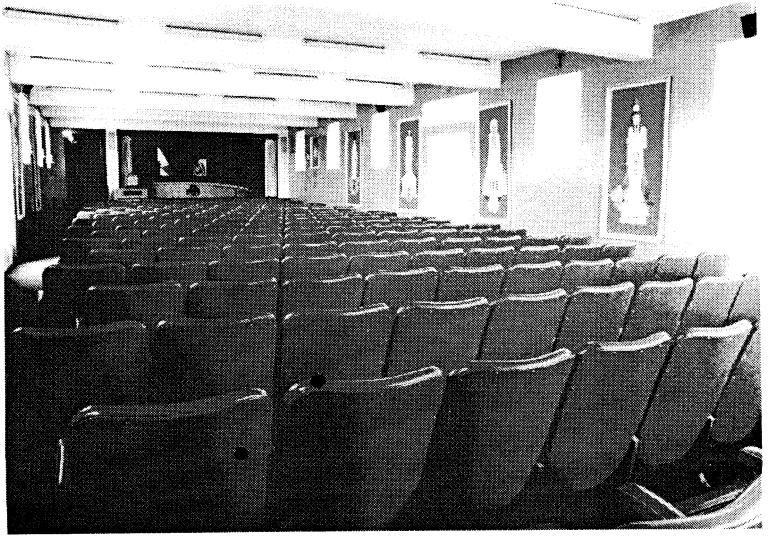
(Antigo Prédio da Loja)



(Prédio atual da Loja)



(Templo da Loja Maçônica Regeneração Campinense)



(Auditório da Loja Maçônica Regeneração Campinense)

MAÇONS DA REGENERAÇÃO CAMPINENSE QUE SE TORNARAM NOMES DE LOGRADOUROS DE CAMPINA GRANDE

BREVES CONTEÚDOS BIOGRÁFICOS

São 124 nomes a seguir relacionados de maçons iniciados e filiados na Loja Maçônica Regeneração Campinense que denominam logradouros campinenses. Vultos da História de Campina Grande no período republicano.

São eles: Abdísio Militão Prazeres dos Santos, Abel Correia da Costa, Adauto Travassos de Moura, Alfredo Dantas Correia de Góes, Américo Porto, André Dias Pereira, Anésio Ferreira Leão, Anis Fares El Timani, Antonio Azevedo de Farias, Antonio Barbosa Pessoa, Antonio Cavalcanti, Antonio Correia Lima, Antonio Cyrillo Gomes, Antonio Fernandes Bioca, Antonio Ferreira da Silva, Antonio Gomes da Silva, Antonio Marinho Correia, Antonio Pereira de Almeida, Antonio Washington Telha de Mendonça,, Argemiro de Figueiredo, Aroldo Cavalcanti Cruz, Artiquilino Dantas, Artur Monteiro Viana, Ascendino de Oliveira, Augusto Felipe Santiago, Augusto Ferreira Ramos, Basílio Agostinho de Araújo, Cassiano Pascoal Pereira, Claudino Gabino de Oliveira, Clementino Gomes Procópio, Dionísio Marques de Almeida, Engrácio Guedes Bezerra, Epaminondas Câmara, Epitácio Uchoa, Ernani Lauritzen, Evaldo Cavalcanti Cruz, Expedito Torreão Braz, Francisco de Assis Avelino de Figueiredo, Gasparino da Silva Cabral Barreto, Generino Maciel, Gercino Justino de Farias Leite, Gilvan da Veiga Barbosa, Guilherme Cavalcanti da Cruz, Hilton Carneiro Mota, Ildefonso Ayres, Inácio de Freitas Mayer, Iraildo Gomes de Abreu, Jader da Silva Medeiros, João Alfredo Filho, João Alves de Oliveira, João Araújo, João Arlindo Corrêa, João Arruda, João da Cunha Lima, João Honório de Mello, João Miguel de Morais, João Monteiro Gomes Oliveira, João Souto Maior, João Uchoa, Joaquim Antonio de Carvalho, Joaquim Pereira dos Santos, José Alves da Costa, José Araújo de Albuquerque, José Branco Ribeiro, José Cavalcanti de Figueiredo, José de Alencar Nunes Moreira, José de Almeida Torreão, José João de Almeida Albuquerque Júnior, José Eudócio Leite, José Lucas Irmão, José Mamede de Souza, José Moisés de Medeiros Neto, José Palhano, José Pereira de Araújo, José Pinto, José Raimundo dos Santos, José Schafer,

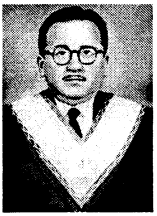
Júlio Pereira da Costa, Juvêncio Arruda, Juvino de Souza do Ó, Juvino Pereira Nepomuceno, Lafayette Cavalcanti Correia de Mello, Lindaci de Medeiros Nápoles, Lino de Oliveira Cavalcanti, Lino Gomes da Silva, Luiz Lyra, Luiz Marinho da Silva, Manoel Batista Gusmão, Manoel de Almeida Barreto, Manoel Leite Cavalcanti, Menelau Bezerra da Silva, Milton Xavier Lira, Nathanael Belo, Olavo Bilac Cruz, Olívio Rique Ferreira, Otacílio Nepomuceno, Otaviano Bezerra da Cunha, Otávio Neiva Freire, Otávio Theodoro de Amorim, Pedro Barbosa, Pedro Brasil de Oliveira, Pedro d'Aragão, Pedro Feitosa Neves, Pedro Sabino de Farias, Plínio Lemos, Raimundo Nonato da Nóbrega, Raimundo Viana de Macedo, Roldão Mangueira de Figueiredo, Romildo Dias de Toledo, Samuel Simões de Carvalho, Sebastião Dantas Bezerra, Sebastião Pedrosa, Severino Bezerra Cabral, Severino Cavalcanti de Albuquerque, Severino Dias Novo, Severino Gaudêncio de Queiroz, Severino Henrique Cruz, Severino Herculano de Melo, Severino Pimentel, Thomaz Pereira Soares Júnior, Tibúrcio Batista da Silva, Venâncio Nogueira da Silva, Williams de Souza Arruda, Wilson de Mendonça Furtado.

A seguir, as biografias resumidas de cada um dos maçons mencionados.

ABDÍSIO PRAZERES DOS SANTOS

Abdísio Militão Prazeres dos Santos nasceu em Bom Jardim, PE, em 10.03.1901 e faleceu em Campina Grande em 12.03.1985. Era médico. Obreiro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 26 de outubro de 1946. Elevado a Companheiro Maçom em 10 de dezembro deste ano e exaltado a Mestre Maçom em 28 de janeiro de 1947. Foi eleito Venerável Mestre em 1952, tendo exercido também os cargos de 1° Vigilante, Chanceler e Orador. Recebeu o título de Benemérito da Loja em 1977. Propositura do Vereador José Luiz Júnior – Lei n° 2.942, de 11.8.1994.

ABEL COSTA

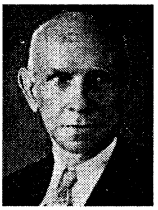


Abel Correia da Costa nasceu em Campina Grande a 21 de julho de 1913 e faleceu a 13 de setembro de 1975. Filho de Francisco Cesário da Costa e Ambrosina Correia da Costa foi comerciante, desportista, autodidata, poeta e jornalista. Com o pseudônimo de Bernardo Brabo publicava uma coluna no Jornal do Comércio de Recife – Pernambuco. Deixou artigos como "O Açude Velho", "O Relógio da Matriz" e "Dom Pedro II", entre outros. Publicou poemas na Revista Recreativa de São Paulo - SP. Foi membro do Rotary Clube. Integrou o Quadro de Obreiros da Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde foi iniciado Aprendiz Maçom em 8 de maio de 1945, elevado a Companheiro Maçom em 12 de junho e exaltado a Mestre Maçom em 24 de julho do mesmo ano. Exerceu vários cargos dentre os quais os de Mestre de Cerimônias, Tesoureiro Adjunto, Tesoureiro, Segundo Vigilante, Primeiro Vigilante e Venerável Mestre, este último no ano de 1956. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador Moisés Lira Braga – Lei n° 220, de 12.5.1976.

ADAUTO MOURA

Adauto Travassos de Moura nasceu a 26 de agosto de 1899 em Timbaúba, Pernambuco, e faleceu em Campina Grande a 29 de setembro de 1973. Viveu em Recife de 1915 a 1921 trabalhando como caixeiro. Casado, radicou-se em Campina Grande estabelecendo-se à Rua Maciel Pinheiro, com a Loja Ypiranga, comercializando artigos importados e objetos para presentes. Em 1932 foi convidado pelo interventor Antonio Pereira de Almeida para ser escriturário. Em 1946, passou de escriturário para chefe de seção, cargo que ocupou até 1968. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, nela se filiando em 12 de dezembro de 1927. Exerceu diversos cargos maçônicos, dentre estes os de Tesoureiro e Bibliotecário. A rua está situada no Bairro do Alto Branco.

ALFREDO DANTAS



Alfredo Dantas Correia de Góes nasceu em Teixeira (PB) a 17 de novembro de 1870 e faleceu em Campina Grande a 19 de fevereiro de 1944. Era filho do Dr. Manoel Dantas Correia de Góes, que foi Presidente interino da Paraíba no ano de 1889. Era Tenente reformado do Exército, casado com Ana de Azevedo Dantas (Yayá). Veio residir em Campina Grande em 1919 trazendo a idéia de fundar uma escola. Fundou o Instituto Pedagógico, destinado aos cursos primário e secundário para ambos os sexos e, em 1936 mudou sua denominação para Ginásio Alfredo Dantas, hoje Colégio Alfredo Dantas. Foi Diretor do jornal Comércio de Campina em 1932, juntamente com o professor Manoel de Almeida Barreto. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 28 de setembro de 1928, elevado a Companheiro Maçom em 11 de janeiro de 1929 e exaltado a Mestre Maçom em 8 de março do mesmo ano. Exerceu o cargo de Porta Espada por várias vezes. A praça que tem o seu nome está situada no Centro da Cidade, na confluência das ruas Epitácio Pessoa e 7 de Setembro.

ALMEIDA BARRETO

Manoel de Almeida Barreto nasceu em Canguaretama (RN) a 10 de janeiro de 1886 e faleceu em Campina Grande a 16 de fevereiro de 1961. Veio para Campina Grande em 1927, dedicando-se ao magistério em diferentes educandários da cidade. Aposentou-se em 1948, depois de 42 anos contínuos de dedicação ao ensino, tendo sido o velho mestre homenageado no Cine Babilônia pela sociedade campinense em 14 de julho desse ano. Como Secretário da Prefeitura assumiu interinamente o cargo de Prefeito. É patrono da Cadeira nº 21 da Academia de Letras de Campina Grande. Ex-padre e humanista. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde se iniciou Aprendiz Maçom em 12 de outubro de 1927, tendo sido elevado a Companheiro Maçom em 4 de março de 1928 e exaltado a Mestre Maçom em 17 de março do mesmo ano. Exerceu os cargos de Orador, Orador Adjunto e Secretário por várias vezes, e o de Venerável Mestre no período 1955/1956. Agraciado com o título de Benemérito da Loja, hoje a Loja mantém com o seu nome o Centro de Estudos Maçônicos. A rua está situada no Bairro de São José. Propositura do Vereador Fernando Silveira – Lei nº 100, de 1.10.1961.

AMÉRICO PORTO

Américo Porto nasceu em Campina Grande a 29 de novembro de 1879 e faleceu nesta cidade a 8 de novembro de 1958. Era agricultor e fazendeiro, tendo se dedicado à política, tornando-se chefe político de Lagoa Seca, à época Distrito de Campina Grande, e Vereador de 1909 a 1930. Foi professor da Universidade Regional do Nordeste, hoje Universidade Estadual da Paraíba. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 1º de maio de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 15 de julho desse ano e exaltado a Mestre Maçom em 3 de fevereiro de 1926. Foi aclamado Cobridor Adjunto da Loja em 1926. A praça que tem o seu nome está situada no Bairro do AltoAlto Branco. Propositura do Vereador José Palmeira Guimarães – Lei nº 126, de 4.11.1959.

ANDRÉ DIAS PEREIRA

André Dias Pereira nasceu em Barra de Santa Rosa, PB, em 1° de fevereiro de 1915 e faleceu em Campina Grande em 12 de agosto de 1992. Era comerciário e durante anos foi funcionário do Hospital Pedro I. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 1° de maio de 1943, elevado a Companheiro Maçom em 16 de junho e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto do mesmo ano. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 16 de setembro de 1945. Exerceu vários cargos na Loja, dentre esses os de Secretário, Mestre de Cerimônias, Primeiro Experto, Membro das Comissões de Finanças e de Beneficência. Foi concedido o título de Benemérito da Loja em 1981. A rua tem o seu nome por propositura dos Vereadores Davi Mangueira e Vital do Rego Filho – Lei n° 2.736, de 22.8.1993.

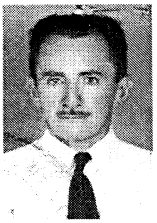
ANÉSIO LEÃO

Anésio Ferreira Leão nasceu em Campina Grande, PB, em 24 de março de 1900 e faleceu nesta cidade em 2 de novembro de 1971. Era professor renomado, ensinando a três gerações, tendo escrito e publicado uma gramática da língua portuguesa com o título de Aulas de Português. Foi mestre-escola, maestro, beletrista, autodidata, gramático, pesquisador incansável da perfeição da linguagem oral e escrita. Foi vereador em Santo Antonio de Jesus, na Bahia, por dois mandatos e em Campina Grande eleito em 1963, Secretário Geral na cidade de Patos. Poeta, escreveu o livro de poesia Grito d´Alma e ainda inéditos, Cetama (minha terra, em tupi-guaraní), Eu de Mim e sobre Mim, De Alma para Alma. É patrono da Cadeira n° 3 da Academia de Letras de Campina Grande. Membro da Regeneração Campinense foi nesta Loja iniciado Aprendiz Maçom em 12 de junho de 1925, sendo no mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 26 de junho e exaltado a Mestre Maçom em 28 de julho. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Lindaci de Medeiros Nápoles – Lei n° 874/92.

ANIS TIMANI

Anis Fares El Timani era libanês, nascido em Hammana, no Líbano, em 8 de janeiro de 1932, e falecido em Campina Grande em 15 de março de 1979. Era próspero comerciante. Iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 17 de agosto de 1974, elevado a Companheiro Maçom em 9 de novembro e exaltado a Mestre Maçom em 13 de dezembro desse mesmo ano. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Altair Pereira – Lei nº 464, de 9 de abril de 1979.

ANTONIO CORREIA LIMA



Antonio Correia Lima nasceu em Areia, PB, em 2 de março de 1910, vindo a falecer em Campina Grande em 26 de setembro de 1992. Filho de Manoel Firmino Correia Lima e Joana Azevedo Correia Lima, era casado com Maria de Lourdes Barbosa Correia Lima. Era advogado e professor universitário, tendo sido funcionário do Banco do Brasil S/A e professor da Universidade Federal da Paraíba. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 9 de junho de 1936, sendo elevado a Companheiro Maçom em 18 de setembro do mesmo ano e exaltado a Mestre Maçom em 16 de março de 1937. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 29 de janeiro de 1975 e Cavaleiro Kadosch, Grau 30, em 25 de setembro de 1976. Exerceu vários cargos na Loja e por diversas vezes o cargo de Orador e Membro da Comissão de Legislação e Justiça. A rua tem seu nome por propositura da Vereadora Maria Barbosa – Lei nº 2.692, de 7.9.1993.

ANTONIO AZEVEDO DE FARIAS

Antonio Azevedo de Farias nasceu em Boa Vista (PB) a 28 de abril de 1875. Falecido. Filho do escrivão José Gomes de Farias, era comerciante na década de 1920, tornando-se funcionário público na função de

tabelião. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 12 de junho de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 26 de junho e exaltado a Mestre Maçom em 31 de julho do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Nova Brasília.

ANTONIO BARBOSA PESSOA

Antonio Barbosa Pessoa nasceu em Itabaiana (PB) em 11 de janeiro de 1885 e faleceu a 12 de setembro de 1969. Foi comerciante e funcionário da Prefeitura. Cinco dos seus filhos tornaram-se comerciantes, em Campina Grande e no Recife. Chegou a Campina Grande em 1919, tendo se filiado à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 14 de abril de 1925. Foi iniciado na Loja 7 de Setembro, de João Pessoa, tendo colado o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura do Vereador Hermes Ferreira Ramos – Lei nº 764, de 5.10.1981.

ANTONIO CAVALCANTI

Antonio Cavalcanti nasceu em Campina Grande em 13 de junho de 1890, falecendo a 18 de janeiro de 1948. Filho de André de Souza Cavalcanti e Isabel de Souza Cavalcanti, era comerciante e autodidata. Associou-se à família Rique no comércio de algodão e foi sócio da Casa Estrela, uma das firmas mais prósperas de Campina Grande no passado. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, nesta se iniciando Aprendiz Maçom em 9 de janeiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 2 de fevereiro e exaltado a Mestre Maçom em 11 do mesmo mês e ano. Em 3 de junho de 1926 foi recebido Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, pelo Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste, em Campina Grande. Exerceu vários cargos na Loja, dentre os quais Mestre de Cerimônias, Primeiro Diácono, Segundo Vigilante e Chanceler. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador João Nogueira de Arruda – Lei nº 231, de 7.6.1968.

ANTONIO CYRILLO GOMES

Antonio Cyrillo Gomes era natural da cidade de Nazaré (PE), Distrito de Lagoa do Carro, nascido em 13 de fevereiro de 1904, vindo a falecer em Campina Grande em 15 de julho de 1981. Em Campina Grande trabalhou na Companhia de Prensagem de Algodão, na qualidade de chefe de embarque de algodão. Atuou 15 anos como agente de seguros da Companhia São Paulo de Seguros. Foi distinguido com a Comenda Cidadão Honorário deste Município. Em 19 de fevereiro de 1935 foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense, elevado a Companheiro Maçom em 15 de março e exaltado a Mestre Maçom em 31 de maio do mesmo ano. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 12 de novembro de 1960. Exerceu vários cargos, dentre os quais Primeiro Experto, Primeiro Diácono, Mestre de Cerimônias Adjunto e Mestre da Coluna de Harmonia. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura do Vereador Lindaci de Medeiros Nápoles – Lei nº 1250/85.

ANTONIO FERNANDES BIOCA

Antonio Fernandes Bióca nasceu em Campina Grande em 23 de maio de 1896 e faleceu em Campina Grande em 20 de fevereiro de 1996, com 100 anos de idade. Casado com Tereza Leite Bioca, foi durante muito tempo comerciante. Apaixonado pelos esportes foi fundador do Treze Futebol Clube. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Branca Dias, em João Pessoa, em 26 de outubro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 26 de outubro de 1926 e exaltado a Mestre Maçom em 17 de maio de 1928. Filiou-se à Loja Regeneração Campinense em 6 de março de 1931, tendo sido Instalado no Trono do Rei Salomão em 25 de março de 1977. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 16 de julho de 1958. Era sócio remido e exerceu diversos cargos, dentre esses os de Mestre de Cerimônias, Orador Adjunto e Segundo Diácono. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Antonio Luiz Cabral – Lei nº 3.255, de 9.4.1996.

ANTONIO FERREIRA DA SILVA

Antonio Ferreira da Silva nasceu em Garanhuns, PE, a 17 de agosto de 1879. Falecido. Foi comerciante em Campina Grande. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, tendo sido iniciado Aprendiz Maçom em 18 de dezembro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 15 de janeiro de 1926 e exaltado a Mestre Maçom em 19 de fevereiro do mesmo ano. A rua está situada no Bairro da Palmeira.

ANTONIO GOMES DA SILVA

Antonio Gomes da Silva nasceu em Vicência, PE, a 22 de agosto de 1915 e faleceu em Campina Grande a 13 de novembro de 1998. Era classificador de caroço de algodão da extinta Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A – SANBRA. Posteriormente foi nomeado Oficial de Justiça. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 17 de novembro de 1951, elevado a Companheiro Maçom em 18 de dezembro do mesmo ano e exaltado a Mestre Maçom em 12 de fevereiro de 1952. . A rua está situada no Bairro de Nova Brasília.

ANTONIO MARINHO CORREIA

Antonio Marinho Correia nasceu em Campina Grande a 6 de abril de 1899. Falecido. Exerceu a profissão de dentista. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 16 de outubro de 1944, elevado a Companheiro Maçom em 30 de janeiro de 1945 e exaltado a Mestre Maçom em 6 de março do mesmo ano. Foi Venerável Mestre da Loja Maçônica Calixto Nóbrega, Oriente de Sousa, no período 1962/1963, quando já anteriormente placetado da Loja Maçônica Regeneração Campinense, por esta lhe foi concedido o título de Membro Honorário. A rua está situada no Bairro de Bodocongó.

ANTONIO PEREIRA DE ALMEIDA

Antonio Pereira de Almeida era natural de Cabaceiras, PB, nascido em 27 de setembro de 1902, falecendo em Campina Grande. Formou-se em medicina. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Regeneração Campinense em 25 de abril de 1930, sendo elevado a Companheiro Maçom e exaltado a Mestre Maçom em 13 de novembro de 1934. Foi condecorado pela Loja com o título de Benemérito. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Genésio Soares, - Lei nº 570, de 14.4.1980.

ANTONIO TELHA

Antonio Washington Telha de Mendonça nasceu em São Lourenço da Mata, PE, a 25 de setembro de 1890 e faleceu em Campina Grande a 2 de fevereiro de 1953. Chegou a Campina Grande pelos idos de 1915. Formado em Direito. Exerceu as funções de Técnico em Contabilidade da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Foi colaborador de jornais e revistas e pertenceu a várias associações literárias. Poeta, é patrono da Cadeira nº 5 da Academia de Letras de Campina Grande. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 13 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 20 de fevereiro e exaltado a Mestre Maçom em 3 de abril do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de José Pinheiro. Propositura do Vereador Benedito Mota – Lei nº 430, de 14.7.1954.

ARGEMIRO DE FIGUEIREDO

Argemiro de Figueiredo nasceu a 9 de março de 1901 em Campina Grande, filho do Coronel Salvino Gonçalves de Sousa Figueiredo e Luiza Viana Figueiredo, falecendo na mesma cidade a 14 de dezembro de 1982. Fez o curso primário com o velho mestre Clementino Gomes Procópio, no Colégio São José, onde se destacou pela sua inteligência. Estudou no Liceu

Paraibano, em João Pessoa. Formou-se em 1924 em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, onde foi o estudante laureado de sua turma. Em 1929 elegeu-se Deputado Estadual e apoiou o Movimento de 1930. Foi indicado por João Pessoa para ser Secretário do Interior e Justiça do Governador Gratuliano da Costa Brito, cargo que exerceu de 1932 a 1935. Sucedendo a este, em 1935 foi eleito Governador do Estado da Paraíba, governando o Estado de 25.01.1935 a 29.01.1937, quando com o golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas tornou-se Interventor Federal da Paraíba até 29.01.1940. Foi o primeiro governador eleito após 1930. Argemiro de Figueiredo foi responsável por grandes obras, dentre as quais o abastecimento e saneamento de água e esgoto, com a implantação em 1935 do Serviço de Água e Esgoto de Campina Grande. Em 1946 foi eleito Deputado Constituinte. Foi Senador de 1955 a 1963, deixando então a vida pública. Foi considerado um dos maiores oradores políticos do Brasil. Hoje, na Praça Clementino Procópio, existe uma sua estátua, tendo sido uma homenagem do povo campinense. O Terminal Rodoviário também guarda o seu nome. Argemiro de Figueiredo é patrono da Cadeira nº 31 da Academia de Letras de Campina Grande. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, nesta foi iniciado Aprendiz Maçom em 24 de fevereiro de 1925, sendo exaltado a Companheiro Maçom em 28 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 15 de maio do mesmo ano. Colou o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste, Campina Grande, em 4 de junho de 1926. A avenida está situada no Bairro do Catolé. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa e do Vereador Álvaro Neto – Lei nº 448, de 22.3.1979.

AROLDO CRUZ

Aroldo Cavalcanti da Cruz nasceu a 6 de setembro de 1922 e faleceu a 3 de julho de 1985. Filho do médico Severino Henrique da Cruz e Stellita Cavalcanti da Cruz fez as primeiras letras no Colégio Alfredo Dantas e cursou o ginásio no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Recife no ano de 1948, especializando-se em ortopedia e traumatologia,

sendo cirurgião do Hospital Pedro I e de outros hospitais campinenses. Foi combatente na Segunda Guerra Mundial. Fundador do Rotary Clube de Campina Grande, sendo seu primeiro presidente. Presidente do Clube dos Caçadores de Campina Grande. Iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 15 de junho de 1949, foi elevado a Companheiro Maçom em 19 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 23 de agosto do mesmo ano. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 4 de julho de 1981. Na Loja foi Primeiro Diácono em 1950 e exerceu o cargo de Venerável Mestre com mandato para 1963/1964, período em que deu início a construção do atual templo. Condecorado com a Medalha Tiradentes concedida pela Loja Regeneração Campinense em 1985. Em sua homenagem o Grande Oriente do Brasil fundou e instalou em Campina Grande uma Loja Simbólica que tem o seu nome. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa – Projeto de Lei nº 79/85.

ARTIQUILINO DANTAS

Artiquilino Dantas nasceu em Patos, PB, a 1º de setembro de 1875 e faleceu em Campina Grande no ano de 1941. Era industrial, comerciante de algodão e exportador de peles, sendo considerado um dos precursores do progresso de Campina Grande. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 24 de março de 1925, elevado a Companheiro Maçom e exaltado a Mestre Maçom em 6 e 15 de maio daquele mesmo ano, respectivamente. Em 15 de junho de 1926 foi iniciado no Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste, em Campina Grande. Artiquilino Dantas foi um membro atuante na Loja, tendo exercido o cargo de Porta Espada, dentre outros. Doou à Loja um terreno para a construção do seu templo, tendo sido agraciado com o título de Benemérito em 3 de novembro de 1939. A rua está situada no Bairro do Monte Santo. Propositura do Vereador João de Souza Castro – Projeto de Lei nº 1.156/58.

ARTUR MONTEIRO VIANA

Artur Monteiro Viana nasceu em Cabedelo, PB, a 5 de outubro de 1924 e faleceu a 2 de setembro de 1979. Comerciante de automóveis, foi acionista e co-fundador do Jornal da Paraíba. Presidiu o Clube de Rádio Amadores, o Lions Clube e o Aero Clube de Campina Grande. Era sócio da IPELSA – Indústria de Papel e Celulose da Paraiba S/A. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 19 de junho de 1955, elevado a Companheiro Maçom em 18 de outubro e exaltado a Mestre Maçom em 29 de novembro do mesmo ano. A rua e travessa estão situadas no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador Genésio Soares de Carvalho – Lei nº 530/79.

ASCENDINO DE OLIVEIRA

Ascendino de Oliveira nasceu em Itabaiana – PB (Oitabá) a 7 de dezembro de 1889. Falecido. Vindo para Campina Grande, aqui exerceu a atividade comercial por longos anos. Iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica 7 de Setembro, Oriente de João Pessoa, filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 28 de abril de 1925. Portava o título de Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria. Foi Tesoureiro Adjunto da Loja. A rua está situada no Bairro de Sandra Cavalcanti.

AUGUSTO RAMOS

Augusto Ferreira Ramos nasceu em Serra Branca, PB, a 21 de setembro de 1926 e faleceu em Campina Grande no ano de 1991. Estudou no Colégio Alfredo Dantas e no Colégio Estadual da Prata. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Caruaru (PE), foi advogado de ofício, delegado de polícia e chefe da CEHAP – Companhia Estadual de Habitação Popular. Foi Vereador por 3 legislaturas e Deputado Estadual. Foi o idealizador da Praça do

Amor, localizada no Serrotão. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 11 de dezembro de 1956, elevado a Companheiro Maçom em 18 de fevereiro de 1957 e exaltado a Mestre Maçom em 16 de abril do mesmo ano. Exerceu o cargo de Segundo Diácono na Loja. A rua está situada no Bairro do Monte Santo. Propositura do Vereador Antonio Alves Pimentel Filho – Lei nº 2.235, de 18.11.1991.

AUGUSTO SANTIAGO

Augusto Felipe Santiago nasceu em Recife, PE, a 5 de junho de 1874. Falecido. Foi professor na década de 1920 e o primeiro pastor da Primeira Igreja Baptista de Campina Grande em 1922, sendo seu construtor, idealizador e dirigente. Membro fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense, em 1923, era portador do Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz. Recebeu o título de Benfeitor da Loja. A rua está situada no Bairro do Alto Branco. Propositura do Vereador João Nogueira de Arruda – Lei nº 30, de 15.2.1967.

BASILIO ARAÚJO

Basílio Agostinho de Araújo nasceu em Serra Branca (PB) a 14 de junho de 1895 e faleceu em Campina Grande a 12 de janeiro de 1969. Foi comerciante, começando como mascate de tecidos nas regiões do cariri. Fixando residência em Campina Grande estabeleceu-se com uma firma de tecidos na Rua Grande (hoje Maciel Pinheiro), e com uma agência de automóveis usados, peças e pneus para bicicletas, na Rua das Areias (hoje João Pessoa). Negociou também com minérios e manteve por fim escritório de representação. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 9 de janeiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 2 de fevereiro e exaltado a Mestre Maçom em 11 de fevereiro do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador João Nogueira de Arruda – Projeto de Lei nº 4/69.

CASSIANO PEREIRA

Cassiano Pascoal Pereira era português nascido em Vila Seca do Armamaré a 25 de abril de 1905, falecido em Campina Grande a 19 de julho de 1956. Veio para o Brasil onde se casou com Armanda Soares d'Amorim Pereira. Empresário de indústrias de bebidas, sabão e óleo, fez parte do Rotary Clube. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, tendo se iniciado Aprendiz Maçom em 12 de outubro de 1937, elevado a Companheiro Maçom em 11 de novembro de 1938 e exaltado a Mestre Maçom em 9 de dezembro do mesmo ano. Foi Chanceler da Loja. . A rua está situada no Bairro do Jardim Paulistano.

CLAUDINO GABINO

Claudino Gabino de Oliveira nasceu em Pau d'Alho, PE, a 24 de março de 1876, filho de Cassiano de Oliveira Gabino e de Porfíria Maria da Conceição Gabino, falecendo a 15 de maio de 1935. Chegou a Campina Grande no início do século passado, tornando-se comerciante de estivas, cereais e algodão. Em 28.02.1927 foi nomeado Tenente da 2ª Companhia do 164º Batalhão do Exército. Colado no Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador João Nogueira de Arruda.

CLEMENTINO PROCÓPIO

Clementino Gomes Procópio nasceu a 3 de março de 1855 em Bom Jardim, PE, filho de Lourenço Gomes Procópio e Maria Francisca de Brito, falecendo em Campina Grande a 27 de maio de 1935. Estudou no Seminário de Olinda (PE) por volta de 1870, mas não seguiu a carreira eclesiástica, abandonando o Seminário em 1874. Fixou-se em Batalhão (hoje Taperoá), de onde veio para Campina Grande no ano de 1877, acossado pela grande seca. Membro do Partido Conservador. Exerceu o jornalismo político. Como

professor, prestou relevantes serviços à cidade, tendo fundado o Colégio São José a 5 de julho de 1878, no bairro do Alto de Seixo, hoje rua Dom Pedro I, no local onde se acha o II Batalhão de Polícia Militar, dirigindo-o durante 54 anos. Vale salientar que em 1895 existiam em Campina Grande apenas duas escolas, a do sexo masculino regida pelo professor Clementino Gomes Procópio e a do sexo feminino pela professora Auta Cândida de Farias Leite. Em 1919 a situação era quase a mesma, contando Campina Grande com apenas três professores primários na sede para ambos os sexos, não obstante a população fosse perto dos dez mil habitantes. Clementino Procópio fez a doação do terreno para que ali fosse construído o Hospital Pedro I. É patrono da Cadeira nº 9 da Academia de Letras de Campina Grande. Não era maçom, sendo reconhecido pela Loja Maçônica Regeneração Campinense por suas obras meritórias. Integra este rol em homenagem ao seu espírito maçônico. A praça está situada no Centro da Cidade. Propositura do Vereador Pedro Sabino de Farias – Lei nº 126, de 24.11.1961.

CORONEL DIAS NOVO

Severino Dias Novo nasceu a 16 de junho de 1902 em Teixeira, PB, filho de Joaquim Félix da Silva e Ângela Dias Novo, falecendo em Campina Grande a 16 de setembro de 1980. Ingressou na Polícia Militar do Estado em 1920. Delegado de Teixeira por cinco vezes e de várias cidades da Paraíba. Prefeito de Conceição em 1935 e de Cajazeiras em 1939. Comandou o I Batalhão da Polícia Militar com sede na capital e o II Batalhão da Polícia Militar em Campina Grande, onde foi agraciado com o título de Cidadão Campinense. Participou dos movimentos revolucionários de 1930 e 1932, ao lado das tropas governistas. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde se iniciou Aprendiz Maçom em 27 de novembro de 1934, elevado a Companheiro Maçom em 25 de janeiro de 1935 e a Mestre Maçom em 31 de maio do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Nova Brasília. Propositura do Vereador Rafael Manoel dos Santos – Lei nº 642, de 29.10.1980.

DIONÍSIO MARQUES DE ALMEIDA

Dionísio Marques de Almeida nasceu em Vitória de Santo Antão, PE, a 14 de julho de 1891 e faleceu em Campina Grande a 19 de outubro de 1974. Era mais conhecido como Dionísio Campos. Foi comerciante e industrial, tendo se estabelecido na Rua da Areia (hoje João Pessoa), com a firma Saboaria Pernambucana. Instalou a Fábrica de Fios e Tecelagem Juta em 1925, importando o fio de juta da Inglaterra, tendo sido pioneiro na fiação de algodão, trituração de caroço de algodão e refinação de óleo comestível. Recebeu a Medalha de Honra ao Mérito Municipal e o título de Cidadão Campinense. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 7 de agosto de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 13 de setembro do mesmo ano e exaltado a Mestre Maçom em 28 de abril de 1926. . A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura do Vereador Genésio Soares – Lei nº 79, de 6.11.1974.

ENGRÁCIO GUEDES BEZERRA

Engrácio Guedes Bezerra nascido em Limoeiro, PE, em 20 de março de 1904, faleceu em Campina Grande em 5 de dezembro de 1997. Era comerciante. Membro da Regeneração Campinense, onde foi iniciado Aprendiz Maçom em 16 de janeiro de 1942, elevado a Companheiro Maçom em 10 de dezembro de 1944 e exaltado a Mestre Maçom em 10 de abril de 1945. A rua tem seu nome por propositura da Vereadora Maria Barbosa – Projeto de Lei nº19/98.

EPAMINONDAS CÂMARA

Epaminondas Câmara nasceu em Esperança, PB, a 4 de junho de 1900 e faleceu em Campina Grande a 28 de abril de 1958. Viveu durante 10 anos em Batalhão (hoje Taperoá), de onde veio para Campina Grande em 1920. Era Técnico em Contabilidade e dedicou-se à pesquisa

histórica da cidade e da vida eclesiástica paraibana. Escreveu dois livros: "Os Alicerces de Campina Grande" e "Datas Campinenses". É patrono da Cadeira nº 12 da Academia de Letras de Campina Grande. Foi titular da Academia Paraibana de Letras, ocupando a cadeira cujo patrono é Irineu Joffily. Era filho de Horácio de Arruda Câmara e Idalgina Sobreira Câmara, tendo se casado com sua prima Isaura Câmara, não deixando descendentes. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 10 de julho de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 28 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 11 de agosto do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Mário Araújo – Lei nº 128, de 4.11.1959.

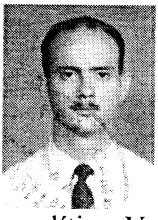
EPITÁCIO UCHOA

Epitácio Uchoa era natural de Mamanguape, PB, tendo nascido em 13 de junho de 1917. Faleceu em Campina Grande em 23 de julho de 1988. Era funcionário público, tendo atuado como classificador de algodão nas empresas SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro e Anderson Clayton & Cia. Convidado pelo economista Edvaldo de Souza do Ó para trabalhar na Bolsa de Mercadorias da Paraíba em 1974, foi um dos fundadores desse órgão, tornando-se Chefe do Departamento de Classificação. Gozava de alto conceito no Ministério da Agricultura e na Companhia de Financiamento da Produção, por sua capacidade técnica e seus pareceres abalizados. Foi iniciado no Grau de Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 8 de junho de 1957, e no mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 16 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 12 de agosto. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral da Ordem. Exerceu os cargos de Cobridor, Hospitaleiro Adjunto, Segundo Experto e Guarda do Templo. A rua tem seu nome por propositura do Vereador José Barbosa Neto – Lei nº 1.732/88.

ERNANI LAURITZEN

Ernani Lauritzen nasceu a 5 de maio de 1886, filho de Cristiano Lauritzen e Elvira Cavalcanti e faleceu a 29 de novembro de 1955. Casado com Maria de Lourdes Ramos, não deixou descendentes. Comerciante, foi eleito Deputado Estadual em 1920 e nomeado Prefeito em 1923 pelo Governador Sólon de Lucena para substituir seu pai na prefeitura campinense. Integrou em 1924 o Conselho Municipal (Câmara de Vereadores). Foi coletor federal, professor e jornalista, tendo fundado o Jornal de Campina, em 1932. Fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense em 1923. Ernani Lauritzen havia sido iniciado na centenária Loja Maçônica Regeneração do Norte, na Paraiba (hoje João Pessoa). Era iniciado no Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria. A rua está situada no Centro da Cidade.

EVALDO CRUZ



Evaldo Cavalcante Cruz nasceu em Campina Grande a 21 de agosto de 1931 e faleceu a 28 de junho de 1985. Foi advogado, promotor público e professor da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande da Universidade Federal da Paraíba e da Faculdade de Direito da Universidade Regional do Nordeste, jornalista e político. Vereador e Prefeito de Campina Grande, sendo cognominado Prefeito da Cultura. Entre outras obras, como Prefeito, construiu o Parque do Açude Novo, onde se encontra um obelisco designando o marco zero da cidade de Campina Grande, recuperou o Teatro Municipal Severino Cabral, o Museu de Arte Assis Chateaubriand, estabeleceu os símbolos heráldicos do município, com bandeira e brasão. Ocupou como 1° Titular a Cadeira n° 28 da Academia de Letras de Campina Grande, que tem como patrono Zeferino Lima. Foi iniciado na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 19 de agosto de 1955. Condecorado com a Medalha Tiradentes concedida pela Loja Regeneração Campinense em 1975 e com a Medalha do Mérito concedida pela Câmara de Vereadores de

Campina Grande. A rua está situada no Bairro da Catingueira. Propositura do Vereador Felix Araújo Filho e da Vereadora Maria Lopes Barbosa – Lei nº 1.309/85.

EXPEDITO TORREÃO BRAZ

Expedito Torreão Braz nasceu em Princesa, PB, em 29 de maio de 1932, e faleceu em Campina Grande em 21 de janeiro de 1993. Era economista e funcionário do Banco do Nordeste do Brasil S/A. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 6 de outubro de 1973, tendo sido elevado a Companheiro Maçom em 21 de fevereiro de 1974 e exaltado a Mestre Maçom em 11 de maio desse mesmo ano. Exerceu o cargo de Mestre Adjunto da Coluna de Harmonia. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Bruno Gaudêncio – Lei nº 2.630, de 29.4.1993.

FRANCISCO DE ASSIS AVELINO

Francisco de Assis Avelino de Figueiredo nasceu em Patos, PB, em 9 de novembro de 1948, tendo falecido em Campina Grande em 20 de novembro de 1992. Era médico, tendo desempenhado o cargo de Diretor Técnico do Hospital Pedro I. Apaixonado por paraquedismo, veio a falecer num dos saltos pela não abertura do paraquedas. Membro da Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 27 de julho de 1984, elevado a Companheiro Maçom em 19 de outubro e exaltado a Mestre Maçom em 1º de dezembro do mesmo ano. Exerceu os cargos de Mestre de Cerimônias Adjunto e de Chanceler da Loja. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Antonio Pimentel Filho – Lei nº 2.600, de 29.12.1992. •

GASPARINO BARRETO

Gasparino da Silva Cabral Barreto nasceu em Goiana, PE, a 8 de julho de 1866 e faleceu no ano de 1929. Veio para Campina Grande, dedicando-

se ao comércio, nas décadas de 1910 e 1920. Foi Vereador. Fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense em 1923, foi nela Mestre de Banquetes e Primeiro Vigilante, entre outros cargos, tendo colado o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz. Deu nome à Loja de Perfeição que funcionava agregada ao Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste, com sede em Campina Grande. A rua está situada no Bairro de Rosa Cruz.

GENERINO MACIEL

Generino Maciel nasceu em Campina Grande a 14 de fevereiro de 1885 e faleceu em Belém do Pará a 7 de fevereiro de 1942. De família humilde, migrou ainda jovem para Belém do Pará, lá cursando a Faculdade de Direito onde se tornou professor. Retornando a Campina Grande celebrizou-se como advogado. Foi redator-chefe do jornal Correio da Paraíba durante muitos anos e, por diversas vezes, foi eleito Deputado Estadual. Iniciou-se na Loja Maçônica Branca Dias, Oriente de João Pessoa, em 10 de março de 1924, ocasião em que produziu bela peça de arquitetura e sendo aplaudido pela tríplice bateria do grau. Tendo se filiado à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 5 de abril de 1927, nesta exerceu por vários mandatos o cargo de Orador. Era colado no Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, do Rito Escocês Antigo e Aceito. A rua está situada no Bairro do Quarenta.

GERCINO DE FARIAS LEITE

Gercino Justino de Farias Leite nasceu em Campina Grande, PB, a 21 de agosto de 1892, filho de Manoel Justino de Farias Leite e Auta Cândido de Farias Leite, e faleceu a 19 de setembro de 1967. Casou-se com Honorina Pedrosa Leite com quem teve dois filhos. Comerciante e político, fez parte do Conselho Municipal de Campina Grande por duas legislaturas (1905/1909 e 1921/1925) representando o Distrito de Fagundes, hoje município. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense na qual se filiou em 6 de

março de 1945, oriundo da Loja Maçônica Padre Azevedo, do Oriente de João Pessoa. Exerceu diversos cargos na Loja, dentre os quais e por várias vezes os de Mestre de Banquetes, Arquiteto, Porta Espada, Porta Estandarte, Porta Bandeira e Chanceler, tendo sido por ela agraciado com o título de Benemérito. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Anésio Ferreira Leão.

GILVAN BARBOSA

Gilvan da Veiga Barbosa nasceu em Galante, Distrito de Campina Grande, a 18 de março de 1915, e faleceu em 14 de novembro de 1983. Filho de Francisco Barbosa Dunda e Flonila Veiga Barbosa (Nila). Estudou no Colégio Alfredo Dantas, no Liceu Paraibano e na Faculdade de Medicina de Recife, colando grau em 8.12.1942. Foi médico cirurgião e Diretor do Hospital Pedro I, tendo também trabalhado em outros hospitais da cidade, chegando a realizar 27.750 cirurgias, com baixo percentual de perdas. Foi fundador do Sindicato dos Médicos de Campina Grande, membro da Sociedade Médica de Campina Grande, da Associação Médica da Paraíba e do Colégio Internacional de Cirurgiões. Desportista, foi Presidente do Campinense Clube. Foi também membro do Rotary Clube e da Sociedade Rural de Campina Grande. Político, pertenceu aos quadros do Diretório Municipal do PSD. Foi professor de Ciências do Colégio Estadual da Prata. Pertenceu à Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde foi iniciado Aprendiz Maçom em 1° de maio de 1943, elevado a Companheiro Maçom em 9 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto do mesmo ano. Exerceu diversos cargos, destacando-se o de Primeiro Vigilante, além de compor a Comissão de Beneficência. Em sua homenagem, o Grande Oriente do Brasil fundou a sua primeira Loja Simbólica em Campina Grande, tendo-o como patrono, que adota o Rito Adhoniramita. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Robson Dutra – Lei n° 1.090/83.

GUILHERME CRUZ

Guilherme Cavalcanti Cruz nasceu em Campina Grande em 2 de março de 1947 e faleceu nesta cidade em 24 de dezembro de 1990. Era filho de Severino Henrique Cruz e Estelita Cavalcanti Cruz. Formado em Administração de Empresas, era professor da Universidade Regional do Nordeste, na qual veio a ser eleito Reitor. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 19 de agosto de 1972, elevado a Companheiro Maçom em 18 de novembro e exaltado a Mestre Maçom em 2 de março de 1973. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral da Ordem, em 5 de setembro de 1976. Foi Venerável Mestre da Loja no período 1981/1982, tendo ocupado os cargos de Orador e Primeiro Vigilante. Recebeu o título de Benemérito da Loja. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Félix Araújo Filho – Lei nº 2.210, de 13.3.1991.

HILTON MOTA

Hilton Carneiro Mota nasceu em Recife, PE, a 25 de maio de 1924 e faleceu em Campina Grande a 27 de maio de 1992. Foi radialista e fundador da Rádio FM Campina Grande, após ter militado durante anos nos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Seu nome também identifica uma das ruas do Shopping Iguatemi. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 19 de agosto de 1950, elevado a Companheiro Maçom em 27 de outubro do mesmo ano e exaltado a Mestre Maçom em 23 de janeiro de 1951. A praça está situada no Bairro da Conceição. Propositura do Vereador Felix Araújo Filho – Lei nº 2.478, de 2.6.1992.

ILDEFONSO AYRES

Ildefonso Ayres de Albuquerque Cavalcante nasceu em Campina Grande, a 13 de julho de 1883, morrendo assassinado em Patos (PB), a 17 de abril de 1946, em emboscada perpetrada por Liberato Nóbrega. Era

dentista. Foi político liberal, tendo sido Conselheiro Municipal no período de 1887 a 1890 e Membro da Assembléia Provincial. Foi também Delegado de Polícia e Juiz. Era membro da Loja Maçônica Regeneração do Norte, Oriente da Paraiba (hoje João Pessoa), e foi fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense, nela filiando-se em 5 de abril de 1927. A rua está situada no Bairro da Bela Vista.

INÁCIO MAYER

Inácio de Freitas Mayer nasceu em Sumé, PB, a 23 de novembro de 1900 e faleceu em Campina Grande a 20 de maio de 1963. Cursou medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia e se formou pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1926. Tendo clinicado em Bauru e Marília até 1929, fixou residência em Campina Grande em 1931, vindo a trabalhar no Hospital Pedro I. Foi professor de Química e História Natural no Colégio Diocesano Pio XI e médico do Hospital Universitário Alcides Carneiro, do Pronto Socorro Municipal e do ISEA - Instituto de Saúde Elpídio de Almeida. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 2 de novembro de 1928, elevado a Companheiro Maçom em 1° de fevereiro de 1929 e exaltado a Mestre Maçom em 26 de março do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Centenário. Propositura do Vereador Fernando Silveira – Projeto de Lei n° 29/63.

IRAILDO GOMES DE ABREU

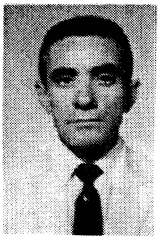
Iraildo Gomes de Abreu nasceu a 29 de maio de 1949 e faleceu a 16 de março de 1982 em Campina Grande. Fez o curso básico na Escola Técnica de Comércio, o científico no Colégio Juracy Palhano, o curso superior de Administração na Universidade Regional do Nordeste (hoje Universidade Estadual da Paraíba) e o mestrado em Engenharia de Produção na Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa. Foi funcionário do Banco do Estado da Paraíba S/A,

professor da Universidade Estadual da Paraíba, ocupando o cargo de Chefe Adjunto da Secretaria de Ensino, e professor da Universidade Federal da Paraíba, onde exerceu o cargo de Chefe do Departamento de Administração. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 21 de agosto de 1976, sendo elevado a Companheiro Maçom em 15 de outubro e a Mestre Maçom em 11 de dezembro de 1976 do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Nova Brasília. Propositura do Vereador Altair Pereira – Lei nº 849/82.

JADER MEDEIROS

Jader da Silva Medeiros nasceu em Picuí, PB, a 11 de julho de 1906. Falecido. Foi comerciante, industrial, pecuarista e político, tendo sido eleito Deputado Estadual. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, nesta foi iniciado em 22 de junho de 1932. A rua e travessa estão situadas no Bairro do Centenário. Propositura do Vereador Augusto Ferreira Ramos – Lei nº 107, de 12.7.1960.

JOÃO ALFREDO FILHO



João Alfredo Filho nascido em Pombal, PB, em 8 de março de 1925, faleceu em Campina Grande em 3 de junho de 1994. Era funcionário público estadual. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 13 de fevereiro de 1965, e no mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 9 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 28 de maio. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral da Ordem, em 10 de fevereiro de 1969. Exerceu vários cargos na Loja, dentre esses os de Secretário, Tesoureiro e Orador. Foi instalado no Trono do Rei Salomão em 24 de junho de 1984. Agraciado com o diploma de Benemérito da Loja em 1993. A rua tem seu nome por propositura da Vereadora Maria Barbosa – Lei nº 2.944, de 11.8.1994.

JOÃO ALVES DE OLIVEIRA

João Alves de Oliveira nasceu em Campina Grande a 21 de abril de 1884. Filho de Manuel Alves de Oliveira e Ana Carolina de Oliveira. Falecido. Casou-se com Severina Xavier de Oliveira (dona Mocinha) com quem teve 2 filhos. Foi comerciante nas primeiras décadas do Século XX, industrial, construtor e senhor de engenho. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 20 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 26 de maio e exaltado a Mestre Maçom em 9 de junho do mesmo ano, tendo colado o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz em 4 de junho de 1926 no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste. A rua está situada no Centro da Cidade. Propositura do Vereador Pedro Sabino de Farias e do Vereador João Nogueira de Arruda (Pinta Cega) e do Vereador Ary Ribeiro – Lei nº 442, de 22.8.1970.

JOÃO ARAÚJO

João Araújo natural de Mulungú, PB, nasceu a 20 de janeiro de 1897 e faleceu no ano de 1947. Foi comerciante exportador de algodão nas primeiras décadas do Século XX, integrando a firma Araújo, Rique & Cia da qual mais tarde se desligou formando sua própria firma João Araújo & Cia. Cronista e poeta, integrava a geração dos "novos escritores". A sua obra literária, agradável e irônica, analisava os problemas sócio-econômicos da periferia urbana. Tinha dedicação pelos serviço assistencial aos pobres, colaborando com fervor ao Asilo de Mendicidade e à Sociedade Deus e Caridade dirigida pelas abnegadas Irmãs de São Vicente de Paulo. Iniciado na Loja Maçônica Regeneração do Norte, Oriente de João Pessoa, foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense, em 1923, nela exercendo o cargo de Secretário. A rua está situada no Bairro de Santo Antonio.

JOÃO ARLINDO CORRÊA

João Arlindo Corrêa nasceu em Maceió, AL, a 27 de novembro de 1889 e faleceu a 4 de janeiro de 1970. Foi médico e dirigiu o Posto de Saúde de Campina Grande em 1925. Iniciado na Loja Maçônica Aurora Pernambucana, Oriente de Quipapá (PE), em 18 de junho de 1918, foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense, em 1923, nesta se filiando em 23 de dezembro de 1924. Era Grande Inspetor Geral da Ordem Maçônica, Grau 33, tendo sido Venerável Mestre da Loja nos anos de 1924 a 1927 e 1935, e Grão Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba. Foi um dos maçons que se posicionando contrário ao Grande Oriente do Brasil, lutou ao lado do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil pela criação da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba em 1927. Foi-lhe outorgado os títulos de Benemérito e Venerável Mestre "ad vitam" pela Loja Maçônica Regeneração Campinense e Membro Honorário pela Loja Maçônica Branca Dias, de João Pessoa, pelos relevantes serviços prestados. A rua está situada no Bairro de Santa Rosa. Propositura do Vereador Ary Ribeiro – Lei nº 442, de 28.2.1970.

JOÃO ARRUDA

João Arruda nasceu em Campina Grande, PB, a 28 de novembro de 1899. Falecido. Comerciante em Campina Grande na década de 1920, quando se tornou sócio de João Rique no comércio de exportação de algodão. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, tendo nesta se iniciado Aprendiz Maçom em 20 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 13 de abril de 1926 e exaltado a Mestre Maçom em 23 de novembro desse mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro, Conjunto Presidente Médici. Propositura do Vereador Genésio Soares de Carvalho – Lei nº 97, de 16.11.1973.

JOÃO DA CUNHA LIMA

João da Cunha Lima nasceu no Engenho Poções em Areia, PB, a 7 de março de 1876 e faleceu a 8 de março de 1959. Foi comerciante em Areia e Serraria e posteriormente funcionário público, tendo exercido os cargos de Agente dos Correios de Areia, Administrador de Rendas de Pombal, Catolé do Rocha e Guarabira, Chefe de Arrecadação de Serraria, Secretário do Tesouro do Estado, Chefe da Seção de Rendas de João Pessoa, Diretor da Recebedoria de Rendas de Campina Grande. Filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 17 de dezembro de 1935, tendo sido Venerável Mestre em 1936 e Maçom Benemérito. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura do Vereador Mário Araújo – Lei nº 1.280/85 e Vereador Félix Araújo Filho – Lei nº 2.178, de 24.12.1990.

JOÃO HONÓRIO DE MELLO

João Honório de Mello nasceu em Campina Grande a 24 de novembro de 1893. Falecido. Foi dentista e farmacêutico. Pintor, destacou-se como um dos grandes talentos na arte em Campina Grande, sendo o autor da famosa tela "Afonso Campos". Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 16 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 19 de março e exaltado a Mestre Maçom em 27 de março do mesmo ano, tendo colado o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz em 15 de junho de 1926 no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste. A rua está situada no Bairro de José Pinheiro. Propositura do Vereador Mário Araújo.

JOÃO MIGUEL DE MORAIS

João Miguel de Morais nasceu em Santa Rita, PB, em 11 de fevereiro de 1897 e faleceu em Campina Grande em 1981. Era comerciante. Aprendiz Maçom iniciado na Regeneração Campinense em 4 de junho de 1926. Em 15 de junho e 29 de junho desse mesmo ano, foi

respectivamente elevado a Companheiro Maçom e exaltado a Mestre Maçom. Exerceu os cargos de Primeiro Vigilante, Tesoureiro, Chanceler e Tesoureiro Adjunto. A rua tem seu nome por propositura do Vereador João Nogueira de Arruda – Lei nº 742, de 27.8.1981.

JOÃO MONTEIRO

João Monteiro Gomes Oliveira nasceu em João Pessoa, PB, a 10 de agosto de 1895. Falecido. Foi mecânico. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 10 de julho de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 28 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 11 de agosto do mesmo ano. A rua está situada no Distrito dos Mecânicos, Bairro do Tambor.

JOÃO SOUTO MAIOR

João Souto Maior nasceu em Alagoa Nova, PB, a 8 de março de 1908 e faleceu a 18 de dezembro de 1985. Foi comerciante. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 27 de novembro de 1934, elevado a Companheiro Maçom em 15 de março de 1935 e exaltado a Mestre Maçom em 20 de setembro deste mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador João Dantas – Lei nº 1.408/86.

JOÃO UCHOA

João Uchoa nasceu em Sousa, PB, a 5 de junho de 1891 e faleceu em Campina Grande a 14 de setembro de 1952. Aos seis anos de idade veio para Campina Grande em companhia dos seus pais e de sete irmãos. Aqui cursou o primário. Em 1918, sua esposa e seu único filho morreram de uma epidemia de catapora. Juntou-se ao sogro, Lino Gomes da Silva, comerciante de tecidos e algodão e começou a viajar pelo interior de Pernambuco, comprando café para revender no sertão paraibano e em Campina Grande. Em 1920 foi distribuidor da multinacional Standard Oil

Company. Anos mais tarde entrou no ramo de ferragens e tintas com uma loja na rua das Areias (hoje, rua João Pessoa), onde trabalhou cerca de 15 anos, quando encerrou suas atividades de comerciante com desgosto pela morte da segunda esposa, Dona Felisberta. Logo após entregar o comércio ao filho Oton Uchoa, comprou uma fazenda em Taperoá, onde casou-se pela terceira vez. Terminou seus dias como fazendeiro. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense, filiando-se a esta em 20 de fevereiro de 1925, oriundo da Loja Maçônica Branca Dias, Oriente da Paraiba (hoje João Pessoa). A rua está situada no Bairro da Conceição.

JOAQUIM ANTONIO DE CARVALHO

Joaquim Antonio de Carvalho natural da cidade de Porto, em Portugal, nasceu em 19 de julho de 1897, tendo falecido com 32 anos em Campina Grande, no ano de 1929. Deixando a cidade de Recife (PE) onde residia, veio a ser um dos pioneiros do comércio campinense no ramo de calçados. Tendo sido iniciado na Loja Maçônica Aurora Pernambucana, Oriente de Quipapá (PE), filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 6 de fevereiro de 1925, onde ocupou o cargo de Mestre de Cerimônias. Era iniciado no Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria. A rua está situada no Bairro de Santa Rosa. Propositura do Vereador José Luiz Júnior – Lei nº 644, de 5.11.1980.

JOAQUIM PEREIRA DOS SANTOS

Joaquim Pereira dos Santos natural de Cabaceiras, PB, nasceu a 22 de janeiro de 1889 e faleceu em 1947. Conhecido como Joaquim de Nereu, foi comerciante do ramo de movelaria e industrial com uma firma de vulcanização e recapagem de pneus. Foi iniciado na Loja Maçônica Branca Dias, Oriente da Paraiba (hoje João Pessoa), e fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense a qual se filiou em 23 de dezembro de 1924, onde exerceu o cargo de Segundo Experto no ano de 1925. Colou o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, em 3 de junho de 1926. A

rua está situada no Bairro de Santo Antonio. Propositura do Vereador Genésio Soares de Carvalho – Lei nº 356, de 6.12.1977.

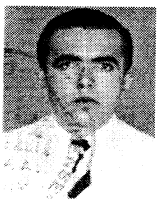
JOSÉ DE ALMEIDA TORREÃO

José de Almeida Torreão nasceu a 3 de fevereiro de 1919 em São José dos Cordeiros, PB, filho de Sindulfo da Cunha Torreão e de Rita de Almeida Torreão, casado com Moyeme de Lira Torreão, falecendo a 18 de janeiro de 1989 em Campina Grande. Foi funcionário do Banco do Nordeste do Brasil S/A e funcionário público estadual lotado na Recebedoria de Rendas de Campina Grande. Iniciado na Loja Maçônica Calixto Nóbrega, Oriente de Sousa, em 11 de dezembro de 1966, filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 7 de abril de 1967, sendo seu Venerável Mestre nos períodos 1969/1970 e 1970/1971, cargo que renunciou em 1970 por ter sido eleito Grão Mestre Adjunto da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba. A rua está situada no Bairro de Nova Brasília. Propositura do Vereador Vital do Rego Filho – Lei nº 1.864, de 22.3.1989.

JOSÉ ALVES

José Alves da Costa nasceu em Campina Grande, PB, a 1º de janeiro de 1912. É falecido. Foi mecânico. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 19 de agosto de 1935, sendo elevado a Companheiro Maçom em 17 de setembro e exaltado a Mestre Maçom em 29 de novembro do mesmo ano. A rua está situada no Distrito dos Mecânicos, Bairro do Tambor.

JOSÉ ARAÚJO



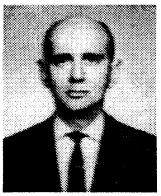
José Araújo de Albuquerque nasceu em São José dos Cordeiros, PB, a 30 de novembro de 1927 e faleceu em Campina Grande, a 30 de setembro de 1982. Filho de Apolônio Albuquerque e Maria Augusta de Albuquerque, era casado com Gilvanete Lira de Albuquerque. Era comerciário, funcionário da SANBRA – Sociedade

Algodoeira do Nordeste Brasileira S/A. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 10 de janeiro de 1953, e neste mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 14 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 5 de agosto. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral da Ordem, em 5 de setembro de 1976. Maçom dedicado, foi Bibliotecário da Loja por 14 anos. Exerceu também os cargos de Guarda do Templo, Hospitaleiro, Chanceler, Mestre da Coluna de Harmonia, além de Instrutor do Centro de Estudos Maçônicos. Instalado no Trono do Rei Salomão em 18 de setembro de 1973. Agraciado com o título de Benfeitor da Loja em 1968. O auditório da Loja leva o seu nome. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Lindaci de Medeiros Nápoles – Lei nº 1.428/86.

JOSÉ BRANCO RIBEIRO

José Branco Ribeiro foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense em 1923, tendo a esta se filiado em 6 de fevereiro de 1925. Não se obteve maiores informações sobre este maçom. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Deusdedit Fernandes.

JOSÉ CAVALCANTI DE FIGUEIREDO



José Cavalcanti de Figueiredo natural de Campina Grande nasceu em 6 de março de 1935 e faleceu nesta cidade em 4 de fevereiro de 1985. Era funcionário público do Departamento Nacional de Obras contra a Seca – DNOCS, engenheiro e professor universitário, tendo sido eleito Reitor da Universidade Regional do Nordeste. Membro da Loja Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 6 de outubro de 1973, elevado a Companheiro Maçom em 21 de fevereiro de 1974 e exaltado a Mestre Maçom em 11 de maio desse ano. A rua tem seu nome por propositura da Vereadora Maria Barbosa – Lei nº 1.240/85.

JOSÉ DE ALENCAR NUNES MOREIRA

José de Alencar Nunes Moreira nasceu em Crateús, CE, a 30 de setembro de 1931, filho de Vicente Nunes Moreira e Isaura Nunes Moreira. Graduou-se em engenharia agronômica pela Universidade Federal do Ceará em 1955 e fez mestrado em Genética e Melhoramentos de Plantas na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba (SP), entre 1968/1969. Foi professor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará. Foi Chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Algodão em Campina Grande, entre 1975 e 1985. Recebeu em 1981 o prêmio Frederico Meneses Veiga, concedido pela EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 19 de agosto de 1978, sendo elevado a Companheiro Maçom em 11 de novembro de 1978 e exaltado a Mestre Maçom em 24 de março de 1979. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral, do Rito Escocês Antigo e Aceito. Foi Bibliotecário da Loja de 1980 a 1985. É maçom vivo e reside em Campina Grande até a presente edição. A rua está situada no Bairro das Malvinas, Conjunto Álvaro Gaudêncio.

JOSÉ DE ALMEIDA JÚNIOR

José João Almeida Albuquerque Junior, natural do Rio Grande do Norte, nasceu a 9 de abril de 1880, vindo a falecer em Campina Grande em 1964. Funcionário público, em Campina Grande se destacou como um dos grandes educadores, tendo participado da fundação do Colégio Alfredo Dantas e da Escola Técnica de Comércio. Argemirista, era um grande animador das convenções da União Democrática Nacional - UDN. Foi fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense, em 1923. A rua está situada no Bairro da Liberdade. Propositura do Vereador José Barbosa Neto.

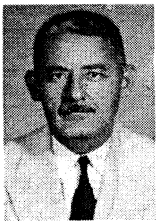
JOSÉ EUDÓCIO LEITE

José Eudócio Leite nasceu em Patos, PB, em 12 de julho de 1930, falecendo em Campina Grande em 9 de janeiro de 1989. Era funcionário público. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 24 de junho de 1967, elevado a Companheiro Maçom em 16 de abril de 1968 e exaltado a Mestre Maçom nesse mesmo ano em 17 de setembro. Exerceu cargos na Loja dentre os quais o de Mestre Adjunto de Banquetes. A rua tem seu nome por propositura da Vereadora Maria Barbosa – Lei nº 1.950, de 12.9.1990.

JOSÉ LUCAS IRMÃO

José Lucas Irmão nasceu em São João do Cariri em 11 de maio de 1937 e faleceu em Campina Grande em 15 de novembro de 1983. Era comerciante. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Regeneração Campinense em 7 de dezembro de 1957, elevado a Companheiro Maçom e exaltado a Mestre Maçom em 1958, respectivamente nos dias 11 e 27 de março. Era sócio remido da Loja. A rua está situada no Bairro de Bela Vista.

JOSÉ MAMEDE DE SOUZA



José Mamede de Souza nasceu em Sobral, CE, a 6 de janeiro de 1917 e faleceu em Campina Grande em janeiro de 1991. Foi comerciante durante toda a sua vida. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 23 de março de 1956, elevado a Companheiro Maçom em 10 de outubro e exaltado a Mestre Maçom em 20 de novembro do mesmo ano. Exerceu na Loja os cargos de Mestre de Banquetes, Porta Espada e Primeiro Experto. A rua está situada no Bairro das Malvinas, Conjunto Dinamérica. Propositura do Vereador José Luiz Junior – Lei nº 2.294, de 22.9.1991.

JOSÉ MOISÉS DE MEDEIROS NETO

José Moisés de Medeiros Neto nasceu a 1° de outubro de 1932 em Santa Luzia do Sabugí, PB, filho de Jovino José de Medeiros e Maria Fernandes Filha. Estudou medicina na Universidade Federal de Pernambuco, dedicando-se à urologia. Prestou serviços no Hospital Pedro I e em vários hospitais de Campina Grande, tendo sido Diretor Adjunto Assistencial do Hospital Universitário Alcides Carneiro. Condecorado com o título de Cidadão Campinense pela Câmara de Vereadores. Foi radialista e colaborador de jornais campinenses. É membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde foi iniciado Aprendiz Maçom em 18 de dezembro de 1971, elevado a Companheiro Maçom em 17 de março de 1972 e exaltado a Mestre Maçom em 21 de junho do mesmo ano. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral, do Rito Escocês Antigo e Aceito. Condecorado com a Medalha Tiradentes concedida pela Loja Regeneração Campinense em 1989. É maçom vivo e reside em Campina Grande até a presente edição. A rua está situada no Bairro de Bodocongó.

JOSÉ PALHANO

José Palhano nasceu em Crateús, CE, a 5 de março de 1896. Falecido. Por ter implantado a indústria têxtil em Campina Grande, é considerado o pioneiro da industrialização campinense. Foi também comerciante. Iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 13 de fevereiro de 1925, foi elevado a Companheiro Maçom em 3 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 28 de abril do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura do Vereador Augusto Ferreira Ramos – Lei n° 32, de 11.4.1966.

JOSÉ PEREIRA DE ARAUJO

José Pereira de Araújo nasceu em Cabaceiras, PB, a 18 de abril de 1906 e faleceu a 4 de setembro de 1980. Filho de Manoel Martins Pereira de Barros e Rita Cidrônio Pereira de Araújo. Foi agente fiscal. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 12 de outubro de 1936, elevado a Companheiro Maçom em 27 de novembro e exaltado a Mestre Maçom em 11 de dezembro do mesmo ano. Exerceu os cargos de Mestre de Banquetes Adjunto e de Secretário da Loja. A rua está situada no Bairro do Catolé.

JOSÉ PINTO

José Pinto nasceu em Cabaceiras, PB, a 17 de julho de 1901. Falecido. Era advogado. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom e elevado a Companheiro Maçom em 17 e 28 de julho de 1925, sendo exaltado a Mestre Maçom em 12 de abril de 1926. A rua está situada no Bairro de Santo Antonio.

JOSÉ RAIMUNDO DOS SANTOS

Nasceu em Icó, CE, a 18 de agosto de 1906 e faleceu em Campina Grande a 18 de março de 1973. Aos 12 anos já pintava quadros a contragosto do pai, tendo que sair de casa muito jovem. Político e comerciante, veio para Campina Grande em 1935. Era pintor de telas, de cartazes para o Cine Capitólio e desenvolvia projetos de arquitetura, cenografia, escultura e decoração. Adotava o estilo romântico e sempre se envolveu com os eventos artístico-culturais da cidade. Articulista da Revista Manaíra e do jornal O Rebate, Membro da Casa do Ceará ocupando a cadeira de José de Alencar, Membro da Sociedade Benemérita dos Artistas e do Clube Literário de Campina Grande. Recebeu a Medalha de Honra ao Mérito da Maçonaria em 1948 e de Cidadão Campinense em 1964. Destacou-se com "Campina

Grande Antiga" (coletânea de telas em bico de pena sobre a cidade, feita no centenário de Campina e quadro a óleo em 1964 ("Palhaço I e II" e o "Circo"); "José Américo", "Augusto dos Anjos", "D. Helder Câmara", "Apanhador de Papel", "Pilando Milho" (cenas do cotidiano). Seu nome também identifica uma das ruas do Shopping Iguatemi. Foi Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, tendo se iniciado Aprendiz Maçom em 17 de julho de 1945, elevado a Companheiro Maçom em 21 de agosto e exaltado a Mestre Maçom em 25 de setembro do mesmo ano. Exerceu os cargos de Arquiteto e de Chanceler. Recebeu o título de Benfeitor da Loja em 19 de agosto de 1953. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador Altair Pereira.

JOSÉ SCHAFER

Josef Schafer era alemão, nascido em Engers, na Rhenania, em 25 de dezembro de 1893. Faleceu em Campina Grande, onde foi mecânico. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 19 de agosto de 1932 e nesse mesmo ano elevado a Companheiro Maçom e exaltado a Mestre Maçom em 30 de setembro. A rua está situada no Bairro da Liberdade. Propositura do Vereador Antonio Luiz Cabral – Lei nº 3.180, de 20.9.1995.

JÚLIO COSTA

Júlio Pereira da Costa nasceu em Araruna, PB, a 17 de dezembro de 1912 e faleceu em Campina Grande a 2 de março de 1977. Veio morar na cidade de Campina Grande nos idos de 1930, tendo antes passado uma temporada em Esperança onde aprendeu a trabalhar em tipografia. Começou a trabalhar no jornal O Rebate, primeiro nas oficinas do jornal como tipógrafo, mais adiante tornou-se sócio do jornal e depois adquiriu as oficinas do mesmo, dando início à gráfica onde trabalhou até sua morte. Participou ativamente da política local nas campanhas da década de 1950, ao lado de Argemiro de Figueiredo. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, iniciado Aprendiz

Maçom em 21 de agosto de 1976, elevado a Companheiro Maçom em 15 de outubro e exaltado a Mestre Maçom em 11 de dezembro do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Centenário. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa – Lei nº 289, de 23.3.1977.

JUVÊNCIO ARRUDA

Juvêncio Arruda nasceu em Campina Grande a 28 de julho de 1892 e faleceu a 13 de junho de 1968. Era comerciante de tecidos na década de 1920. Filho de João José de Arruda e de Maria Gomes de Arruda. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 6 de março de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 31 de março e exaltado a Mestre Maçom em 21 de julho do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador José Leon Nepomuceno.

JUVINO DE SOUZA DO Ó

Juvino de Souza do Ó nasceu em Bom Jardim, PE, a 2 de junho de 1868 e faleceu a 12 de janeiro de 1963. Grande comerciante, dono da casa O Vesúvio na rua do Seridó (hoje Maciel Pinheiro) e proprietário rural no Serrotão. Político, era seguidor de Cristiano Lauritzen, tendo assumido interinamente a Prefeitura em novembro de 1923. Membro-Presidente do Conselho Municipal entre 1917 e 1928. Iniciou-se em 1914 na Loja Maçônica Regeneração do Norte, Oriente da Paraiba (hoje João Pessoa), tendo se filiado à Loja Maçônica Regeneração Campinense e sendo seu fundador, vindo também a ser seu Venerável Mestre em 1926. Era Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, e adotou o nome simbólico de Cristiano Lauritzen. Exerceu os cargos de Chanceler e Porta Espada. A antiga rua Juvino de Souza do Ó teve sua denominação trocada para Rua 4 de Outubro, em homenagem ao dia em que a Revolução de 1930 triunfou em Campina Grande. Posteriormente voltou a ser rua Juvino de Souza do Ó. A rua está situada no Centro da Cidade. Propositura do Vereador Aldino Gaudêncio.

JUVINO NEPOMUCENO

Juvino Pereira Nepomuceno nasceu em Campina Grande a 30 de setembro de 1905 e faleceu a 8 de janeiro de 1979. Era comerciante, fazendeiro e farmacêutico, proprietário da Farmácia Galeno estabelecida na rua Maciel Pinheiro. Exerceu atividade política, sendo Prefeito do Município de Barra de Santa Rosa. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 1° de maio de 1943, elevado a Companheiro Maçom em 9 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto do mesmo ano. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 12 de setembro de 1959 e Cavaleiro Kadosch, Grau 30, em 25 de maio de 1960. Exerceu o cargo de Porta Bandeira e compôs a Comissão de Beneficência. A rua está situada no Bairro de José Pinheiro. Propositura do Vereador Williams Arruda e do Vereador Everaldo Agra – Lei n° 449, de 22.3.1979.

LAFAYETTE CAVALCANTI

Lafayette Cavalcanti Correia de Mello nasceu em Umbuzeiro, PB, a 1° de maio de 1893 e faleceu em Campina Grande a 6 de julho de 1970. O Major Lafayette Cavalcanti foi Prefeito e Vice-Prefeito de Campina Grande. Como Prefeito, em 1929 implementou a estrada que liga Campina Grande a capital do Estado e começou a construir o calçamento da cidade. Membro da Aliança Liberal, foi um dos líderes dos movimentos políticos de 1930. Sendo Vice-Prefeito, assumiu em 27.07.1954 a Prefeitura, quando o Prefeito Plínio Lemos foi eleito Deputado Federal. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, iniciado Aprendiz Maçom em 13 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 20 de fevereiro e exaltado a Mestre Maçom em 3 de abril do mesmo ano. Foi Primeiro Vigilante da Loja e Venerável Mestre em 1925 e 1928, tendo sido agraciado com o título de Benemérito. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura dos Vereadores Genésio Soares de Carvalho e José Luiz Júnior – Lei n° 148, de 7.7.1975.

LINDACI DE MEDEIROS

Lindaci Medeiros Nápoles nasceu em São Mamede, PB, em 18 de novembro de 1937, e faleceu em Campina Grande. Era comerciante e político, tendo sido Presidente da Câmara de Vereadores. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 17 de agosto de 1974 e nesse mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 9 de novembro e exaltado a Mestre Maçom em 13 de dezembro. Foi colado no Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, em 17 de setembro de 1977. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Antonio Hamilton Fechine – Lei nº 4.122/2003.

LINO DE OLIVEIRA CAVALCANTE

Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense. Não de dispõe de nenhum dado pessoal deste maçom. Apenas seu nome e assinatura constam da ata de fundação da Loja. A praça está situada no Centro da Cidade. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa.

LINO GOMES DA SILVA

Lino Gomes da Silva nasceu em 23 de setembro de 1864 em Campina Grande, no Sítio Lucas, hoje o Bairro de São José, e faleceu em 20 de agosto de 1924. Foi comerciante, delegado de polícia, político, poeta e jornalista. De origem humilde, trabalhou como vendedor ambulante e carregador de água, tornando-se um grande comerciante na cidade. Político, foi Vice-Prefeito de Cristiano Lauritzen. Em 1909 quando da dissolução do Conselho Municipal, participou da Junta Interina, sendo eleito seu Presidente em 15.11.1910. Redator dos jornais "Correio de Campina", de Cristiano Lauritzen, e do "O Século", "Praça de Campina", "A Voz da Borborema" e "A Razão". Foi ainda um dos fundadores da Associação dos Empregados no Comércio, hoje Sindicato dos Comerciários. É patrono da Cadeira nº 30 da Academia de Letras de Campina Grande. Deixou a obra História de Campina

Grande. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Branca Dias, Oriente de João Pessoa, em 24 de maio de 1923, elevado a Companheiro Maçom e exaltado a Mestre Maçom em 31 de março de 1924. Foi fundador da Loja Maçônica Regeneração Campinense. A rua está situada no Bairro de São José.

LUIZ LYRA

Luiz Lyra era natural de Timbaúba, PE, onde nasceu em 14 de janeiro de 1895, falecendo em Campina Grande em 21 de agosto de 1980. Era comerciante. Iniciado na Loja Branca Dias, em João Pessoa, foi fundador da Loja Regeneração Campinense, nesta se filiando em 23 de dezembro de 1924. Foi iniciado no Grau 18, Cavaleiro Rosacruz, pelo Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste em 3 de junho de 1926. Foi agraciado pela Loja com o título de Benfeitor em 1944. Nesta exerceu vários cargos, destacando-se Arquiteto, Guarda do Templo, Mestre de Cerimônias, Hospitaleiro, Mestre da Coluna de Harmonia e Membro da Comissão de Beneficência. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Genésio Soares – Lei nº 619, de 8.9.1980.

LUIZ MARINHO DA SILVA

Luiz Marinho da Silva nasceu em Santa Luzia do Sabugi (PB) a 15 de julho de 1903 e faleceu em Campina Grande 3 de junho de 1985. Foi comerciante por muito tempo em Campina Grande, posteriormente, funcionário público estadual. Exerceu a carreira política elegendo-se vereador em Campina Grande. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, tendo se iniciado Aprendiz Maçom em 14 de outubro de 1930, elevado a Companheiro Maçom em 19 de dezembro de 1930 e exaltado a Mestre Maçom em 10 de fevereiro de 1931. Adotou o nome simbólico de João Pessoa e foi agraciado com o título de Benemérito da Loja. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa – Lei nº 1.298/85.

MANOEL BATISTA GUSMÃO

Manoel Batista Gusmão nasceu a 2 de agosto de 1915 em Patos, PB, sendo falecido. Era contador, antigamente guarda-livros. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde se iniciou Aprendiz Maçom em 6 de junho de 1943, tendo sido elevado a Companheiro Maçom em 9 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto do mesmo ano. Exerceu os cargos de Primeiro Experto, Segundo Experto, Mestre de Cerimônias e Secretário. A rua está situada no Bairro da Catingueira.

MANOEL LEITE CAVALCANTE

Manoel Leite Cavalcante nasceu em Alagoa Nova, PB, em 17 de junho de 1909, filho do Coronel Inácio de Ataíde Cavalcante, senhor de engenho, e Ana Gonçalves Cavalcante, e faleceu em Olinda, PE, a 29 de julho de 1978. Funcionário durante 35 anos da Inspetoria de Trânsito (hoje Ciretran). Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 17 de fevereiro de 1948, sendo elevado a Companheiro Maçom em 13 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 11 de maio do mesmo ano. Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18, em 21 de setembro de 1957 e Cavaleiro Kadosch, Grau 30, em 25 de maio de 1960. Exerceu diversos cargos maçônicos, dentre estes os de Porta Espada, Mestre de Banquetes e Cobridor. A rua está situada no Bairro de Jeremias. Propositura dos Vereadores José Luiz Junior e Lindaci de Medeiros Nápoles – Lei nº 409, de 15.9.1978.

MENELAU BEZERRA DA SILVA

Menelau Bezerra da Silva nasceu em Camocim, CE, em 15 de junho de 1912, e faleceu em Campina Grande. Era comerciante. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 27 de março de 1954, sendo nesse mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 14 de junho e exaltado a Mestre Maçom em 31 de agosto.

A rua tem seu nome por propositura do Vereador Fábio Nogueira – Lei nº 3.019, de 24.11.1994.

MILTON XAVIER LIRA

Milton Xavier Lira era natural de Teixeira, PB, nascido a 2 de outubro de 1930, e faleceu em Campina Grande. Era funcionário público estadual. Filiou-se à Regeneração Campinense em 1981, proveniente da Loja Augusto Simões, de Patos. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Márcio Rocha – Lei nº 3.131, de 24.5.1995.

NATHANAEL BELO

Nathanael Belo nasceu em Campina Grande em 23 de janeiro de 1909 e faleceu na mesma cidade em 14 de janeiro de 1992. Era comerciante. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 17 de dezembro de 1935, elevado a Companheiro Maçom em 8 de maio de 1936 e exaltado a Mestre Maçom em 14 de agosto. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Felix Araújo Filho – Projeto de Lei nº 103/92.

OLAVO CRUZ

Olavo Bilac Cruz nasceu em São José do Mipibú, RN, a 13 de abril de 1909 e faleceu em Recife, PE, a 30 de setembro de 1986. Foi contabilista, professor, banqueiro e industrial. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 17 de março de 1936, elevado a Companheiro Maçom em 29 de maio e exaltado a Mestre Maçom em 22 de junho do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Bodocongó. Propositura do Vereador Felix Araújo Filho.

OLÍVIO RIQUE

Olívio Rique Ferreira nasceu em Campina Grande, PB, em 13 de fevereiro de 1903 e faleceu nesta mesma cidade. Era comerciante de algodão tendo participado da firma Araújo, Rique & Cia. Iniciado Aprendiz Maçom em 16 de junho de 1942 na Loja Regeneração Campinense, foi elevado a Companheiro Maçom em 28 de agosto de 1942 e exaltado a Mestre Maçom em 9 de outubro desse mesmo ano. Ocupou os cargos de Hospitaleiro e Mestre de Banquetes e fez parte da Comissão de Beneficência. Propositura da Vereadora Maria Barbosa – Lei nº 2.246, de 21.5.1991.

OTACILIO NEPOMUCENO

Otacílio Nepomuceno nasceu a 27 de fevereiro de 1914 e faleceu em Campina Grande a 2 de setembro de 1958. Estudou no Colégio do Professor Anésio Leão. Muito jovem começou a trabalhar no comércio de estivas e depois no ramo de automóveis, como escriturário. Criou sua própria firma comercial, através da qual comercializava produtos para saneamento. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 21 de junho de 1935, elevado a Companheiro Maçom em 24 de abril de 1936 e exaltado a Mestre Maçom em 15 de maio do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador José Leon Nepomuceno.

OTAVIANO BEZERRA DA CUNHA

Otaviano Bezerra da Cunha nasceu em Itabaiana, PB, a 18 de novembro de 1893. Falecido. Veio para Campina Grande para gerenciar uma filial de uma firma de algodão do Rio Grande do Norte. Foi comerciante na

década de 1910. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, onde se iniciou Aprendiz Maçom em 1° de maio de 1925, tendo sido elevado a Companheiro Maçom em 15 de maio e exaltado a Mestre Maçom em 9 de junho do mesmo ano. A rua está situada no Bairro da Bela Vista. Propositura do Vereador Genésio Soares de Carvalho.

OTÁVIO AMORIM

Otávio Theodoro de Amorim nasceu a 7 de janeiro de 1897 em Barra de Santana, PB, e faleceu em Campina Grande a 8 de novembro de 1979. Estudou em sua cidade natal, em Campina Grande e Itabaiana, tendo trabalhado nesta última no comércio. Bacharelou-se em 1925 pela Faculdade de Direito do Recife. Advogado, trabalhou no Diário de Pernambuco. Conselheiro Municipal em 1926, teve seu mandato interrompido com a Revolução de 1930. Em 1936 foi eleito Deputado Estadual e teve também o seu mandato interrompido pelo golpe do Estado Novo em 1937. Participou da elaboração de duas constituintes estaduais e foi membro do Partido Social Democrático. Recebeu o título de Cidadão Campinense em 1977, o Diploma de Consagração Pública pelo Mérito de Advogado e uma Medalha de Honra ao Mérito por serviços prestados à comunidade. Foi, ainda, um dos fundadores do Banco Industrial de Campina Grande S/A. Em sua homenagem tem o seu busto erigido na Rua Floriano Peixoto, no centro da cidade, ao lado da Secretaria das Finanças do Município, antigo Grande Hotel. É patrono da Cadeira n° 6 da Academia de Letras de Campina Grande. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, nela foi iniciado Aprendiz Maçom em 1° de maio de 1924, elevado a Companheiro Maçom em 22 de maio de 1925 e exaltado a Mestre Maçom em 31 de julho do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura dos Vereadores Álvaro Neto – Lei n° 548, de 14.12.1979 e Ari Ribeiro – Lei n° 687, de 24.3.1981.

OTÁVIO NEIVA

Otávio Neiva Freire nasceu em São Mamede, PB, em 24 de outubro de 1939, e faleceu em Campina Grande em 19 de maio de 1989, em trágico acidente automobilístico nas proximidades da cidade de També, juntamente com sua esposa Rubenita Vanderlei Neiva, que também tem seu nome em rua por propositura do Vereador Ari Ribeiro – Lei nº 1.938, de 22.8.1989. Era comerciante e fotógrafo. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 12 de dezembro de 1981, elevado a Companheiro Maçom em 23 de abril de 1982 e nesse mesmo ano exaltado a Mestre Maçom em 20 de agosto. Era Membro da Comissão de Recepção da Loja. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Vital do Rego Filho – Lei nº 1.924, de 13.6.1989.

PEDRO BARBOSA

Pedro Barbosa nasceu em Belo Jardim, PE, a 18 de fevereiro de 1900 e faleceu em Anápolis, GO. Foi comerciante. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 20 de março de 1945, elevado a Companheiro Maçom em 9 de outubro e exaltado a Mestre Maçom em 27 de novembro do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura do Vereador João Nogueira de Arruda – Lei nº 817/82.

PEDRO BRASIL

Pedro Brasil de Oliveira nasceu em Mamanguape, PB, a 31 de outubro de 1897, filho de Agrício Gomes de Oliveira e de Maria Brasil de Oliveira, falecendo em Campina Grande a 15 de julho de 1954. Foi comerciante durante muito tempo em Campina Grande. Tinha sua alfaiataria na rua Maciel Pinheiro, onde comercializava tecidos importados, sendo alfaiate da alta sociedade campinense. Posteriormente ocupou o cargo de Fiscal

de Finanças da Secretaria de Finanças de Campina Grande. Foi membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, iniciado Aprendiz Maçom em 24 de abril de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 15 de maio e exaltado a Mestre Maçom em 9 de junho do mesmo ano. Colou o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, em 15 de junho de 1926 no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste. Foi Segundo Vigilante e Mestre de Cerimônias Adjunto da Loja. A rua está situada no Bairro da Liberdade.

PEDRO D´ARAGÃO

Pedro d´Aragão nasceu em Campina Grande a 1° de julho de 1900 e faleceu a 25 de setembro de 1980. Comerciante, foi membro da Associação Comercial e representante da Federação do Comércio da Paraíba. Além dessas atividades, era músico e jornalista, demonstrando ter um talento vocacionado para as artes. Foi um dos fundadores da Sociedade Beneficente dos Artistas e do Jornal "O Rebate". Filho de André Alvino Correia de Aragão e Alexandrina Maria do Espírito Santo era casado com Umbelina Augusta de Aragão. Iniciado Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 18 de julho de 1944, foi elevado a Companheiro Maçom em 8 de setembro e exaltado a Mestre Maçom em 29 de outubro do mesmo ano, adotando o nome simbólico de Castro Alves. Foi Orador da Loja e Segundo Vigilante, e eleito Venerável Mestre para a gestão do ano de 1953. Foi Grande Orador da Grande Loja e eleito Grão Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba para o período de 1964/1968. Era Grau 33, Grande Inspetor Geral da Ordem, Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil e durante muitos anos exerceu o cargo de Soberano Grande Inspetor Litúrgico da Maçonaria para os Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. Foi homenageado com o título de Benemérito da Loja e de Grão Mestre "ad vitam" da Grande Loja. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Altair Pereira – Lei n° 638, de 23.10.1980.

PEDRO FEITOSA NEVES

Pedro Feitosa Neves nasceu em Monteiro, PB, a 23 de setembro de 1906 e faleceu em Campina Grande a 10 de junho de 1982. Era agente fiscal. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 9 de junho de 1936, elevado a Companheiro Maçom em 17 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 14 de agosto do mesmo ano.A rua está situada no Bairro da Bela Vista. Propositura do Vereador Hermes Ferreira Ramos – Lei nº 870/82.

PEDRO SABINO DE FARIAS

Pedro Sabino de Farias nasceu em 10 de janeiro de 1900 no Marinho (antigo distrito de Campina Grande), filho de Manoel Sabino de Farias e Filomena de Almeida Farias, falecendo a 10 de abril de 1984. Foi casado com Alice de Souza Farias com quem teve seis filhos. Foi comerciante no ramo de algodão e de sisal, tornando-se empresário no setor de transporte coletivo urbano, fundando a empresa Autoviária Rainha da Borborema, uma das pioneiras do ramo da cidade. Político, foi vereador por quatro legislaturas, tendo sido eleito Presidente da Câmara de Vereadores por duas e vezes e Prefeito interino da cidade por duas vezes, na gestão Elpídio de Almeida. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 9 de junho de 1936, sendo elevado a Companheiro Maçom em 17 de julho e exaltado a Mestre Maçom em 6 de novembro do mesmo ano. A rua está situada no Bairro do Cruzeiro. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa e do Vereador Lindaci de Medeiros Nápoles – Lei nº 1.141/84.

PLÍNIO LEMOS

Plínio Lemos nasceu a 3 de abril de 1903 em Areia, PB, e faleceu em São Paulo, SP, a 23 de abril de 1982. Advogado, promotor público e político, participou ativamente dos Movimentos Políticos de 1930. Em 1932 foi Oficial de Gabinete do Ministro José Américo de Almeida no Ministério da Viação e Obras Públicas. Foi Deputado Federal em 1945, 1954 e 1962. Deputado à Assembléia Constituinte de 1946. Em 1951 foi Prefeito de Campina Grande. Foi também um dos fundadores na Paraíba da União Democrática Nacional - UDN e do Partido Liberal - PL. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 5 de outubro de 1929, sendo elevado a Companheiro Maçom em 7 de fevereiro de 1931 e exaltado a Mestre Maçom três dias depois. No Bairro de José Pinheiro há o Estádio de Futebol que leva o seu nome. A rua está situada no Bairro das Malvinas, Conjunto Álvaro Gaudêncio. Propositura do Vereador Genésio Soares de Carvalho – Lei nº 840/82.

RAIMUNDO NONATO DA NÓBREGA

Raimundo Nonato da Nóbrega nasceu em Campina Grande a 24 de abril de 1901. Falecido. Foi Diretor Gerente da Refinaria de Óleo Don-Don. Mestre Maçom iniciado na Loja Maçônica Branca Dias, Oriente da Paraiba (hoje João Pessoa), filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 20 de fevereiro de 1925. A rua está situada no Bairro do Monte Santo. Propositura do Vereador Everaldo da Costa Agra.

RAIMUNDO VIANA

Raimundo Viana de Macedo nasceu em Fagundes, no dia 24 de abril de 1901, falecendo em Campina Grande. Era comerciante. Em 6.11.1945 tomou posse como Prefeito de Campina Grande, sucedendo a Severino Gomes Procópio, em conseqüência da nomeação pelo ministro José Linhares do novo interventor da Paraíba, o

desembargador Severino Montenegro. Raimundo Viana governou a cidade de 6.11.1945 a 18.2.1946. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 13 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 6 de abril de 1925 e exaltado a Mestre Maçom em 30 de abril. Colado na Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, pelo Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste em 9 de novembro de 1926. Exerceu o cargo de Segundo Experto da Loja. A rua tem seu nome por propositura da Vereadora Maria Barbosa – Lei nº 1.670/88.

ROLDÃO MANGUEIRA

Roldão Mangueira de Figueiredo nasceu em Conceição, PB, em 5 de março de 1905, tendo falecido em Campina Grande. Era comerciante. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 22 de janeiro de 1945, sendo nesse mesmo ano elevado a Companheiro Maçom em 10 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 15 de maio. Ocupou o cargo de Mestre de Cerimônias Adjunto. Roldão Mangueira desligou-se da Maçonaria para liderar Os Borboletas Azuis, movimento messiânico local por ele fundado. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Everaldo Agra – Lei nº 606, de 19.8.1980.

ROMILDO DIAS DE TOLEDO

Romildo Dias de Toledo nasceu em Pilar, PB, em 23 de novembro de 1924 e faleceu em Campina Grande, em 14 de maio de 1998. Filho de Severino Dias de Toledo e Maria Amélia Gomes de Toledo, era casado com Ivone Ribeiro Toledo. Era funcionário público estadual, lotado na Recebedoria de Rendas. Iniciado na Loja Calixto Nóbrega, Oriente de Sousa, em 11 de dezembro de 1966 e elevado a Companheiro Maçom em 3 de março de 1967. Filiou-se à Regeneração Campinense em 7 de abril de 1967, sendo exaltado a Mestre Maçom em 3 de maio. Investido no Grau 33, Grande Inspetor Geral, em 5 de setembro de 1976. Foi Grão Mestre da Grande Loja

Maçônica da Paraíba, Venerável Mestre da Loja Regeneração Campinense e Presidente do Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste. Agraciado com o título de Benemérito da Loja. Faleceu no exercício do cargo de Grão Mestre. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Antonio Pimentel Filho – Lei nº 3.755, de 26.10.1999.

SAMUEL SIMÕES

Samuel Simões de Carvalho nasceu em Vitória de Santo Antão, PE, a 4 de setembro de 1892 e faleceu em Campina Grande. Veio para Campina Grande em 1920, onde passou a se dedicar ao comércio de algodão. Era poeta, havendo publicado muitos sonetos e poemas. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 14 de abril de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 30 de abril e exaltado a Mestre Maçom em 6 de maio do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Jeremias.

SEBASTIÃO DANTAS BEZERRA

Sebastião Dantas Bezerra nasceu em Goiana, PE, em 8 de agosto de 1908, falecendo em Campina Grande em 28 de junho de 1989. Era comerciante. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Regeneração Campinense em 6 de junho de 1943, sendo elevado a Companheiro Maçom em 9 de junho de 1943 e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto desse mesmo ano. Foi iniciado Cavaleiro Rosa Cruz, Grau 18. Exerceu os cargos de Segundo Diácono e Hospitaleiro Adjunto. Foi agraciado com o título de Benemérito da Loja. A rua tem seu nome por propositura do Vereador Maciel Vitorino – Lei nº 1.973, de 25.10.1989.

SEBASTIÃO PEDROSA

Sebastião Pedrosa nasceu em Cabaceiras, PB, a 22 de maio de 1926 e faleceu em Campina Grande a 3 de janeiro de 1971. Formou-se em

medicina, tendo sido médico do Hospital Pedro I, do SAMDU e do IPASE. Desportista, foi Presidente do Treze Futebol Clube. Presidiu o Lions Clube. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 2 de julho de 1955, elevado a Companheiro Maçom em 18 de abril do mesmo ano e exaltado a Mestre Maçom em 12 de agosto de 1957. Iniciado no Grau 4, Mestre Secreto, em 23 de abril de 1960, na Loja de Perfeição Gasparino Barreto. A rua está situada no Bairro de José Pinheiro. Propositura do Vereador Manoel Barbosa – Lei nº 8, de 15.2.1971.

SEVERINO CABRAL

Severino Bezerra Cabral nasceu em Umbuzeiro, PB, a 4 de dezembro de 1897, filho de Salustiano Bezerra Cabral e Joaquina Barbosa Cabral, e faleceu em Campina Grande a 21 de fevereiro de 1970. Casou-se com Ana (Anita) de Assis Cabral com quem teve três filhos. Industrial e comerciante, montou a primeira fábrica de leite pasteurizado de Campina Grande, a Leiteria Celeste, a Fábrica de Tecelagem Caroá, a agência de automóveis S. B. Cabral & Cia e fundou o Banco Auxiliar do Povo S/A, do qual foi seu presidente por longo período. Foi Presidente da Associação Comercial, Deputado Estadual e candidato a Vice-Governador de João Agripino Filho em 1965, não tendo assumido porque não se desincompatibilizou em tempo hábil de suas empresas. Foi Prefeito em Campina Grande de 1958 a 1963, quando construiu o Teatro Municipal que tem o seu nome, ampliou a rede municipal de ensino, pôs a funcionar a Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande, construiu os cemitérios dos Bairros de José Pinheiro e Cruzeiro, pavimentou ruas e construiu lavanderias públicas. O poeta e jurista Raimundo Asfora apelidou-o de "Pé de Chumbo", que se tornou o seu "slogan" na campanha política. Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 19 de junho de 1925, sendo elevado a Companheiro Maçom em 4 de setembro e exaltado a Mestre Maçom em 19 de outubro do mesmo ano. Colou o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, em 15 de julho de 1926 no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste. A avenida e travessa estão situadas

nos Bairros de José Pinheiro e Vila Cabral. Propositura do Vereador Manoel Barbosa.

SEVERINO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Severino Cavalcanti de Albuquerque nasceu na localidade Rosa e Silva, Município de Timbaúba, PE, a 6 de fevereiro de 1893 e faleceu em Campina Grande a 26 de maio de 1981. Foi comerciante durante anos, sendo em 1938 nomeado tabelião privativo e vitalício do 1° Cartório do Registro Civil de Campina Grande pelo Governador Argemiro de Figueiredo. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 7 de fevereiro de 1925, elevado a Companheiro Maçom em 28 de fevereiro de 1926 e exaltado a Mestre Maçom em 19 de março do mesmo ano. A rua está situada no Bairro de Monte Castelo. Propositura do Vereador Ari Ribeiro.

SEVERINO CRUZ

Severino Henrique Cruz nasceu em João Pessoa, PB, a 21 de julho de 1891 e faleceu em Campina Grande a 1° de maio de 1965. Fez o curso pré-universitário em João Pessoa. Formou-se em medicina na Faculdade de Medicina de Recife, especializando-se em urologia. Em Recife foi médico da Saúde Pública do Estado até 1917, quando veio a Paraíba integrando uma comissão de combate à peste negra. Fixou residência em Campina Grande. Participou do projeto de fundação do Hospital Pedro I, sendo o seu primeiro Diretor Técnico, de 1932 a 1955. Participou da primeira peça encenada em Campina Grande, "Coisas da Vida", em 1926. Como político foi Vice-Prefeito na administração de Elpídio de Almeida (1955-1959). Iniciou-se Aprendiz Maçom na Loja Maçônica Regeneração Campinense em 1° de maio de 1925, sendo elevado a Companheiro Maçom em 22 de maio e exaltado a Mestre Maçom em 12 de junho do mesmo ano, adotando o nome simbólico de Frei Caneca. Colou o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz, em 1° de junho de 1926 no Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste. Exerceu os cargos de Mestre de Cerimônias, Chanceler, Segundo Vigilante,

Primeiro Vigilante, sendo eleito Venerável Mestre para os períodos de 1927, 1928, 1930, 1937 a 1939, 1942, 1943, 1949 a 1951. Foi-lhe concedida a honraria de Venerável Mestre de Honra "ad vitam" em 1930 e de Benemérito da Loja em 1946. A rua está situada no Açude Velho. Propositura do Vereador Gumercindo Barbosa Dunda – Lei nº 46, de 21.4.1965.

SEVERINO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ

Severino Gaudêncio de Queiroz nasceu em São João do Cariri, PB, a 14 de janeiro de 1927, filho de Francisco Gaudêncio e Maria Alice de Queiroz, e faleceu em Campina Grande a 16 de maio de 1986. Comerciante e funcionário público municipal. Foi um dos fundadores da Associação Comercial de Patos. Gerente da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro – SANBRA e de Anderson Clayton & Cia. Presidente de vários clubes futebolísticos campinenses e torcedor apaixonado do Treze Futebol Clube. Maçom, foi um dos fundadores das lojas maçônicas de Patos (PB) e Cajazeiras (PB). Foi Venerável Mestre da Loja Simbólica Duque de Caxias em Cajazeiras (1955/1957), da Loja Simbólica Augusto Simões em Patos (1958/1960) e da Loja Simbólica Presidente Roosevelt. Era Membro Honorário da Loja Simbólica Regeneração do Norte. Filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 24 de fevereiro de 1961. A rua está situada no Bairro do Tambor.

SEVERINO HERCULANO DE MELO

Severino Herculano de Melo nasceu a 28 de agosto de 1898 em Bom Jardim, PE, e faleceu a 21 de agosto de 1965 em Campina Grande. Foi comerciante. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, iniciado Aprendiz Maçom 1º de maio de 1943, elevado a Companheiro Maçom em 9 de junho e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto do mesmo ano. Foi iniciado nos Graus 18 e 30, Cavaleiro Rosa Cruz e Cavaleiro Kadosch, respectivamente em

17.7.1958 e 25.7.1960. Exerceu os cargos de Hospitaleiro, Hospitaleiro Adjunto, Porta Espada e Primeiro Diácono da Loja. A rua está situada no Bairro da Vila Cabral. Propositura do Vereador Agripino Batista de Oliveira – Lei nº 74, de 13.6.1967.

SEVERINO PIMENTEL

Severino Pimentel nasceu a 14 de dezembro de 1887, filho do Coronel João da Silva Pimentel e Josefa Cavalcante Pimentel, e faleceu a 23 de março de 1942 na cidade de Campina Grande. Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife em 1909, tendo sido o orador da turma. Casou-se em 1920 com Maria Pereira de Lucena, de cuja união nasceram três filhos e uma filha. Diretor dos jornais "Correio de Campina" e o "Prelúdio". Porém, foi como poeta que conseguiu se destacar, mantendo um estilo satírico. É patrono da Cadeira nº 18 da Academia de Letras de Campina Grande. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Regeneração Campinense, em 1923. A rua está situada no Bairro da Liberdade.

THOMAZ SOARES

Thomaz Pereira Soares Junior nasceu na Ilha de Fayal, Arquipélago dos Açores, Portugal, a 28 de outubro de 1888, e faleceu em Campina Grande a 23 de julho de 1950. Era engenheiro eletrônico, formado na Alemanha, vindo a Campina Grande em 1925 para administrar a Empresa de Luz. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 20 de julho de 1926, elevado a Companheiro Maçom em 13 de agosto e exaltado a Mestre Maçom em 19 de agosto do mesmo ano. Exerceu os cargos de Mestre de Banquetes, Mestre de Cerimônias Adjunto, Chanceler e Primeiro Vigilante. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Mário Araújo.

TIBÚRCIO BATISTA DA SILVA

Tibúrcio Batista da Silva nasceu em Gravatá de Taquaretinga, PE, a 11 de agosto de 1902 e faleceu a 24 de fevereiro de 1975 em Campina Grande. Era auxiliar de comércio. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 5 de agosto de 1938, elevado a Companheiro Maçom em 21 de agosto de 1945 e exaltado a Mestre Maçom em 25 de setembro do mesmo ano. A rua está situada no Bairro das Malvinas, Conjunto Álvaro Gaudêncio.

VENÂNCIO NOGUEIRA DA SILVA

Venâncio Nogueira da Silva nasceu em Ingá, PB, a 15 de maio de 1888 e faleceu a 12 de novembro de 1983 em Campina Grande. Era comerciante. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 9 de maio de 1959. A rua está situada no Bairro Rocha Cavalcanti. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa.

WILLIAMS ARRUDA

Williams de Souza Arruda era natural de Campina Grande, PB, nascido em 10 de fevereiro de 1922 e falecido nesta cidade em 8 de dezembro de 2000. Filho de João José de Arruda e de Maria Gomes de Arruda. Advogado, professor da Universidade Federal da Paraíba e político. Foi vereador e prefeito de Campina Grande. Na sua gestão criou, juntamente com o economista Edvaldo de Souza do Ó, a CELB – Companhia de Eletricidade da Borborema. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Loja Regeneração Campinense em 2 de dezembro de 1947, elevado a Companheiro Maçom em 24 de fevereiro de 1948 e exaltado a Mestre Maçom em 1° de junho desse mesmo ano. Ocupou os cargos de Tesoureiro, Tesoureiro Adjunto e Membro das Comissões de Finanças e de Legislação e Justiça. Há uma propositura em andamento do Vereador João Dantas para denominar com seu nome uma das ruas de Campina Grande.

WILSON FURTADO

Wilson de Mendonça Furtado nasceu em João Pessoa, PB, a 8 de abril de 1926. Falecido. Era dentista e professor da Universidade Regional do Nordeste, hoje Universidade Estadual da Paraíba, tendo sido chefe do Departamento de Odontologia. Iniciado na Loja Maçônica Padre Azevedo, Oriente de João Pessoa, filiou-se à Loja Maçônica Regeneração Campinense em 6 de dezembro de 1961. A rua está situada no Bairro do Catolé. Propositura da Vereadora Maria Lopes Barbosa – Lei nº 481, de 22.5.1979.

MAÇONS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS QUE SE TORNARAM NOMES DE LOGRADOUROS CAMPINENSES

BREVES CONTEÚDOS BIOGRÁFICOS

São 35 nomes a seguir relacionados de maçons iniciados em outras lojas que denominam logradouros campinenses. Vultos da História do Brasil, nos períodos colonial, imperial e republicano.

São eles: Affonso Augusto Moreira Penna, Antonio da Silva Jardim, Antonio de Castro Alves, Antonio Gonçalves Dias, Antonio Pereira de Albuquerque, Aristides da Silveira Lobo, Barão de Mauá (Irineu Evangelista de Souza), Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos), Benjamin Constant, Carlos Antonio Gomes, Casimiro José Marques de Abreu, Diogo Antonio Feijó (Regente Feijó), Dom Pedro I, Duque de Caxias (Luis Alves de Lima e Silva), Floriano Vieira Peixoto, Francisco de Paula Rodrigues Alves, Franklin Delano Roosevelt, Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca), Heitor Villa Lobos, Joaquim Gonçalves Ledo, Joaquim Nabuco (Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo), José Bonifácio de Andrada e Silva, José Carlos do Patrocínio, Manoel de Arruda Câmara, Manuel Deodoro da Fonseca, Manuel Ferraz de Campos Sales, Marquês do Herval (Manoel Luiz Osório), Nereu Ramos, Nilo Procópio Peçanha, Pedro Américo Figueiredo Mello, Prudente José de Moraes Barros, Quintino Bocayúva (Quintino Antônio Ferreira de Souza), Rui Barbosa de Oliveira, Simão Bolívar, Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier).

A seguir, as biografias resumidas dos maçons mencionados.

ARISTIDES LOBO

Aristides da Silveira Lobo nasceu em Mamanguape (PB) a 12.02.1838, filho de Manoel Lobo de Miranda Henriques e Ana Norberta, falecendo em Barbacena (MG) em 1896; era neto do revolucionário republicano Antonio Borges da Fonseca. Concluiu o Curso Jurídico em 1859, sendo Promotor Público. Foi Deputado na Assembléia Provincial e na Assembléia Geral (hoje Câmara Federal) por Alagoas de 1864 a 1870. Republicano desde a juventude foi um dos signatários do Manifesto de 1870. Integrou a conspiração que resultou na queda do Regime Imperial. Ministro do Interior e da Justiça nos primeiros dez anos da República, integrou também a primeira Constituinte Republicana e entrou para o Senado em 1892. Como jornalista dirigiu os jornais Íris Acadêmico, A Republicana, O Intransigente e O Republicano, em Recife, tendo colaborado em A Província e no Diário Popular, de São Paulo. É Patrono da Cadeira nº 6 da Academia Paraibana de Letras. Rua situada no Bairro de São José.

AFFONSO PENNA

Affonso Augusto Moreira Penna nasceu em Santa Bárbara (MG) em 30.11.1847 e faleceu no Rio de Janeiro em 14.06.1909. Advogado, assumiu a Presidência da República com 59 anos, em 15.11.1906, em sessão solene no Congresso Nacional, presidida por Rui Barbosa. Foi sucedido pelo Vice-Presidente Nilo Peçanha, também maçom. Rua situada no Centro da Cidade.

ARRUDA CÂMARA

Manuel de Arruda Câmara nasceu em Pombal (PB) em 1752, filho do Capitão-Mor Francisco Arruda Câmara, falecendo em Recife em 1812. Iniciou seus estudos no Convento do Carmo de Goiana, aonde chegou a noviço, no ano de 1793. Formou-se em medicina na França, indo depois para Lisboa, onde foi eleito membro da Academia Real de Ciências. De volta ao Brasil fixou residência em Pernambuco, exercendo a medicina e fazendo pesquisas em botânica. Construiu ainda uma máquina de descaroçar algodão, escreveu diversos livros e, em sua homenagem, o cientista Saint-Hilaire batizou uma planta com o nome de Arruda, tão conhecida hoje na farmacopéia popular. Ex-frade carmelita, envolveu-se com as idéias de Independência, no célebre Areópago de Itambé por ele fundado. Diz Gustavo Barroso, em História Secreta do Brasil, que "o Areópago era uma sociedade secreta, intencionalmente posta nos limites de Pernambuco e Paraíba, que doutrinava para a democracia e a revolução maçônica, sementeira de onde brotaram os grandes movimentos revolucionários do Brasil, no Século XIX". Arruda Câmara ingressou na Maçonaria na França, tendo sido provável que em Montpellier tenha travado relações com José Álvares Maciel, maçom de inconfundível grandeza no movimento da Inconfidência Mineira. Rua situada no Bairro de Santo Antonio.

BARÃO DE MAUÁ

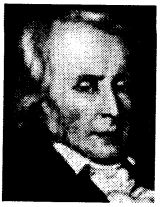
Irineu Evangelista de Sousa (Barão e Visconde de Mauá) nasceu em Arroio Grande (RS) em 1813 e faleceu em Petrópolis (RJ) em 1889. Caixeiro da Casa Inglesa tornou-se sócio e a partir da década de 1840 fundou diversas empresas, como a Companhia de Rebocadores, uma fundição e um estaleiro, uma fábrica de velas; fundou o segundo Banco do Brasil e o Banco Mauá, a Companhia Fluminense de Transporte, a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, a primeira Ferrovia Nacional, participando das Ferrovias Inglesas Recife – São Francisco, Bahia – São Francisco e a São Paulo

Railway. Fundou a Companhia de Bondes do Rio de Janeiro, construiu o Canal do Mangue e empreendeu o Cabo Submarino. Político, foi Deputado por várias vezes. Entrou em falência na década de 1870. Rua situada no Distrito Industrial. Propositura do Vereador Manoel Barbosa – Lei nº 71, de 13.6.1967.

BARÃO DO RIO BRANCO

José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, nasceu em 02.04.1845 e faleceu em 11.02.1912 no Rio de Janeiro. Era filho do Visconde do Rio Branco, também maçom e autor do projeto da Lei do Ventre Livre apresentado ao Parlamento. Estudou no Colégio Dom Pedro II. Em 1862 ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo onde ficou por quatro anos; depois se transferiu para o Recife, concluindo o curso em 1866. Em 1868, ao voltar de uma viagem à Europa, foi nomeado pelo Imperador, professor de História e Geografia do Colégio Pedro II e logo depois foi nomeado Promotor Público de Nova Friburgo (RJ). Foi eleito deputado por Mato Grosso (1869). Secretário Particular na missão de negociação de paz com o Paraguai (1870/1871). Foi, ainda, Cônsul brasileiro na Inglaterra, Ministro do Exterior, membro da Academia Brasileira de Letras e Presidente (por duas vezes) do Instituto Histórico e Geográfico. Em 1888 recebeu o título de Barão do Rio Branco, devido a solução da pendência entre Brasil e a Guiana Francesa sobre a região do Amapá. Posteriormente foi designado para resolver as disputas pelos territórios entre o Brasil e Uruguai (1893 e 1900). Resolve a favor do país o conflito com a Bolívia pela posse do Acre e atua em outras questões fronteiriças com Venezuela e Colômbia. Ficaram marcadas na história, a habilidade com que Rio Branco atuou na pasta das Relações Exteriores e o êxito desse brilhante diplomata na resolução de inúmeras questões de limites com países Sul-Americanos, e por tratados com Nações Européias e da América. Foi responsável pela consolidação das atuais fronteiras do país. Deixou algumas obras, como História Militar Brasileira (tratando da Guerra da Tríplice Aliança), Efemérides Brasileiras e Biografia do Barão do Serro Largo. Rua situada no Centro da Cidade.

BENJAMIN CONSTANT



Benjamin Constant nasceu em Niterói (RJ) em 1836 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1891. Aluno da Escola Militar em 1852, Alferes em 1856, esteve na Guerra do Paraguai como Capitão-Engenheiro, nos trabalhos de fortificação do acampamento de Tuiutí. Exerceu o magistério em vários estabelecimentos de ensino, inclusive na Academia Militar, desenvolveu seu pensamento positivista. Foi um dos líderes do Movimento Republicano. Como Ministro da Guerra do primeiro Governo Provisório Republicano, remodelou o ensino militar no país; assumindo a Pasta da Instrução Pública empreendeu a reforma do ensino primário, secundário, superior, técnico e artístico em todo o território nacional, sob a influência de Auguste Comte. É cognominado de O Pai da República. Rua situada no Bairro da Estação Velha.

CAMPOS SALES

Manuel Ferraz de Campos Sales, 3° Presidente da República, nasceu em Campinas (SP) a 13.02.1841. Faleceu em Santos a 28.06.1913. Diplomado em Direito em 1863, elegeu-se Deputado Provincial em 1867 pelo Partido Republicano na Câmara Imperial, a partir de 1885. Após a Proclamação da República, foi Ministro da Justiça do Governo Provisório e Presidente de São Paulo. Como Ministro da Justiça do Governo Provisório do Marechal Deodoro, reprimiu com energia a primeira greve ocorrida no Rio de Janeiro, a dos Cocheiros e foi autor do decreto que regulamentou o casamento civil. Presidente da República entre 15.11.1898 e 15.11.1902. Em seu governo foi resolvida com a França a Questão do Amapá, o saneamento das finanças públicas e reabilitado o crédito nacional. Foi ainda Senador por São Paulo. Foi iniciado na Loja Maçônica Independência, de Campinas, SP. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

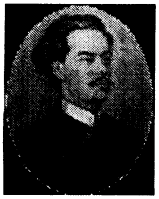
CARLOS GOMES

Carlos Antonio Gomes nasceu em Campinas (SP) em 11.07.1836. Filho do maestro Manuel José Gomes, apelidado Maneco músico, e de Fabiana Maria Jaguari Cardoso. Desde menino manifestou interesses pela música. Cursou o Conservatório Musical do Rio de Janeiro. Já em 1859, faz sucesso com sua composição para o Hino Acadêmico (poesia de Bittencourt Sampaio) e a modinha "Quem Sabe?". Em 1860 foi convidado para ensaiador oficial da Imperial Acadêmica de Música e Ópera Nacional. Fez representar no teatro lírico fluminense sua primeira ópera "A Noite do Castelo" (1861). Em 1863, foi enviado pelo Conservatório da Corte do Rio de Janeiro para, na realidade, aperfeiçoar-se na Europa. Instalou-se em Milão (1864-1868) onde fez várias composições. A mais conhecida é "O Guarani", feita para o romance de José de Alencar. Diplomou-se maestro em Milão (Itália). Voltou para o Brasil, apresentou a 2 de dezembro no teatro lírico fluminense "O Guarani". Voltou à Itália (1892) comemorando o Quarto Centenário do "Descobrimento da América". Em 1883, visitou os Estados Unidos da América como membro da Delegação Brasileira à Exposição Universal Colombiana de Chicago. Em 1895, foi nomeado Diretor do Conservatório de Belém (PA), cargo que não chegou a assumir, vindo a falecer neste mesmo ano. Escreveu e fez representar outras notáveis peças musicais, como as óperas Fosca (1873) - que alguns críticos consideram a sua obra-prima -, Salvador Rosa (1874), Maria Tudor (1878), O Escravo (1889), Condor (1891) e o poema sinfônico Colombo (1892). Alcançou fama com a célebre ópera, O Guarani. Seus restos mortais estão enterrados em Campinas-SP. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

CASIMIRO DE ABREU

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Barra de São João, em 04.01.1839 e faleceu em Barra de São João, em 18.10.1860. Foi um poeta brasileiro da segunda geração romântica. Filho de um abastado comerciante e fazendeiro português, e de Luísa Joaquina das Neves, uma fazendeira viúva. A localidade onde nasceu, Barra de São João, é hoje chamada "Casimirana", em sua homenagem. Recebeu apenas a instrução primária, dos onze aos treze anos, no Instituto Freeze, em Nova Friburgo. Aos treze anos transferiu-se para o Rio de Janeiro para trabalhar com o pai no comércio. Com ele, embarcou para Portugal em 1853, onde entrou em contato com o meio intelectual e escreveu a maior parte de sua obra. Em Lisboa, foi representado seu drama Camões e o Jaú, que foi publicado logo depois. Em 1857 retornou ao Brasil para trabalhar no armazém de seu pai. Isso, no entanto, não o afastou da vida boêmia. Escreveu para alguns jornais e fez amizade com Machado de Assis. Tuberculoso, retirou-se para a fazenda de Indaiaçu, onde inutilmente buscou uma recuperação do estado de saúde. Em 1859 editou as suas poesias reunidas sob o título de Primaveras. Espontâneo e ingênuo, de linguagem simples, tornou-se um dos poetas mais populares do Romantismo no Brasil. Deixou uma obra cujos temas abordavam a casa paterna, a saudade da terra natal e o amor. É o patrono da Cadeira n° 6 da Academia Brasileira de Letras. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

CASTRO ALVES



Antonio de Castro Alves nasceu na fazenda Cabaceiras, antiga freguesia de Muritiba, perto da vila de Curralinho, hoje cidade Castro Alves (BA), em 14.03.1847. Filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro. Quando menino fez estudos com Rui Barbosa. De passagem pelo Rio de Janeiro, conheceu Machado de Assis, que o introduziu nos meios literários. Em 1864 matriculou-se

na Faculdade de Direito de Recife e em 1868, transferindo seus estudos para São Paulo. Foi um dos maiores poetas do Brasil. Junto com Gonçalves Dias, divide a reputação do Romantismo Brasileiro. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, transferindo-se para a Faculdade de Direito de São Paulo e abandonando o curso em 1868. Teve um romance com a atriz Eugênia Câmara e por causa do rompimento, que o abateu muito, passou a dedicar-se à caça onde feriu o pé com um disparo de sua arma. Voltou à Bahia, teve que amputar o pé; foi acometido por tuberculose e veio a falecer em Salvador em 06.08.1871. Mesmo com vida tão curta, deixou vários escritos e poemas. Sua única publicação em vida foi Espumas Flutuantes, no entanto teve Navio Negreiro, Gonzaga ou A Revolução de Minas como publicação póstuma. Abolicionista militante deixou inconcluso o poema Os Escravos. Foi iniciado na Loja Maçônica América, em São Paulo. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

FREI CANECA

Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca mais conhecido como Frei Caneca, filho de um tanoeiro português, nasceu em Recife em julho de 1779 e faleceu na mesma cidade em 13.01.1825. Carmelita de origem humilde (vivia, quando garoto, da venda de canecas nas ruas de Recife, daí seu nome). Frei Caneca foi educado no Seminário de Olinda, centro de difusão de idéias liberais, onde se diplomou em Retórica e Geometria. Ordenou-se frade carmelita em 1799. De idéias liberais, partilhava idéias republicanas e freqüentou a Academia do Paraíso, um dos centros de reunião daqueles que, influenciados pela Revolução Francesa e pela independência dos EUA, conspiravam contra o jugo português. Participou ativamente da Revolução Pernambucana de 1817, que proclamou uma República e organizou o primeiro governo brasileiro independente. Com a derrota do movimento, foi encarcerado na Bahia. Libertado em 1821, retomou as atividades políticas. Em 1824 tomou parte como um dos líderes na

Confederação do Equador, movimento republicano e separatista. Neste movimento teve importância como jornalista político, em seu famoso "Typhis Pernambucano", como secretário do Governo Revolucionário e principalmente como líder popular - capitão das guerrilhas, depois das quais seria preso e condenado à morte. Em seu jornal conclamava os pernambucanos à revolta, denunciando as manobras do poder central e o despotismo que se avizinhava. Outra vez derrotado, refugiou-se no distrito de Abreu e Lima, hoje município, de onde, pouco depois, fugiu para o Ceará. Capturado pelas tropas imperiais, foi conduzido para o Recife onde, a 18 de Dezembro de 1824, foi instalada uma comissão militar para o seu julgamento, tendo sido sumáriamente condenado à forca juntamente com onze companheiros. A 13 de janeiro de 1825, foi armado o espetáculo do enforcamento exemplar, diante do Forte das Cinco Pontas. Despojado das ordens religiosas, ainda assim tendo três carrascos se recusado a enforcá-lo, o religioso enfrentou então um pelotão de fuzilamento, sob o comando do mesmo oficial. Em sua passagem por Campina Grande permaneceu preso na cadeia pública, prédio que hoje serve de sede ao Museu Histórico. Rua situada no Centro da Cidade.

DUQUE DE CAXIAS

Luiz Alves de Lima e Silva, barão, marquês e duque, militar e estadista, nasceu na Fazenda São Paulo em Vila de Estrela (RJ) em 25.08.1803 e faleceu na Fazenda Santa Mônica em Barão de Juparanã (RJ) em 07.05.1880. Aos 5 anos de idade já era cadete, aos 15 alferes e aos 18 tenente. Aos 39 anos ascendia ao posto de marechal-de-campo, por serviços prestados nas lutas da Independência e na campanha da Cisplatina, e por sua ação militar e pacificadora em várias províncias, tumultuadas por movimentos político-revolucionários. Comandante-chefe do Exército do Sul (1851) dirigiu as campanhas vitoriosas contra Oribe, no Uruguai, e Rosas, na Argentina (1852). Comandante geral das forças

brasileiras (1866) e, pouco depois, comandante-geral dos exércitos da Tríplice Aliança (1867), na Guerra do Paraguai. Ministro da Guerra por três vezes (1855-1857, 1861-1862, 1875-1878). Em diferentes ocasiões, foi Presidente das Províncias do Maranhão, do Rio Grande do Sul, e Vice-Presidente da Província de São Paulo, além de Deputado e Senador. Para culto de sua memória, o Governo Federal proclamou-o, em 1962, "Patrono do Exército Brasileiro". Supõe-se que tenha sido iniciado numa loja do Grande Oriente Brasileiro (do Passeio) ou numa das três lojas do Supremo Conselho do Conde de Lages, antes da fusão de 1842, na Corte, entre 30 de junho de 1841 e 17 de maio de 1842, quando ainda era brigadeiro e Barão. A iniciação com mais probabilidade se teria realizado na Loja S. Pedro de Alcântara, em 1842, sob o malhete do Dr. Thomaz José Pinto de Serqueira, 33°. Caxias foi Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho da Maçonaria, período 1847 – 1854. Rua situada no Bairro da Prata.

FLORIANO PEIXOTO

Floriano Vieira Peixoto nasceu ~~em~~ 30.04.1839 na Vila de Ipioca (AL) e faleceu em 29.06.1895 em Barra Mansa (RJ). Foi militar de carreira, chegando ao posto de Marechal-de-Campo em 1888. Nomeado para a Presidência da Província de Mato Grosso em 1884, exerceu o Poder por um ano. Ocupou a Vice-Presidência no Governo Provisório. Exerceu a Presidência da República entre 23.11.1891 e 15.11.1894. Foi o segundo Presidente do Brasil. Teve importante papel na consolidação da República brasileira. Seu temperamento bravio e altruístico, o nomeou Marechal de Ferro. Segundo recentes pesquisas realizadas em Alagoas, Floriano foi iniciado na Loja "Perfeita Amizade Alagoana", n° 181, a 15 de fevereiro de 1871, recebendo o nome simbólico de Carlos Magno. Seu tio, que o educou, era, na época, Secretário da Loja. Rua situada no Centro da Cidade e passa por vários bairros.

GONÇALVES DIAS

O poeta Antônio Gonçalves Dias, que se orgulhava de ter no sangue as três raças formadoras do povo brasileiro (branca, indígena e negra), nasceu no Maranhão em 10 de agosto de 1823. Em 1840 foi para Portugal cursar Direito na Faculdade de Coimbra. Ali, entrou em contato com os principais escritores da primeira fase do Romantismo português. Em 1843, inspirado na saudade da pátria, escreveu "Canção do Exílio". No ano seguinte graduou-se bacharel em Direito. De volta ao Brasil, iniciou uma fase de intensa produção literária. Em 1849, junto com Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, fundou a revista "Guanabara". Em 1862 retornou à Europa para cuidar da saúde. No ano seguinte, durante a viagem de volta ao Brasil, o navio Ville de Boulogne naufragou na costa brasileira. Salvaram-se todos, exceto o poeta que, por estar na cama em estado agonizante, foi esquecido em seu leito. Se por um lado deve-se a Gonçalves de Magalhães a introdução do Romantismo no Brasil, por outro, deve-se a Gonçalves Dias a sua consolidação. Isso porque o poeta trabalhou com maestria todas as características iniciais da primeira fase do Romantismo brasileiro. De sua obra, geralmente dividida em lírica, medieval e nacionalista, destacam-se "I-juca Pirama", "Os Tibiramas" e "Canção do Tamoio". Rua situada no Bairro de Monte Castelo.

GONÇALVES LEDO

Joaquim Gonçalves Ledo nasceu em 12.12.1781 no Rio de Janeiro, filho de Antonio Gonçalves Ledo e Antonia Maria dos Reis Ledo. Seu pai, abastado comerciante, o enviou em 1795 para Coimbra para estudar Direito, estudos que não completou devido a morte do seu genitor, que o obrigou a retornar ao Brasil para cuidar dos negócios da família. Aqui no Brasil continuou a estudar e com os conhecimentos adquiridos no além-mar aperfeiçoou-se na ciência jurídica. Foi sempre resoluto, não conhecendo limites o seu desassombro na luta pela emancipação do Brasil. Fundou o jornal Revérbero Constitucional Fluminense em 1821,

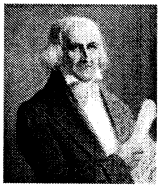
que já em seu primeiro número exalta a Revolução Liberal de Portugal (1820). Pertenceu à Loja Maçônica Comércio e Artes, da qual foi seu Venerável Mestre. Em 17.06.1822 Gonçalves Ledo fundou o Grande Oriente do Brasil, que foi o maior centro propulsor da Independência. José Bonifácio era o Grão Mestre e Gonçalves Ledo o Grande Primeiro Vigilante. Ledo foi o maior artífice da Independência do Brasil. Rua situada no Bairro do Centenário.

JOAQUIM NABUCO

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, diplomata, político, orador, poeta e memorialista, nasceu em Recife, PE, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, EUA, em 17 de janeiro de 1910. Era filho do senador José Tomás Nabuco de Araújo, "o Estadista do Império", e de Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, irmã do marquês do Recife, Francisco Pais Barreto. Estudou humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em letras. Em 1865, seguiu para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito. Formou-se no Recife, em 1870. Entrou para o serviço diplomático, como adido de primeira classe em Londres, depois em Washington, de 1876 a 1879. Atraído pela política interna, foi eleito deputado geral por sua província, vindo então a residir no Rio. Sua entrada para a Câmara marcou o início de sua campanha em favor do Abolicionismo, que logo se tornou causa nacional, na defesa da qual ele tanto cresceu na admiração de todos os brasileiros. Em 1900 foi ministro plenipotenciário em missão especial em Londres, para tratar com a Inglaterra da questão dos limites da Guiana Inglesa. Em 1901, era acreditado em missão ordinária, como embaixador do Brasil em Londres e, a partir de 1905, em Washington. Em 1906, veio ao Rio de Janeiro para presidir a terceira Conferência Pan-Americana. Grande era o seu prestígio perante o povo e o governo norte-americano, manifestado em expressões de admiração dos homens mais eminentes, a começar pelo Presidente Theodore Roosevelt. Quando faleceu, em Washington, seu corpo foi conduzido, com solenidade excepcional, para o cemitério da capital norte-americana, e depois foi trasladado para o Brasil, no cruzador

North Caroline. Do Rio de Janeiro foi transportado para o Recife, a cidade que o viu nascer. Em 28 de setembro de 1915, Recife lhe inaugurou, em uma de suas praças públicas, uma estátua. Joaquim Nabuco viveu no Rio de Janeiro, exercendo a advocacia e fazendo jornalismo. Freqüentava a redação da Revista Brasileira, onde estreitou relações e amizade com as mais altas figuras da vida literária brasileira, Machado de Assis, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, de cujo convívio nasceria a Academia Brasileira de Letras, em 1897. Joaquim Nabuco foi iniciado na Loja Maçônica América, de São Paulo, quando estudante, em 01.12.1868, com 22 anos de idade. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

JOSÉ BONIFÁCIO



José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos (SP) e faleceu em Niterói (RJ) em 1838. Formado em Ciências Naturais e Direito em Coimbra, Portugal, membro da Academia de Ciências de Lisboa, percorreu a Europa durante 10 anos. Recebeu honras de Desembargador e título de Doutor em Filosofia; foi professor de Metalurgia em Coimbra, escreveu várias memórias científicas. Quando da invasão francesa a Portugal, alistou-se como major e, depois, Tenente-Coronel. Voltou ao Brasil em 1819 e envolveu-se com a política, chegando a Vice-Presidente da Junta Governativa de São Paulo (1821) e Ministro do Estrangeiro, quando começou a influenciar o Príncipe Regente, que resulta na Proclamação da Independência (1822). Hostilidades políticas levaram Dom Pedro I a demiti-lo e fechar a Assembléia. Bonifácio e irmãos foram presos e ele exilado. Voltou ao país, reaproximou-se do Imperador e, com a abdicação de Dom Pedro I, tornou-se o tutor de Dom Pedro II, ainda de menor. Suspeito de tramar a volta de Dom Pedro I foi preso (1833) na Ilha de Paquetá; mais tarde foi absolvido. Foi viver em Niterói, onde faleceu. Foi denominado Patriarca da Independência. José Bonifácio foi eleito Grão Mestre em 28.05.1822 e atraiu Dom Pedro I para a Maçonaria. Rua situada no Centro da Cidade.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

José Carlos do Patrocínio, jornalista, orador, poeta e romancista, nasceu em Campos, RJ, em 8 de outubro de 1854, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de janeiro de 1905. Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras e fundou a Cadeira n. 21, que tem como patrono Joaquim Serra. Era filho natural do padre João Carlos Monteiro, vigário da paróquia e orador sacro de grande fama na capela imperial, e de "tia" Justina, quitandeira. Passou a infância na fazenda paterna da Lagoa de Cima, onde pôde observar, desde criança, a situação dos escravos e assistir a castigos que lhes eram infligidos. Por certo nasceu ali a extraordinária vocação abolicionista. Tinha 14 anos quando, tendo recebido apenas a educação primária, foi para o Rio de Janeiro. Ingressou na Faculdade de Medicina como aluno de Farmácia, concluindo o curso em 1874. Já a esse tempo Patrocínio iniciara a carreira de jornalista, na Gazeta de Notícias. Com Dermeval da Fonseca publicava os Ferrões, quinzenário que saiu de 1o de junho a 15 de outubro de 1875, formando um volume de dez números. Em 1879 iniciou na Gazeta de Notícias a campanha pela Abolição. Em torno dele formou-se um grande coro de jornalistas e de oradores, entre os quais Ferreira de Meneses, na Gazeta da Tarde, Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino do Amaral, Teodoro Sampaio, Paula Nei, todos da Associação Central Emancipadora. Por sua vez, Patrocínio começou a tomar parte nos trabalhos da associação. Em 1881, passou para a Gazeta da Tarde, substituindo Ferreira Meneses, que havia morrido, e tornou-se o novo proprietário do periódico, comprado com a ajuda do sogro. Patrocínio tinha atingido a grande fase de seu talento e de sua atuação social. Fundou a Confederação Abolicionista e lhe redigiu o manifesto, assinado também por André Rebouças e Aristides Lobo. Em 1889, Patrocínio não teve parte na República e, em 1891, opôs-se abertamente a Floriano Peixoto, sendo desterrado para Cucuí. Em 1893 foi suspensa a publicação da Cidade do Rio, e ele foi obrigado a refugiar-se para evitar agressões. Nos anos subseqüentes a sua participação política foi pouca. Preocupava-se, então, com a aviação. Mandou construir o balão "Santa Cruz", com o sonho de voar. Numa homenagem

a Santos Dumont, realizada no Teatro Lírico, ele estava saudando o inventor, quando foi acometido de uma hemoptise em meio ao discurso. Faleceu pouco depois, aos 51 anos de idade, aquele que é considerado por seus biógrafos o maior de todos os jornalistas. Rua situada no Bairro de São José.

MARECHAL DEODORO

Manuel Deodoro da Fonseca nasceu em Alagoas em 05.08.1827 e morreu no Rio de Janeiro em 23,08.1892. Filho de Manoel Mendes da Fonseca. Combateu a Revolução Praieira em Pernambuco, em 1848, e participou das Guerras do Prata (1864) e do Paraguai, entre 1866 e 1868. Em 1868 alcançou o posto de Coronel. Em 1874 foi promovido à Brigadeiro, e Marechal em 1884. Nomeado Comandante das Armas do Rio Grande do Sul em 1885, retornou ao Rio de Janeiro no ano seguinte, quando assume a liderança da facção do Exército favorável à Abolição. Seu prestígio o coloca à frente da tropa que cerca o gabinete do Visconde de Ouro Preto, em 15.11.1889, proclamando a República e assumindo a chefia do Governo Provisório até 25.02.1891, quando o Congresso Constituinte o elege o primeiro Presidente Constitucional do Brasil. Tendo Deodoro nomeado para o seu ministério alguns elementos do antigo regime, provocou descontentamento, tendo crescido com isso a oposição já existente entre Executivo e Legislativo. Compreendendo que se continuasse no poder acabaria por provocar uma guerra civil, renunciou ao cargo a favor do vice-presidente Floriano Peixoto, em 23 de novembro de 1891. Deodoro foi iniciado na Loja Rocha Negra nº 249, em São Gabriel (RS), tendo colado o Grau 18, Cavaleiro Rosa Cruz. Foi um maçom ativo desde que foi iniciado, a 20 de setembro de 1873. A Loja Rocha Negra na época era jurisdicionada ao Grande Oriente do Brasil, a qual seria dissidente em 1927, para se tornar a Loja número 1 da Grande Loja do Rio Grande do Sul. Apesar de suas viagens e remoções devidas à sua patente militar, Deodoro teve que deixar o quadro da Rocha Negra em dezembro de 1874. Pertenceu, provavelmente, à Loja Dois de Dezembro, do Rio de Janeiro, e foi eleito Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil e Soberano

Grande Comendador do Supremo Conselho a 19 de dezembro de 1890, tomando posse a 24 de março de 1891. A 18 de dezembro de 1891, seja vinte e cinco dias depois de renunciar à Presidência da República, Deodoro também renunciou ao cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente. A República, ele entregou a Floriano Peixoto, para que este a consolidasse; o Grande Oriente ele entregou ao Grão Mestre Adjunto, conselheiro Joaquim Antônio de Macedo Soares. Rua situada no Bairro da Prata.

MARQUÊS DO HERVAL

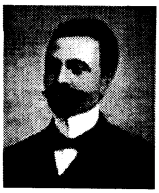
Manoel Luiz Osório, Marquês do Herval, militar e político, nasceu em 10.05.1808 na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, atual Município de Osório (RS). Filho de estanceiro, aprende desde cedo a dominar como ninguém os animais que lhe servem de montaria. De praça do Exército Imperial aos quinze anos de idade, galga todos os postos da hierarquia militar de sua época, mercê dos atributos de soldado que o consagram como "O Legendário". Comandante de esquadrões, regimentos e exércitos, em período conturbado de nossa história, participa com brilhantismo das Campanhas da Independência, Cisplatina, de Monte Caseros e da Guerra da Tríplice Aliança. De seus vários atos de bravura, astúcia e heroísmo destaca-se a atuação como tenente-coronel em Monte Caseros, quando, à frente do 2º Regimento de Cavalaria, na vanguarda das tropas brasileiras, inflige ao inimigo o rompimento do seu dispositivo de defesa e comanda decisivas operações de aproveitamento do êxito e perseguição. Marechal e marquês, em seu brasão há três estrelas douradas que representam os ferimentos sofridos no rosto durante a cruenta Batalha de Avaí, em dezembro de 1868. A despeito do reconhecimento que lhe fora dispensado até mesmo pelos inimigos de então e da popularidade que o transformara em mito nos campos de batalha, Osório expirou em 4 de outubro de 1879 com a mesma simplicidade que o acompanhara durante toda a vida. Hoje, o Parque Osório, situado na mesma terra que o viu nascer, acolhe os restos do insigne Patrono da Arma de Cavalaria. Participou de todas as lutas ocorridas no sul do país desde 1825, distinguindo-se em Sarandí (1825), Passo do Rosário (1828), na Revolução Farroupilha (1835-1845) e na

Batalha de Monte Caseros (1852). Durante a Guerra do Paraguai, comandou as tropas brasileiras que invadiram esse país (16.04.1866), e notabilizou-se pela bravura na Batalha de Tuiutí (24/05.1866), na tomada de Humaitá e no combate de Avaí (1868). Senador em 1877 e Ministro da Guerra no Gabinete Sinimbú (1878-1879). Patrono da arma de cavalaria do Exército brasileiro. Rua situada no Centro da Cidade.

NEREU RAMOS

Nereu de Oliveira Ramos nasceu em Lages (SC) em 03.09.1888 e faleceu em São José dos Pinhais, Curitiba (PR) em 16.06.1958. Advogado, assumiu a Presidência da República com 67 anos em 11.11.1955, governando o país até 31.01.1956. Nereu Ramos assumiu o Governo interinamente sem noção exata do período em que permaneceria no cargo de Presidente da República. Por essa razão não há registro de sua posse no Livro de Posse. Era Vice-Presidente do Senado Federal quando assumiu a Presidência da República, em virtude do impedimento do Presidente João Fernandes Campos Café Filho e do Presidente da Câmara dos Deputados Carlos Coimbra da Luz, conforme deliberação do Senado Federal e da Câmara dos Deputados. Rua situada no Bairro do Catolé.

NILO PEÇANHA



Nilo Procópio Peçanha nasceu em Campos (RJ) a 02.10.1867 e morreu o Rio de Janeiro a 31.02.1924. Filho de Sebastião de Souza Peçanha e Joaquina de Sá Freire Peçanha. Advogado formado em Recife (PE) e licenciado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (RJ) participou das campanhas abolicionistas e republicanas, iniciando sua vida política em 1890 como Deputado Constituinte. Senador e Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Vice-Presidente da República (1906-1910), com a morte de Afonso Pena torna-se o mais jovem

Presidente do país. Após o término do seu mandato elege-se Senador por duas vezes e Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Em 1917 ocupa o Ministério das Relações Exteriores no Governo Wenceslau Braz. É derrotado à Presidência da República em 1921, como candidato da chapa Reação Republicana de oposição às oligarquias estaduais. Foi iniciado em 11.10.1901 na Loja Ganganelli, do Rio de Janeiro, que professava o Rito Moderno, alcançando o Grau 7, Cavaleiro Rosa Cruz, equivalente ao Grau 18 do Rito Escocês Antigo e Aceito. Foi eleito Grão Mestre Grande Comendador do GOB em 1917 e renunciado em 1919, tendo colado o Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito pela Loja Capitular Henrique Valadares. Em 17.5.1918 a Loja Branca Dias, de João Pessoa, lhe concedeu o título de Membro Honorário por serviços prestados. Morreu pobre o Irmão Nilo Peçanha. Para que sua viúva – a idolatrada Anita – tivesse uma existência mais digna, o Estado concedeu-lhe uma pensão. Rua situada no Bairro da Prata.

PADRE ANTONIO PEREIRA

Antonio Pereira de Albuquerque nasceu no engenho Angico Torto, em Pilar (PB), filho do Capitão-Mor André Dias de Figueiredo. Instruído nas Ciências Filosóficas, ocupou o lugar de professor de latim na vila de sua residência. Foi sócio da Academia Paraíso. Foi membro do Governo Provisório da Paraíba e um dos chefes do Movimento Republicano de 1817. Por ter participado deste movimento foi condenado à morte em 21.08.1817, sendo executado na forca em 06.09.1817. Teve as mãos, cabeça e os pés cortados e expostos nas estradas de Pilar para servir de lição aos patriotas. As associações secretas e as lojas maçônicas onde fermentava a revolução estavam cheias de padres. Envolveram-se abertamente no movimento revolucionário 52 padres, à testa dos quais se achavam João Ribeiro Pessoa em Pernambuco e Antonio Pereira de Albuquerque na Paraíba, que também foi membro do Governo Provisório no Rio Grande do Norte. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

PEDRO AMÉRICO

Pedro Américo Figueiredo Mello nasceu em Areia, Paraíba, em 29.04.1843 e faleceu em Florença, Itália, em 07.10.1905. Foi um pintor, romancista e poeta brasileiro. De família humilde, Pedro Américo foi descoberto pelo desenhista alemão Bindsel, ganhando uma bolsa na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Subvensionado pelo Império, aperfeiçou sua técnica na Europa, estudando em Paris, onde consagrou-se como pintor e recebeu o título de Doutor em Ciências. Realizou várias obras a pedido de Dom Pedro II, a mais famosa delas sendo o quadro Independência ou Morte, de 1888. Recebeu as honrarias de Cavaleiro da Coroa da Alemanha e de Grão Cavaleiro da Ordem Romana do Santo Sepulcro. Seus quadros mais conhecidos são A Batalha do Avaí, A Batalha do Campo Grande, Independência ou Morte, Moema, Paz e Concórdia, Tiradentes esquartejado, O Rabequista Árabe. Rua situada no Centro da Cidade.

PEDRO I

O nome completo era Pedro de Alcântara Francisco Antonio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon. Filho de Dom João VI e de Dona Carlota Joaquina, nasceu em Lisboa em 12.10.1798 e faleceu no Palácio de Queluz em Lisboa em 24.09.1834. Veio com a família real para o Brasil em 1808. Casou-se pela primeira vez com a princesa austríaca Maria Leopoldina, com quem teve sete filhos. Viúvo, casou-se com a princesa alemã Amélia Augusta, teve uma filha. Entre 1822 e 1829 manteve uma ligação extraconjugal com a paulista Domitila de Castro e Melo (Marquesa de Santos) com quem teve cinco filhos. Recebeu o título de Príncipe Real do Reino Unido de

Portugal, Brasil e Algarves em 1818; foi nomeado Príncipe Regente do Reino do Brasil em 26.04.1821. Depois de governar o Brasil como Imperador e de forma despótica por quase nove anos, abdica em favor de seu filho, Pedro, e retorna a Portugal para reivindicar o trono usurpado pelo seu irmão Miguel. Desembarca na cidade do Porto em 1832 e deflagra uma guerra civil que vence em 1834, ano de sua morte. Em 13.07.1822, é aprovada a iniciação de D. Pedro, "Defensor Perpétuo do Brasil", quando Grão Mestre do Grande Oriente José Bonifácio, adotando o nome simbólico de Guatimozim. Galga o Grau de Mestre Maçom 3 dias depois com a dispensa dos interstícios. Proclama a Independência do Brasil em 07.09.1822 às margens do rio Ipiranga. Em 04.10.1822 é aclamado Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil. É o autor do Hino Maçônico. Em 12.10.1822 Dom Pedro é aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Em 01.12.1822 foi coroado Imperador, tendo sido o coroador-sagrador o bispo capelão-mor Dom José Caetano da Silva Coutinho, Conde de Irajá, 8° bispo do Rio de Janeiro, eminente maçom do Grau 33. Em 07.04.1831 D. Pedro I abdica do trono em favor de seu filho, D. Pedro II, terminando sua história no Brasil. Rua situada no Bairro de São José.

PRESIDENTE ROOSEVELT

Franklin Delano Roosevelt nasceu em 1882 e faleceu em 1945. Foi o 32° Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, de 1933 a 1945, eleito pelo Partido Democrático. Implantou a política do New Deal para restaurar a economia dos Estados Unidos da crise de 1929. Reconheceu a União Soviética (1933) e, durante a 2° Guerra Mundial, se aliou a Winston Churchill e outros líderes, criando a Carta do Atlântico pela qual os Estados Unidos entrariam na guerra, após o ataque sofrido em Pearl Harbour. Morreu um mês antes da rendição dos alemães. Propositura do Vereador Mário Araújo. Rua situada no Bairro do Alto Branco.

PRUDENTE DE MORAES

Prudente José de Moraes Barros nasceu em 04.10.1841 e faleceu em 03.12.1902. Primeiro presidente civil da República do Brasil. Foi advogado, político, republicano histórico. Seu pai, José Marcelino de Barros, agricultor, foi assassinado, quando ele tinha 3 anos de idade, ficando, sua educação, apenas por conta de sua mãe, Catarina Maria de Moraes. Como Presidente enfrentou uma grave situação financeira do Brasil, causada pela política de encilhamento, que permitia aos bancos particulares emitir dinheiro. As emissões descontroladas provocou uma inflação de enormes proporções. Para contornar a situação, Prudente obteve dos grandes banqueiros ingleses a consolidação de todas as dívidas externas em uma única dívida a longo prazo, tendo, entretanto, de pagar altos juros, comprometendo a renda produzida pela exportação. Esses fatos abalaram a sua popularidade, resgatada posteriormente. Prudente foi iniciado maçom, provavelmente em 1862, ou 1863, através da Loja Sete de Setembro, da capital de São Paulo, fundada por seus amigos Campos Sales e Rangel Pestana, embora existam autores que afirmam que ele tenha sido iniciado na Loja Beneficência Ituana, de Itu, SP, o que não é comprovado. Não há dúvida, todavia, de que tenha sido maçom, pois, consta como um dos fundadores da Loja Piracicaba em 24.11.1875, de Piracicaba, SP, e, quando presidente da República, teve o seu nome lançado como candidato ao Grão-Mestrado do Grande Oriente do Brasil. Rua situada no Bairro do Tambor.

QUINTINO BOCAYUVA

Quintino Antônio Ferreira de Souza, filho de Quintino Ferreira de Souza e Maria Candelária de Souza, nasceu em Itaguay no Rio de Janeiro em 04.12.1836. Órfão cedo, sempre trabalhou para sustentar-se, tanto assim que em 1850, com apenas 14 anos de idade, muda-se para São Paulo, semi-analfabeto, e torna-se aprendiz de tipógrafo e, posteriormente, revisor. Imbuído do espírito nacionalista, troca seu nome para Bocaiúva, abandonando o sobrenome português Antônio

Ferreira de Souza. Já em 1851 seu sonho de tornar-se advogado era grande e por ele lutou, matriculando-se no curso de Humanidades e contribuindo para jornais acadêmicos. Em 1854, já sem recursos para continuar seus estudos, retorna ao Rio de Janeiro, dedicando-se ao jornalismo. No dia 25 de março de 1860, em seu quadragésimo ano, sob a orientação de Bocaiúva e Saldanha Marinho, reaparece o Diário do Rio de Janeiro, cuja programação era voltada aos anseios nacionalistas. Em 1867, em meio à Monarquia, passa ele a escrever para o periódico a República e, posteriormente, em 1870, redige o famoso Manifesto do Partido Republicano. Em 1873 os monarquistas destroem o jornal A República e, pouco menos de um ano depois, é necessário o encerramento de suas atividades, passando Bocaiúva a escrever para o Cruzeiro e O Globo. Em 1889 é eleito para a chefia do Partido Republicano e, por ser um republicano em idéias e atitudes, competiu-lhe eleger todo o Ministério de Deodoro. O Ministério era composto, integralmente, por Maçons. Em 1861 Quintino Bocaiúva é iniciado na Loja América, jurisdicionada ao Grande Oriente do Passeio, ou Grande Oriente Brasileiro. Em 1864 filia-se à Loja Comércio, do Rio de Janeiro, jurisdicionada ao Grande Oriente ao Vale dos Beneditinos, quando, à época, era seu Grão Mestre Joaquim Saldanha Marinho e, ainda, à Loja Segredo, também do mesmo Grande Oriente. A Loja Segredo continha em seu seio diversos abolicionistas. Quintino Bocaiúva passa a ocupar o cargo de Venerável Mestre. Segundo Kurt Prober, em 1861 foi iniciado na Loja Amizade, de São Paulo, embora há quem afirme que tenha sido em 1855, com a idade de 19 anos, já que era filho de maçom. Em 1897 é eleito Grão Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil e, em 1900, em visita à Argentina com o Presidente Campos Sales, é homenageado pela Maçonaria Argentina. Neste mesmo ano assume o governo do Estado do Rio de Janeiro e, em 1901, após a renúncia do Grão Mestrado do Grande Oriente do Brasil, por parte de Antonio Joaquim de Macedo Soares, Quintino Bocaiúva assume o cargo. Em junho deste ano é consagrado com o título único de Grande Benemérito da Ordem, por parte da Assembléia Geral Maçônica. Em 1903 afasta-se temporariamente da política e, no ano seguinte, é sucedido em seu cargo de Grão Mestre por Lauro Sodré. O afastamento de Quintino Bocaiúva durou cerca de

seis anos, quando, em 1909 é eleito para o Senado Federal, sendo eleito vice-presidente do mesmo. Em 11.07.1912 falece Quintino Bocaiúva, de complicações pulmonares. Rua situada no Bairro da Palmeira.

REGENTE FEIJÓ

Diogo Antonio Feijó nasceu em São Paulo em 03.08.1874. Ordenou-se padre em 1805. Exerceu seu primeiro cargo político como vereador em Itu. Foi eleito deputado junto às Cortes Gerais e Extraordinárias de Lisboa (1821-1822). Por defender idéias separatistas foi perseguido pela Coroa Portuguesa e acabou refugiando-se na Inglaterra. Posteriormente assumiu o cargo de deputado geral por São Paulo nas legislaturas de 1826-1829 e 1830-1833, havendo-se destacado por defender a abolição do celibato dos padres e por criticar duramente o governo de Dom Pedro I. Foi nomeado Ministro da Justiça, logo após a abdicação de D. Pedro I, em julho de 1831, tendo renunciado ai cargo em julho de 1832, quando o Senado rejeitou a proposta de destituição de José Bonifácio da tutoria de D. Pedro II. Nomeado senador pela província do Rio de Janeiro por Carta Imperial, prestou juramento e tomou posse em julho de 1833. Suas atividades parlamentares foram marcadas pelo zelo, independência e coragem. Feijó foi eleito Regente Único do Reino em 1835 pela Assembléia Geral, vindo a renunciar em 1837, deixando o Rio de Janeiro e regressando a São Paulo. Somente retornou às funções públicas em 1839, quando foi eleito presidente do Senado. Ao final do ano, uma paralisia do lado esquerdo do corpo obrigou-o a permanecer em São Paulo para tratamento, tendo voltado ao Rio de Janeiro para assistir a coroação de Dom Pedro II e em outras poucas oportunidades. Participante das articulações da Revolução Liberal de 1842 foi preso em Sorocaba e desterrado para Vitória do Espírito Santo. Libertado após poucos meses apresentou sua defesa no Senado na abertura da Sessão de 1843. Veio a falecer em 10.11.1843, antes da promulgação da sentença, no processo movido contra ele no Senado. Padre Diogo Feijó foi iniciado na Loja Amizade, de São Paulo. Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

RODRIGUES ALVES

Francisco de Paula Rodrigues Alves nasceu na cidade de Guaratinguetá, estado de São Paulo, em 7 de julho de 1848. Foi advogado e político. Cumpriu dois mandatos como deputado provincial pelo Partido Conservador (1872-1875 e 1878-1879). Nessa mesma legenda foi eleito deputado geral (1885-1887) e presidente da província de São Paulo (1887-1888). Foi conselheiro do Império em 1888. Tornou-se deputado geral pelo Partido Conservador (1888-1889) e deputado à Assembléia Nacional Constituinte (1890-1891). Foi ministro da Fazenda nos governos dos presidentes Floriano Peixoto (1891-1892) e Prudente de Morais (1895-1896). Tornou-se senador pelo Partido Republicano Paulista (1893-1894, 1897-1900 e 1916-1918). Por meio de eleição direta, assumiu a presidência da República em 15 de novembro de 1902. Após o período presidencial, governou o estado de São Paulo (1912-1916). Eleito, pela segunda vez, presidente da República em 1918, não tomou posse por motivo de saúde. Faleceu no Rio de Janeiro, em 16 de janeiro de 1919. Rodrigues Alves centrou suas atenções no programa de remodelação urbana e de saneamento da capital da República. O engenheiro Pereira Passos foi nomeado prefeito da cidade do Rio de Janeiro, com plenos poderes para a implementação das reformas de modernização. O cientista e médico Oswaldo Cruz, que até então dirigira o Instituto Manguinhos, foi nomeado diretor-geral de Saúde Pública, implementando o combate às epidemias, como a peste bubônica e a febre amarela. Em 1904, a obrigatoriedade de vacinação contra a varíola levou a população carioca ao protesto nas ruas, no dia 10 de fevereiro, movimento que ficou conhecido como a Revolta da Vacina. No seu governo foi assinado o Tratado de Petrópolis, cujas negociações foram dirigidas pelo barão do Rio Branco, definindo os limites entre o Brasil e a Bolívia, cabendo ao Brasil a posse do Acre. A Bolívia recebeu uma compensação no valor de dois milhões de libras esterlinas, além da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Rua situada no Bairro da Prata.

RUI BARBOSA

Rui Barbosa de Oliveira, jurisconsulto, escritor, jornalista, orador e político, nasceu em Salvador (BA) em 05.11.1849 e faleceu em Petrópolis (RJ) em 01.03.1923. Aos cinco anos já sabia conjugar verbos e lia clássicos portugueses; com dez anos de idade, ele recitava Camões e Vieira. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito de São Paulo. Destacada figura da campanha abolicionista, que iniciou no Diário da Bahia e continuou no Rio de Janeiro em O País e no Jornal do Comércio. Em 1878 elegeu-se deputado à Assembléia Provincial baiana e, no ano seguinte, deputado-geral, distinguindo-se na elaboração da reforma eleitoral e em pareceres sobre o ensino. Durante o último gabinete da monarquia, desligou-se do Partido Liberal, passando a defender o regime federativo. Na república foi Vice-Presidente do Governo Provisório e Ministro da Fazenda, cargo em que promoveu a política econômica do Encilhamento. Redigiu a primeira Constituição Republicana (1891). Candidato duas vezes à presidência (1910 e 1919), liderou o primeiro movimento significativo de opinião pública, a famosa Campanha Civilista (1910). Foi Senador pela Bahia e Vice-Presidente do Senado (1906-1909). Representou o Brasil na Segunda Conferência da Paz, em Haia (1907), ficando conhecido como a Águia de Haia. Participou da votação do Código Civil projetado por Clovis Bevilacqua, acrescentando-lhe numerosas emendas de ordem lingüística, o que originou célebre polêmica literária na qual se consagrou profundo conhecedor dos clássicos do idioma (1902-1903). Afastou-se da política em 1920, passando a integrar a Corte Permanente Internacional de Justiça. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Iniciado por Bernardino Pamplona, na Loja América, em 01.07.1869, Rui não demorou a se eleger orador da Loja, e, no dia 04 de abril de 1870, apresentou um projeto de libertação do ventre das escravas pertencentes aos maçons, estabelecendo como condição prévia para a admissão dos iniciados a aplicação desse compromisso. Assim Rui, como representante da Loja América, precedeu em um ano a Lei do Ventre Livre. Rua situada no Centro da Cidade.

SILVA JARDIM

No dia 18 de agosto de 1860 em Capivari, na estão Província do Rio de Janeiro, num sítio denominado Capivari de Cima, onde o pai explorava uma pequena lavoura, nasceu Antonio da Silva Jardim. Cedo manifestou-se em seu espírito forte vocação para o magistério, que exerceu como auxiliar de ensino numa escola da zona rural. Em São Paulo, cursou a Faculdade de Direito, colando grau na velha Academia do Largo de São Francisco, em dezembro de 1882. Na cidade de Santos, para onde transfere seu domicílio em 1886, resolve advogar na companhia do cunhado Martins Francisco, sem abandonar, contudo, as atividades pedagógicas, que exerce na Escola "José Bonifácio", nem tampouco a pregação política sobre a extinção do regime monárquico. Com o advento da República, o grande tribuno não logrou sequer eleger-se à Assembléia Constituinte, nas eleições de novembro de 1890, para as quais ele próprio fizera a lei reguladora desse pleito. Sentindo-se humilhado, resolve afastar-se do Brasil, num exílio voluntário, com parcos recursos financeiros. Assim, em novembro desse ano encontra-se com a esposa e filhos em Lisboa, dali embarcando para Paris. Movido por intensa curiosidade, depois de andar pela Holanda e a Bélgica, resolve conhecer a Itália, em meados de 1891, na companhia de um compatriota – Joaquim Carneiro de Mendonça – com o objetivo último de visitar Nápoles e escalar o Vesúvio. Depois de uma rápida passagem pelas ruínas de Pompéia, no dia 1° de julho, o desfecho da aventura foi trágico: Silva Jardim subestimando as advertências do guia Domenico Cascello, aproximou-se demais da cratera do vulcão, que estava, então, em fase de atividade, caindo numa fenda aberta sob os seus pés, sendo tragado pelo abismo fumegante. A triste efeméride merece ser lembrada, pois assinala o desaparecimento de um dos maiores vultos da Pátria, insigne mestre da língua, pedagogo e orador de grandes recursos que, na feliz expressão de José do Patrocínio, "até para morrer, converteu-se em lava". Rua situada no Bairro de José Pinheiro.

SIMÃO BOLIVAR

Simão Bolívar nasceu em Caracas, capital da Venezuela, em 1783 e viveu longos anos na Europa, em Madri, Paris e Roma. Em Caracas, os primeiros movimentos revolucionários explodiram em 1810. Os patriotas eram chefiados pelo general Francisco Miranda, "o aventureiro da liberdade", que chamou a si Bolívar, e o fez ingressar no exército venezuelano, com o posto de coronel. Miranda. Perdida a primeira República, obteve passaporte para Curaçao, de onde viajou para Cartagena das Índias (atual Colômbia). Ali publicou o Manifesto de Cartagena (2.11.1812), no qual criticava a irresoluta atuação de Miranda, que conduziu a capitulação; e na Memória aos cidadãos de Nova Granada (15.12.1812), convidava-os a acompanhá-lo para libertar a Venezuela. Em fins de 1814, de novo a Venezuela teve que ceder diante da força dos espanhóis dominadores. O Libertador, obrigado a fugir para o exílio, refugiou-se na ilha de Jamaica e, daí, para o Haiti, procurando organizar uma nova insurreição. Reconquistada a capital, Bolívar governou através de três Secretarias de Estado. Os triunfos dos realistas o obrigam a viajar para Cartagena das Índias e, um ano depois, para a Jamaica, onde tornou conhecida sua famosa Carta de Jamaica (1815). Em Angostura (atual Cidade Bolívar) expôs seu plano político, apresentando um projeto de constituição onde propunha a criação de um grande estado, sob o nome de Grande Colômbia, constituindo-a em 1819. Foi em auxílio dos peruanos insurretos e conseguiu libertá-los do jugo espanhol, fundando dois novos estados: o Peru, de que se tornou ditador, e o Alto Peru, que, em sua honra, assumiu o nome de Bolívia. Em 1826, convocado o Congresso dos Estados Libertadores, em Panamá, ele propôs reunir todas as novas nações em uma só confederação. Mas foi acusado de desejar um governo tirânico, personalista, e a suspeita e a desconfiança armaram os braços dos conspiradores, que atentaram contra sua vida. Amargurado com tanta iniqüidade e incompreensão, Bolívar apresentou várias vezes demissão, mas, sempre, chamado por aqueles que ainda acreditavam nele, soube recalcar a amargura no fundo do coração, para recomeçar a lutar pelo bem de sua pátria. Retirando-se à vida privada, pobre, sozinho, renegado pelos seus concidadãos,

Bolívar morreu em dezembro de 1830. Simão Bolívar foi iniciado na Loja Grande Reunião Americana, em Londres, fundada por Francisco Miranda com objetivos políticos, sobretudo a libertação dos paises americanos. Rua situada na Bairro de Jeremias.

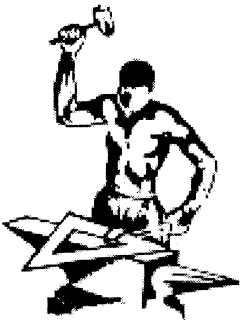
TIRADENTES

Joaquim José da Silva Xavier nasceu na fazenda do Pombal, comarca do Rio das Mortes, próximo a Vila de São José Del Rei (atual Tiradentes) em 1746. Era o quarto filho de Domingos da Silva Santos, Português e de Dona Antônia da Encarnação Xavier. Com a morte do pai foi morar com o Padrinho, o dentista Sebastião Ferreira Leitão, que lhe ensinou noções práticas de cirurgia e odontologia. Em 1775 ingressou na carreira militar. No ano de 1787, cansado da vida militar, pediu licença no regimento, e foi para o Rio de Janeiro, onde conheceu o estudante José Álvares Maciel (maçom que acabava de chegar da Inglaterra). Naquela época a maçonaria permitia que se fizessem iniciações fora dos templos e às vezes por um irmão com autoridade, o que era denominado de Iniciação por Comunicação. Este tipo de iniciação foi suprimido em 1907. Assim, conta-se que José Álvares Maciel iniciou Tiradentes. Na cidade de Vila Rica, Tiradentes e alguns companheiros, deram início a um movimento com a finalidade de libertar o Brasil de Portugal. Este movimento chamou-se Inconfidência Mineira. O plano mineiro era em iniciar a revolta por Minas Gerais, e estendê-la ao Rio de Janeiro e em seguida as demais Capitanias, o produto não foi produto da mente de ninguém em particular, nasceu das condições estruturais da sociedade brasileira. Pretendendo o apoio do povo, o início do levante estava programado para a o dia da Derrama (cobrança imediata e única de imposto sobre a extração do ouro, atrasados e acumulados há vários decênios). Tendo apoio informal dos Ingleses, obteve o apoio de homens de posses e a elite intelectual civil e do clero. Porém, quando Tiradentes e seus amigos tentavam alcançar seu objetivo, foram traídos por um companheiro, Joaquim Silvério dos Reis, que contou às autoridades portuguesas sobre o movimento. Tiradentes corajosamente assumiu a responsabilidade, condenado à morte por enforcamento em

21.04.1792. Os amigos de Tiradentes foram condenados à prisão para sempre. Rua situada no Centro da Cidade.

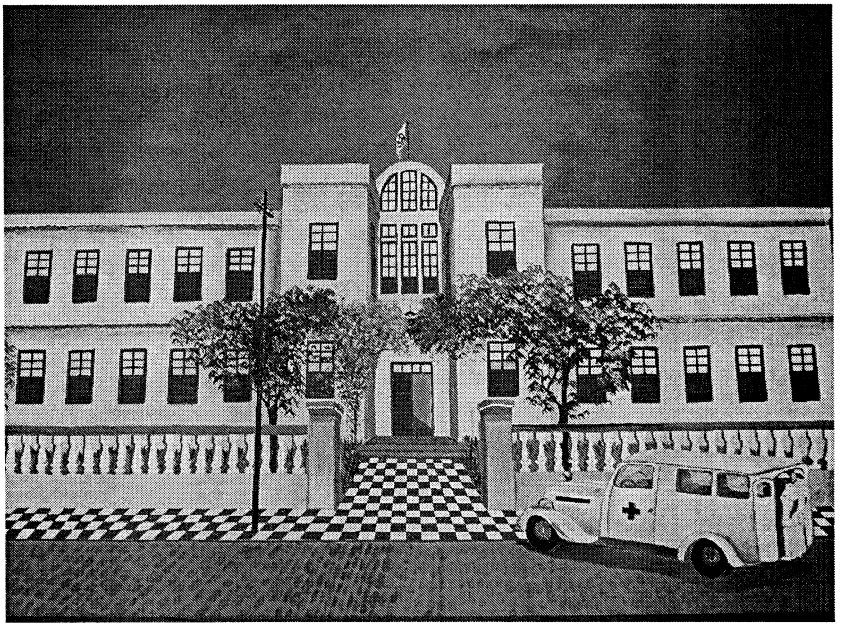
VILLA LOBOS

Heitor Villa Lobos, compositor, nasceu em 05.03.1890 no Rio de janeiro e faleceu em 17.11.1959. Suas primeiras composições surgiram em 1915. Regeu várias orquestras na Europa e nos Estados Unidos. Foi Membro Honorário da Academia de Santa Cecília, de Roma, e Presidente da Academia Brasileira de Música. Compôs inúmeras obras eruditas e folclóricas entre elas Cirandas, A Guerra, Zoe, O Imprevisto, Centauro de Ouro, Bachianas e Choros. A rua recebeu seu nome por propositura do Vereador Mário Araújo. Rua situada no Bairro do Catolé. Propositura do Vereador Fernando Silveira – Lei nº 64, de 27.4.1960.



AÇÃO SOCIAL DA LOJA

REGENERAÇÃO CAMPINENSE



**(Hospital Pedro I em 1932.
Óleo sobre Tela de Enoque Limeira).**

HOSPITAL PEDRO I

Fruto do sonho e da abnegação dos obreiros da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi inaugurado em 7 de setembro de 1932, o primeiro estabelecimento médico-hospitalar de Campina Grande, denominado por Clementino Gomes Procópio e Severino Henrique Cruz de Hospital Pedro I, em homenagem ao fundador da nacionalidade brasileira, o Grão Mestre e Imperador Dom Pedro I.

A construção do Hospital Pedro I foi iniciada em 31 de outubro de 1926, com o aproveitamento dos alicerces implantados para um futuro educandário pertencente ao Professor Clementino Gomes Procópio, que doou um terreno com uma área de cerca de 10.000m². O terreno doado teve sua situação legal regularizada mediante ação de usucapião movida em 1974.

Da comissão encarregada da construção fizeram parte: Presidente – Dr. Arlindo Correia, Vice-Presidente – Dr. Severino Cruz, Tesoureiro – Sebastião Alves de Oliveira. Conselho Fiscal: Dr. João Tavares, Wilson Medeiros e Martiniano Lins.

Anos de sacrifício se sucederam e após muita luta e colaboração de outros valorosos obreiros, como João Miguel de Moraes, Rodrigo Farias, Heráclito Santos, Luiz Dália, Protásio Ferreira da Silva, Benedicto Venâncio dos Santos e Wilson Viriato de Medeiros, que, com muita perseverança, altruísmo, sacrifício, teimosia e a coragem dos verdadeiros homens, o grande sonho se tornava realidade, nascendo o Hospital Pedro I. Era o ano de 1932. Em 1933 foi inaugurada a sala de cirurgia. Em 1934 o laboratório de análises clínicas. Em 1935 a maternidade São João Batista, que depois tomou o nome de Clementino Procópio. Em 1936 a sala radiográfica.

Sua primeira diretoria estava assim composta: Diretor – João Arlindo Corrêa; Clínica Médica: Elpídio de Almeida e Antonio Almeida; Clínica Cirúrgica: Severino Cruz e Apulchro Vieira; Clínica

Obstétrica e Ginecológica: João Tavares e João Arlindo Corrêa; Clínica Dermatológica: João Arlindo Corrêa e João Tavares; Clínica Oftalmológica: Freire Filho e João Tavares; Clínica Pediátrica: Apulchro Vieira e Elpídio de Almeida; Clínica Otorrinolaringológica: Antonio Almeida e Freire Filho; Cirurgia Dentária: Idelfonso Ayres e F. Luna Netto; Laboratório: Antonio Coutinho e João Arlindo Corrêa.

Desde o início que o Hospital Pedro I tem contado com a colaboração do poder público e de particulares, haja vista o seu caráter filantrópico e humanitário. Todavia, são grandes as dificuldades a serem superadas. Dois registros são aqui feitos: o primeiro é extraído do livro de O Cinzel, órgão oficial da Loja Maçônica Realidade, Oriente de Recife, edição de 1978, quando era Venerável Mestre o saudoso Irmão Adauto Barreto da Silva Nen, que pertenceu aos quadros da Regeneração Campinense; o segundo, do livro Cinco Anos de Cirurgia, escrito em 1938 pelo Dr. Vital Rolim. Em ambos os casos se pode ver a importância do empreendimento para Campina Grande e a luta dos maçons para a sua sustentação econômico-financeira e viabilidade técnica.

No livro de O Cinzel, Adauto Barreto assim diz: "quando tivemos a satisfação de conviver e trabalhar com aquela colméia de atividade generalizada, que é a Regeneração Campinense, soubemos que, nas festas natalinas da progressista cidade de Campina Grande, quando andava em obras o Hospital Pedro I, entre os vistosos pavilhões e barracas, um havia, ornado por jovens da fina sociedade da Rainha da Borborema, que com a garradice do seu trabalho, espontâneo e meritório, angariavam donativos para aquele nosocômio, que passados tantos anos, ali ainda se acha, no bairro da Guia, prestando grande auxílio a quantos o procuram para alívio e cura dos seus males, hoje como um estabelecimento categorizado".

No livro Cinco Anos de Cirurgia, o doutor Vital Rolim sumaria interessantes intervenções cirúrgicas coroadas de êxito, que foram executadas pelo seu bisturi nas salas de operações do Hospital Pedro I. Prefaciando esse livro, Hortênsio de Sousa Ribeiro fala um

pouco da história do hospital, de cuja apresentação retira-se a seguinte parte, que trata das ajudas financeiras prestadas ao nosocômio. Diz ele:

"A vida do estabelecimento do porte do Hospital Pedro I está condicionada, como é sabido, a meios materiais vulgarmente chamados patrimônio. Ainda o não possui o nosso hospital, de fora parte o imóvel onde está o mesmo instalado, as alfaias e utensílios doados ou adquiridos à custa dos mais ingentes sacrifícios.

Um dos maiores missionários do nordeste foi sem exagêro o Padre Ibiapina, cujos vestígios da sua edificante passagem ainda persistem através das terras semi-áridas. A obra impressionante que essa alma devotadíssima imaginou e ergueu com as suas mãos apostolares, desfez-se e caiu por completo pela ausência justamente de uma base material ou patrimônio em que se alicerçasse.

Resultará improfícuo o esforço total empregado na edificação do Pedro I, se os seus animadores não cuidarem quanto antes de lhe constituir bens necessários e mesmo cabedal que assegurem a tão benéfica coletividade, uma longa e útil existência.

Os governos da Paraiba, que se lhes faça justiça, hão subvencionado o nascente hospital com as sobras dos seus orçamentos, vindo uma vez por outra ao encontro das suas mais imperiosas necessidades. Haja vista a relação abaixo que transcrevemos sem comentários, deixando ao leitor a liberdade de apreciar a generosidade de cada um.

A primeira dotação instituida em favor do Hospital Pedro I, nós a devemos ao presidente João Suassuna, que o subvencionou com a importância de 18:000$000 anuais.

Esta verba foi mantida pelo presidente João Pessoa, apesar da sua economia pautada e excessiva compressão nas despesas,

preocupado como estava o grande administrador no soerguimento do seu Estado.

Sucedendo-lhe no governo o pranteado Antenor Navarro, não diminuiu num ceitil a subvenção anterior, malgrado a modificação operada no regime e as medidas de exceção que ainda agora vêm sendo postas em prática de acordo com a nossa natural evolução política.

A Gratuliano Brito deve o Pedro I, além da dotação estabelecida, uma verba de 5:000$000 para a instalação da sala de cirurgia do mesmo hospital, e ainda a oferta de 60 leitos para doentes hospitalizados.

O doutor José Américo de Almeida reforçou ou duplicou a dádiva de Gratuliano oferecendo 5:000$000 para aquisição de novos materiais complementares ao bom funcionamento da sala de operações.

A administração Argemiro de Figueiredo não tem regateado auxílios sobre auxílios ao Hospital Pedro I. Tanto é assim que na fase democrática liberal o governador eleito e com uma câmara unânime manteve a subvenção já estabelecida, pagando ao hospital 1:500$000 mensalmente; e ainda, doando as instalações do Raio-X, que desde o ano passado (1937) tão bons serviços vem prestando como elemento de informação no exame de doentes. Abriu créditos - para pagamento de medicamentos de 18:000$000 em 1937; de 30:000$000 em março de 1938; de 14:000$000 para substituição do piso de cimento pelo de mosaico, ficando de mandar pagar, até o fim deste ano, a despesa com a aquisição de material e de uma ambulância para transporte de doentes.

Quanto às dotações de iniciativa privada têm havido algumas insignificantes, convindo destacar a que todos os anos recebe o Pedro I das mãos dadivosas do doutor Epitácio Pessoa, ex-presidente da República.

A Loja Maçônica "Regeneração Campinense" concorre mensalmente com a quantia de 200$000 para o tratamento de indigentes.

Inventariando-se o que há no tocante a subvenções por parte do poder municipal, nós vemos que o prefeito atual Bento Figueiredo mantém a dotação estabelecida desde o tempo da administração Lafaiete Cavalcanti. O prefeito Antonio Almeida, com sustentar a mesma subvenção anterior, ordenou o fornecimento de medicamentos necessários para o serviço de pronto socorro, que aliviou em muito o magro orçamento do hospital, tendo a abnegação de criar o serviço de enfermagem, indo até contratar no Rio de Janeiro, no Serviço D. Ana Neri, a enfermeira Safira Pereira, que fez escola entre nós, preparando alunas que lhe sucederam no serviço das enfermarias do Hospital Pedro I.

As referidas subvenções municipais tiveram o apoio do último prefeito constitucional (Vergniaud Wanderley), que mandou ainda construir o pavilhão do isolamento onde são internados os doentes de moléstias infecto-contagiosas.

Bento Figueiredo manteve no orçamento que está sendo cumprido no regime do Estado Novo a mesma dotação, tendo auxiliado com 1:500$000 os novos serviços de mudança de piso do Pedro I.

Com estes minguados auxílios compreende-se que não podia deixar de ser precária a situação do hospital campinense. Que é uma obra de vulto e de elevados objetivos não é mister que o realcemos. Basta que se diga que as levas de doentes que outrora tinham que ser conduzidos do oeste do Estado para João Pessoa ou Recife em busca de hospitalização, expostos inteiramente aos azares da demora em receber urgente socorro e aos abalos do transporte, numa viagem penosíssima, são hoje atendidos pela esforçada clínica do Pedro I, que na medida das suas forças e meios materiais, vai como pode dando cumprimento ao vasto programa de assistência pública visada pelo nosso aparelhamento hospitalar.

A grande maioria dos hospitais na América, como é sabido, são casas de saúde, fundadas por capitalistas e cuja preocupação principal consiste em distribuir bons dividendos aos seus acionistas.

Somente agora, aos poucos, se vai introduzindo um espírito médico nos hospitais americanos, graças aos progressos da técnica, de cujos benefícios o público se torna cada dia mais exigente, o que vem encarecer e tornar ainda mais dispendioso, sob o ponto de vista científico, a manutenção de um grande hospital. Para que um estabelecimento hospitalar - é quase um truismo dizermos isto -, para que tenha reputação um hospital ou casa de saúde é necessário que disponham um e outra de um equipamento tão moderno quanto possível, não só em material como em pessoal. É indiscutivelmente o que lhes assegura uma apreciável clientela.

Isto posto, compreende-se de logo qual tem sido a soma incalculável de tropeços com os quais vive a esbarrar freqüentemente o hospital de Campina Grande.

Sem que haja uma forte conjugação de esforços dos poderes públicos principalmente, o Pedro I não poderá atingir a meta visada. Esta opinião prescinde de qualquer demonstração.

Devo escrever uma linha aqui em louvor do presidente atual do Brasil. Conquanto seja quase insignificante o concurso que ao Pedro I até agora prestou o doutor Getúlio Vargas, deve se salientar que o nosso condutor fez em 1934 uma dotação ao Hospital Pedro I de 6:000$000, que este ano, segundo estamos informados, já foi elevada a 10:000$000 de réis, anualmente. Acreditamos que o presidente Getúlio Vargas, preocupado como inegavelmente vive o dirigente brasileiro em obter o máximo de rendimento de todas as atividades nacionais, dotará o hospital campinense, que o doutor Getúlio Vargas conhece "de visu", na sua visita feita a esta cidade em 1933, em companhia do doutor José Américo e do general Góis Monteiro, é de se esperar que o Chefe Nacional venha ao encontro das necessidades do nosso estabelecimento, favorecendo-o com melhor dotação.

Como justificativa do nosso apelo, basta que se diga que o Pedro I com os minguados recursos de que dispõe, mantém hospitalizados 25 indigentes permanentemente. Admitindo-se para base de cálculo que cada indigente acarrete com a diária de 6$000 "per capita", teremos em média: 6$000 x 25 igual a 150$000, que constitui a despesa diária do hospital campinense. Essa importância multiplicada por 30 dias soma um total de 4:500$000 de despesas, que os 3:000$000 recebidos mensalmente de subvenção não dão para cobrir, resultando um "deficit", na melhor das aritméticas, de 1:500$000 por mês, não se computando ainda os gastos com a conservação e outras despesas miúdas do Hospital Pedro I. Para fazer face ao excedente da sua despesa escriturada sob a rubrica de saldo devedor, tem que se socorrer o hospital dos rendimentos incertos e variáveis da sua casa de saúde.

É esta a situação da instituição fundada há 10 anos nesta cidade, e que tão bons serviços presta à coletividade paraibana".

Em 1930 João Arlindo Corrêa propunha o nome do Presidente João Pessoa para denominação de um pavilhão do Hospital, em reconhecimento ao auxílio financeiro anual consignado. Pela cooperação permanente e dedicada na edificação do prédio do Hospital, João Tavares propunha o nome do engenheiro Rômulo Campos para outro pavilhão. Em 1932 era aprovada a aposição de placa de agradecimento ao Presidente Gratuliano de Brito por suas ajudas ao Hospital, tendo este participado do almoço de inauguração do hospital que aconteceu nas dependências do Grêmio Renascença. O primeiro aparelho de anestesia do Hospital foi doado pelo Governador Oswaldo Trigueiro (1947-1950). Em 1964 o Hospital recebeu a doação de um elevador do então Deputado Antonio Vital do Rego, no mandato do Governador Pedro Moreno Gondim (1961-1966).

Hoje, as gestões municipal, estadual e federal, já não se mobilizam tais quais aquelas descritas por Hortênsio Ribeiro. Contrariamente, retiram-lhe até o referenciamento para a prestação dos serviços de urgência e emergência.

REFERENCIAMENTO

O Hospital Pedro I é uma entidade civil, sem fins lucrativos, filantrópica e de assistência social, declarado de utilidade pública federal pelo Conselho Nacional de Serviço Social em 17.1.1996, conforme Portaria nº 4/96. Detém o Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos concedido pelo mesmo Conselho em 29.7.1996 e desde então sempre renovado. Seus primeiros Estatutos foram registrados em 30.3.1954, sob nº 85, livro A-1, no Serviço Notarial e Registral de Campina Grande, na gestão do Venerável Mestre José Pereira Lima. Foram modificados em 8.7.1967 (registro nº 264, livro A-2) e em 6.8.1969 (registro nº 319, livro A-3), respectivamente nas gestões dos Veneráveis Mestres Raimundo Gadelha Fontes e José de Almeida Torreão.

Em 1999 a Secretaria de Saúde do Estado, necessitando referenciar em Campina Grande um hospital para os casos de urgências e emergências, credenciou o Hospital, conforme Portaria nº 574-MS, publicada no Diário Oficial da União, em 15.10.1999.

Para receber tal referenciamento, o Hospital teve que se adequar ao protótipo de um hospital de urgência e emergência, realizando novos investimentos, tanto na sua estrutura física e tecnológica quanto na área de recursos humanos, que permitiram a viabilização de sua nova condição.

Em 2001 o Governo do Estado inaugurou na cidade o Hospital Regional de Urgência e Emergência, mas retirou do Hospital Pedro I aquele referenciamento, transferindo-o para o Hospital Regional, conforme as Portarias nºs. 181-SAS/MS e 182-SAS/MS, fato que trouxe ao Hospital Pedro I sérios problemas e graves prejuízos em face dos investimentos feitos e ainda não maturados.

Mesmo assim, o Hospital Pedro I permanece até hoje atuando como hospital referenciado, diante da procura da população por

seus serviços e da pressão social para que assim atenda aos casos de urgência e emergência, mas sem a remuneração condizente propiciada pela lei e regulamentos baixados pelo Ministério da Saúde, não obstante as diversas tentativas sem êxito até os dias atuais, de manutenção do credenciamento junto aos órgãos públicos competentes.

Campina Grande é uma cidade que detém uma população fixa de mais de 400.000 habitantes, que se eleva a mais de 1.400.000 pessoas em razão da população flutuante.

Os municípios vizinhos e os mais distantes, como os do sertão, além de outros municípios dos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e até do Ceará, transferem para Campina Grande pacientes seus à falta de recursos médico-hospitalares próprios, os quais procuram o Hospital Pedro I como atestam os prontuários.

Existe, pois, uma demanda considerável de casos de urgência e emergência devidamente comprovada, o que justifica plenamente a manutenção do referenciamento do HPI. Observa-se também que o Hospital Regional não dá conta de todos os casos que ali chegam, tanto que ainda hoje redireciona pacientes para o HPI.

Assim, seria não só de inteira justiça voltar a ser referenciado o Hospital Pedro I, mas equilibrada a demanda dos casos de urgência e emergência em Campina Grande, por uma questão lógica, técnica e social.

Vislumbrando que somente uma ação política pode equacionar tão grave problema, o Hospital Pedro I não deseja de volta o referenciamento que lhe foi suprimido em detrimento do seu congênere, mas tão só sejam ambos referenciados, de modo que os usuários possam estar mais bem assistidos e ambos os hospitais adequadamente remunerados.

Ressalta-se que pela disposição da lei, aos hospitais públicos e filantrópicos não devem ser subtraídas as preferências nas

ações governamentais de saúde pública. Desse modo espera até hoje o Hospital Pedro I pela ação política requerida, mantendo seus serviços de urgência e emergência mesmo comprometendo suas receitas, porém sem se afastar dos ideais que nortearam seus fundadores maçons.

INSTALAÇÕES

Em 1975 a Regeneração Campinense instituiu a FAMAP – Fundação Assistencial Maçônica da Paraíba com os objetivos de administrar assistência médica e hospitalar, assistir à medicina preventiva, incentivar o ensino médico e de enfermagem e manter o Hospital Pedro I, cujos estatutos foram publicados no Diário Oficial do Estado em 4.7.1975 e registrados no Cartório de Títulos e Documentos em 10.7.1975 sob nº 466, livro A-3. Com a criação da Fundação esta passou a ser a mantenedora do Hospital Pedro I.

Em 1976, ano do cinqüentenário de fundação do Hospital, a FAMAP já havia construído o Pavilhão Clementino Procópio para pacientes portadores de doenças infecto-contagiosas, constando de 12 leitos distribuídos em 2 enfermarias de 4 leitos e 4 quartos individuais com sanitários próprios completos; o Pavilhão Thomaz Soares, destinado aos internamentos de pacientes do INPS e FUNRURAL, com 32 leitos; reforma e ampliação do berçário, com divisão para prematuros e com capacidade total para 30 berços; adaptação de dependências para o funcionamento do laboratório de análises clínicas; construção de depósito de materiais; reconstrução da lavanderia; reforma total das instalações de água e esgoto; melhoramentos nos setores de emergência, ortopedia e traumatologia; construção de galpão para embarque e desembarque de pacientes; aquisição de veículo para transporte de cargas; aquisição de transformador para a casa de força; aquisição de materiais cirúrgicos; ampliação de leitos de 98 para 134.

A FAMAP, que foi dissolvida em 7.2.1983, para possibilitar a regularização da situação do Hospital Pedro I perante o

Conselho Nacional de Serviço Social, tinha como Diretor Superintendente o Irmão Fernando Filogônio do Ó e Diretor Técnico o Irmão Hermano Cavalcanti da Cruz. Formavam o Conselho Superior como titulares os Irmãos Ailton Elisiário de Sousa, Pedro d'Aragão, José Geraldo de Medeiros Fernandes, Guilherme Cavalcanti da Cruz, Demétrio Demerval Trigueiro do Vale, Pedro Andrade, Leônidas Amaro de Lima, Mário Carneiro da Costa, Antonio Mesquita de Almeida e Gilvan da Veiga Barbosa; como suplentes, os Irmãos Aroldo Cavalcanti da Cruz, José Matias de Souza, Antonio Correia Lima, Paulo Queiroz Amorim e José Álvaro da Silva. O Conselho Fiscal estava formado pelos Irmãos titulares Luiz Gonzaga de Vasconcelos, Ubirajara de Morais e Wilson Dias Rodrigues e pelos Irmãos suplentes José Edeilton Guedes de Aquino, Eros da Silva Santos e Ednaldo Cyrilo Gomes.

Retornando à situação jurídica anterior, na gestão do Venerável Mestre Romildo Dias de Toledo, de acordo com os Estatutos publicados no Diário Oficial em 9.3.1983 e registrados em cartório em 22.3.1983, sob nº 193, livro A-2, teve estes modificados em 4.1.1989 e registrados em 26.1.1989, sob nº 383, livro A-2, pelo Venerável Mestre Antonio Aurélio de Oliveira Ventura. Por força das exigências do Conselho Nacional de Serviço Social teve sua estrutura legal reformulada em 1994, na gestão do Venerável Mestre Pedro Dantas Fernandes, adaptando-se às disposições da Lei nº 8.742, de 7.12.1993, conforme registro dos Estatutos sob nº 647, livro A-4, datado de 25.4.1994 e alterados em 1999 pelo Venerável Mestre Ricardo Vital de Almeida receberam o registro nº 21.159, livro A-5. Sendo o Venerável Mestre da Loja Regeneração Campinense o Diretor Presidente do Hospital Pedro I por disposição estatutária, seus estatutos sociais foram reformulados em 2.4.2003 pelo Irmão Ailton Elisiário de Sousa que determinando substanciais alterações na estrutura de administração, imprimiu maior controle administrativo e gerencial ao Hospital e forte segurança patrimonial, sendo os estatutos registrados sob nº 38.901, livro A-6. Em 31.12.2003 foram os mesmos mais uma vez modificados e registrados sob nº 41.004, livro A-6, pelo Venerável Mestre Pedro Vicente de Paiva.

Em 1938, o Hospital Pedro I contava apenas com 3 enfermarias para indigentes com 60 leitos, 2 pavilhões para a casa de saúde, 1 pavilhão externo para isolamento, uma ambulância, uma sala de cirurgia, serviço de maternidade e raios-x. Em 2006 o Hospital Pedro I encontra-se dotado de modernas instalações, equipamentos e serviços, tais como o sofisticado Centro de Terapia Intensiva com 12 leitos, Centro Cirúrgico com 5 salas equipadas com os mais modernos instrumentos, Centro de Diagnóstico por Imagem equipado com moderníssimo aparelho de Tomografia Computadorizada, Banco de Sangue, Endoscopia Digestiva, Radiologia, Eletrocardiograma e Ultra-Sonografia de última geração. Possui 171 leitos distribuídos em 38 enfermarias e 19 apartamentos; maternidade; consultórios bem equipados; refeitório com acompanhamento nutricional especializado; marcação de consultas por telefone; atendimento pelo SUS – Sistema Único de Saúde, particulares e toda a rede conveniada.

Conta o Hospital Pedro I com o apoio de 96 renomados profissionais atendendo nas especialidades cirúrgicas, médicas, nas áreas de ginecologia e obstetrícia, ortopedia e traumatologia, plásticas, cirurgia geral, anestesiologia, hemoterapia intensiva, neurologia cirúrgica, cardiologia, pediatria, proctologia, radiologia e fisioterapia, para tratamentos e consultas, em consultórios individuais, personalizados, para associados e segurados de diversas empresas e planos de saúde, além de um quadro de 215 funcionários preparados e orientados a prestar a melhor assistência médico-hospitalar e humana da cidade.

Exerceram a Superintendência Administrativa os maçons João Arlindo Correia, Abel Correia da Costa, Lafayette Cavalcanti Correia de Mello, João da Cunha Lima, Cassiano Pascoal Pereira, Gerôncio Bezerra da Nóbrega, Jeová Nunes de Matos, Demerval Sobral, Raimundo Gadelha Fontes, José de Almeida Torreão, Fernando Filogônio do Ó, Romildo Dias de Toledo, Yolando de Oliveira Passos, Agamenon Resende Pereira, Manoel Antonio Cavalcanti, Joanilson Marinho da Silva, Jaci Costa Freire, Benedito Pereira de Vasconcelos, Ailton Elisiário de

Sousa. Atualmente o Venerável Mestre Pedro Vicente de Paiva acumula as funções de Diretor Presidente e Gerente Administrativo do Hospital.

A Direção Técnica do Hospital esteve nas mãos de Severino Henrique Cruz, Gilvan da Veiga Barbosa, Hermano Cavalcanti Cruz, José Cardoso de Lima, Francisco Assis Souza, Miguel Pereira Ribeiro, Antonio Mesquita de Almeida, Floriano de Paula Mendes Brito, Ademir Costa Wanderley, Francisco de Assis Avelino de Figueiredo, Henrique Costa Filho, Francisco Couto Ben, Maria das Graças Castro Vieira, Saulo Gaudêncio de Brito, Robinson Arruda. Atualmente a médica neurologista Alba Gean Medeiros Batista ocupa o cargo de Gerente Técnico do Hospital.

Homenageando maçons, médicos e enfermeiros, pela colaboração ao sonho maçônico de construção e desenvolvimento de uma casa hospitalar destinada ás pessoas menos favorecidas de Campina Grande, o Hospital Pedro I inaugurou os seguintes setores: Pavilhões Clementino Gomes Procópio, João Arlindo Correia, Severino Henrique Cruz, Thomaz Pereira Soares Júnior, Gilvan da Veiga Barbosa, Hênio Azevedo, Luiz Lyra e Francisco Mariano; as Alas enfermeiro Severino Bernardo Gomes, médicos Francisco de Assis Avelino de Figueiredo, Antonio Aurélio de Oliveira Ventura e Antonio Mesquita de Almeida; a Maternidade enfermeira Etelvina Hilda Soares Dias; a praça de estacionamento André Dias Pereira; o Centro de Terapia Intensiva Aroldo Cavalcanti Cruz e o Centro de Tomografia Computadorizada Clementino Gomes Procópio.

ATENDIMENTOS

A procura e a fidelidade da clientela torna-se o aval mais precioso e legitimador para o Hospital Pedro I, que mensalmente realiza em média 600 atendimentos hospitalares e 5.000 atendimentos ambulatoriais. Destes, cerca de 200 atendimentos, 300 dormidas de acompanhantes e 150 refeições são fornecidas gratuitamente.

Mediante a progressiva melhoria da qualidade dos serviços proporcionados aos usuários do SUS e dos demais convênios e particulares, o Hospital Pedro I vem atraindo e agregando os mais diversos segmentos sociais da população campinense e dos demais municípios circunvizinhos.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

O serviço de assistência social do Hospital Pedro I, com prestimoso auxílio da Associação das Samaritanas, composta por esposas dos maçons, vem prestando um serviço de assistência às mães carentes de recém-nascidos na maternidade do hospital, com a entrega de um kit-enxoval, do qual consta banheira, lençóis e outros materiais básicos para minimizar as dificuldades de manutenção de uma criança.

ADMINISTRAÇÃO

A atual administração do Hospital Pedro I vem, em face da nova realidade da política pública de saúde, com a implantação do regime de gestão plena pelo município, diuturnamente envidando esforços para melhoria de sua qualidade de serviços através de sistemático treinamento, valorização e conscientização de seus quadros.

Constantemente são promovidos cursos de reciclagem e capacitação profissional numa tentativa de melhorar cada vez mais o atendimento aos clientes, mantendo com estes uma saudável relação humanística, permanentemente reconhecida e aprovada pelos pacientes de ambulatório e pacientes internados, através de pesquisas feitas por questionários aplicados no próprio hospital para avaliação e busca da qualidade total no atendimento.

Mas é meta principal a qualificação do Hospital para a prestação de serviços de alta complexidade nas áreas de ortopedia e traumatologia e de neurologia. Com o novo sistema de contratualização

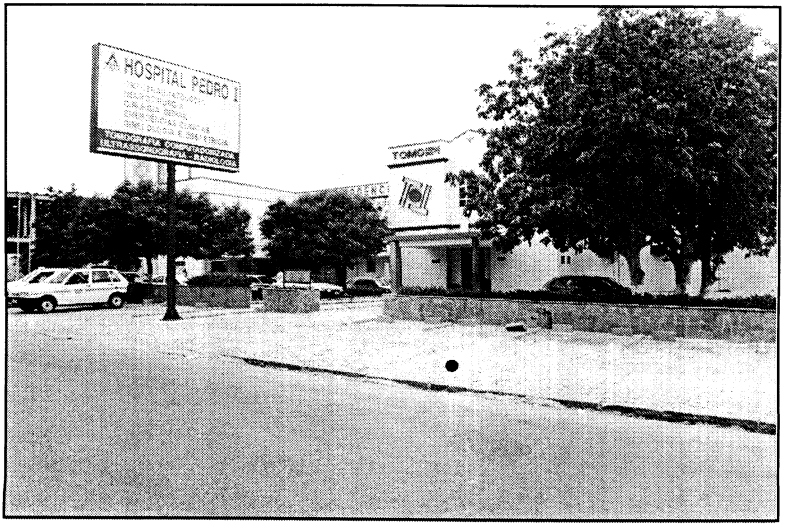
que vem sendo implementado pelo Ministério da Saúde e Secretaria Municipal de Saúde, o Hospital Pedro I assegurará uma excelente prestação de serviços nestas áreas médicas, para tanto tendo realizado investimentos na aquisição de novos equipamentos tais como respiradores, bombas de fusão, oxímetros de pulso, desfibrilador com cardiovessor, monitor multiparamétrico de pressão não invasiva, arcos cirúrgicos, microscópios, carros alestégicos, gerador, entre outros.

Aderiu ao Programa de Reestruturação dos Hospitais Filantrópicos e tendo se enquadrado aos parâmetros da Portaria nº 1.083 do Ministro da Saúde, foi o Hospital Pedro I que veio a ser contemplado com ajuda financeira ministerial, dentre os hospitais filantrópicos dos existentes no Estado da Paraíba. Recebeu os alvarás da ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária e da SUDEMA - Superintendência de Administração do Meio Ambiente, por atendimento das normas exigidas por estes órgãos. Está em implantação o Plano de Gestão Hospitalar, que inclui o Plano Diretor e o Plano Operacional, assegurando a contratualização com a Secretaria Municipal de Saúde.

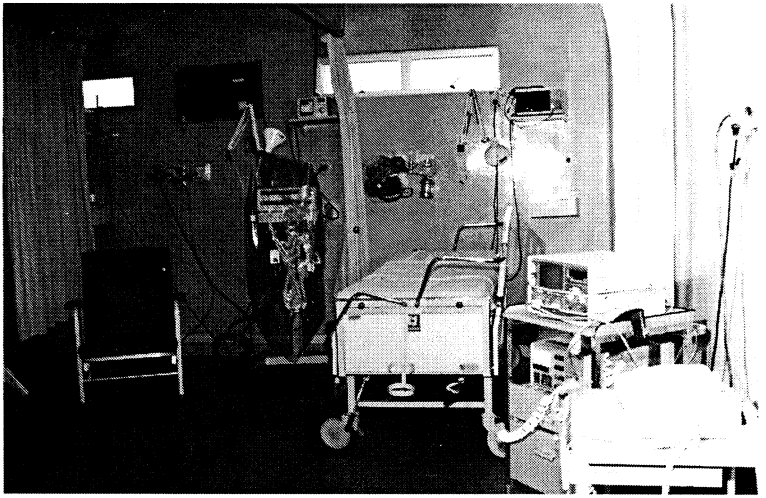
Constituem atualmente a diretoria os Irmãos Pedro Vicente de Paiva – Diretor Presidente; Valmir Xavier Silva – Diretor Vice-Presidente; José da Guia Dantas – Diretor Tesoureiro; Gilson de Andrade Lira - Diretor Superintendente; Henrique Costa Filho – Diretor de Operações; Dalvino de Souza Filho – Diretor Secretário. Conselho Fiscal: Titulares - Raimundo Marcos Assis Bandeira, Mário Linhares Pordeus, Pedro Alcântara Gomes da Silva Campos; Suplentes – Fabiano do Egito Araújo, Wilson Vasconcelos Bezerra, José Nicolau de Araújo.

(Participação da sociedade campinense em 1932, em festa natalina visando a arrecadação de recursos financeiros em favor do Hospital Pedro I. De cima para baixo: 1ª fila – Anália Castro, Maria Berta Soares, Kleonice Correia, Cecy Silva, Maria Emília, Lourdes Lima, Carmélia Lima; 2ª fila – Lourdes Gaudêncio, Silvia Gouveia, Yone Farias, Amenaide Pimentel, Jandira Oliveira, Nair Gusmão; 3ª fila – Honorina Oliveira, Euná Paiva, Euní Paiva, Adalzira Vasconcelos, Lourdes Vasconcelos, Alzira Vasconcelos, Marly Costa; 4ª fila – Nair Carvalho, Dila Carvalho, Daura Carvalho, Carmen Eloy, Brunilde Montenegro, Cely Gusmão, Marcelina Vieira; 5ª fila – Guiomar Pires, Stela Aragão, Nome Ilegível, Dulce Carvalho).

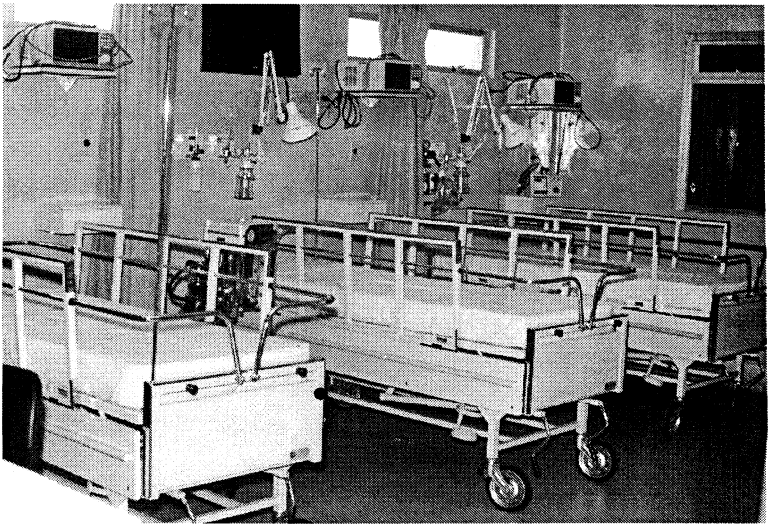
(Hospital Pedro I sediado no Bairro de São José)



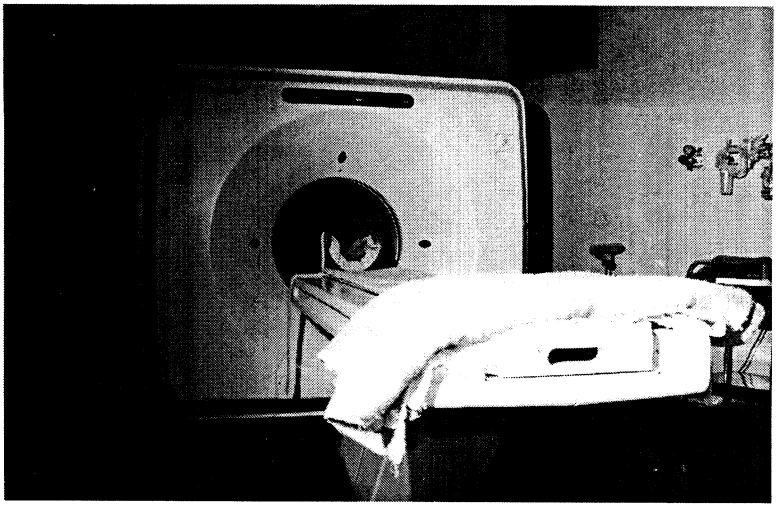
Hospital Pedro I)



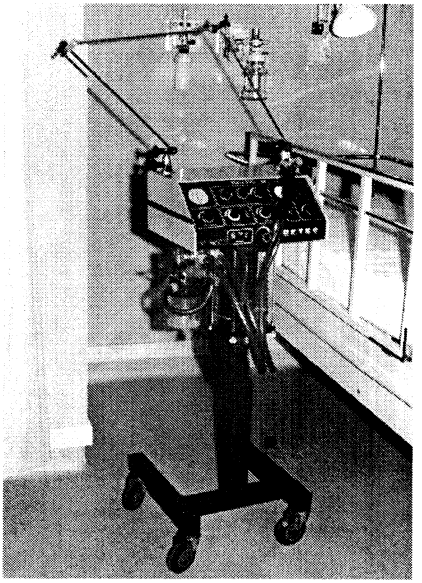
(Centro de Terapia Intensiva do HPI)



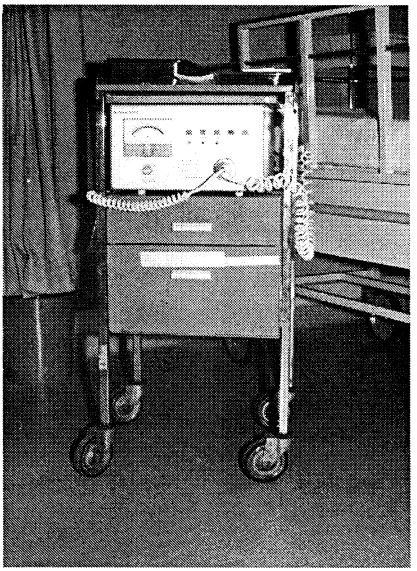
(Centro de Terapia Intensiva do HPI)



(Tomógrafo Computadorizado do HPI)



(Respirador)



(Disfibrilador)

(Ala de Apartamentos inaugurada em 2003)

ESCOLA ANTONIO VICENTE

Fundada na gestão do Venerável Mestre Ranulfo Cardoso da Silva, com a contribuição direta dos Irmãos Severino Herculano de Melo, Pedro Marinho de Oliveira e Pedro d´Aragão, este último então seu Diretor Técnico. Construída em 1948, em terreno doado pelo Irmão João Mangueira Neto, no Bairro de José Pinheiro, a Escola recebeu inicialmente o título de Grupo Escolar Antonio Vicente, em homenagem ao Irmão Antonio Vicente Ferreira que doou todos os seus bens materiais à Loja Maçônica, contribuindo dessa forma com a construção da escola em prol dos alunos carentes da comunidade daquele populoso bairro.

Antonio Vicente Ferreira era natural de Água Preta (PE), nascido em 4 de agosto de 1866 e falecido em 1942. Era artista. Membro da Loja Maçônica Regeneração Campinense, foi iniciado Aprendiz Maçom em 22 de junho, elevado a Companheiro Maçom em 16 de julho e exaltado Mestre Maçom em 6 de agosto do ano de 1926. Exerceu o cargo de Porta Estandarte e foi Membro da Comissão de Beneficência. Recebeu da Loja o título de Benfeitor.

João Mangueira Neto nasceu em Conceição em 5 de julho de 1924. Comerciário. Aposentado. Iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 17 de fevereiro de 1948, elevado a Companheiro Maçom em 13 de abril de 1948 e exaltado a Mestre Maçom em 11 de maio de 1948. Exerceu os cargos de Primeiro Diácono de Tesoureiro Adjunto. Condecorado com o título de Benemérito da Loja em 29.1.1960. É maçom vivo até a presente edição.

Em 1952 o então Prefeito Municipal de Campina Grande, Irmão Severino Bezerra Cabral, viabilizou o aumento das matrículas, disponibilizando duas professoras para lecionarem na escola. À época, o Grupo Escolar dispunha de 6 salas escolares, atendendo em média 300 alunos.

Por força do Decreto-Lei Estadual nº 3.501, de 10.01.1964, o Grupo Escolar passou a denominar-se Escola de 1º Grau Antonio

Vicente, hoje Escola de Ensino Fundamental Antonio Vicente, contando até os dias atuais com a parceria do Governo do Estado da Paraíba e da Prefeitura Municipal de Campina Grande.

Em 1992, sentindo a necessidade de reestruturação física da Escola para que a mesma viesse a atender a crescente demanda pelo ensino, a Loja Maçônica deu início à demolição do pequeno e acanhado prédio para naquele mesmo local erguer uma obra que viesse ampliar os serviços educacionais. Durante 8 anos, período em que a Loja tomou para a construção, as aulas não foram suspensas, permanecendo a escola funcionando nas dependências do Círculo Operário do Bairro de José Pinheiro.

Totalmente com recursos próprios e a colaboração permanente dos Maçons da Loja Regeneração Campinense, o novo prédio teve a sua construção iniciada em 1999, na gestão do Venerável Mestre José Nicolau de Araújo, vindo a escola a ser reinaugurada em 27 de agosto de 2000, na gestão do Venerável Mestre Ailton Elisiário de Sousa.

O prédio da Escola possui distribuídos nos seus 3 pavimentos 8 amplas salas de aula, sala de vídeo, biblioteca, área de recreação, gabinetes da diretoria e da vice-diretoria, secretaria, sala de professores, almoxarifado, depósito de merenda, refeitório, cozinha e 17 sanitários. O refeitório recebeu o nome do Irmão Damião Chaves de Oliveira, em homenagem a este denodado colaborador.

A biblioteca é uma das melhores das escolas da cidade. Tendo recebido parte do acervo da Biblioteca Arlindo Corrêa, da Loja Maçônica Regeneração Campinense, dispõe de mais de mil títulos distribuídos nas áreas de literatura, português, história e geografia. Detém a biblioteca o nome do Professor Ailton Elisiário de Sousa por deliberação unânime dos professores do educandário em homenagem a este educador e maçom, tendo sido inaugurada em 6 de junho de 2003.

Os corpos docente e técnico-administrativo são mantidos pela Loja Maçônica Regeneração Campinense, Hospital Pedro I e

Secretarias de Educação da Prefeitura Municipal de Campina Grande e do Governo do Estado da Paraíba. São 29 professores e 17 funcionários. O corpo discente é formado por cerca de 1.000 alunos, todos cursando o ensino fundamental de primeiro grau no turno diurno e o programa de educação de jovens e adultos no turno noturno (supletivo), sem nenhuma obrigação financeira para suas famílias.

O Corpo Técnico da Escola funciona com supervisor, orientador educacional e assistente social. Ligado a este se encontra o SOE – Serviço de Orientação Educacional.

O Conselho Escolar é formado por um representante dos professores, um representante dos funcionários, um representante dos pais dos alunos, um representante dos alunos por turno de funcionamento e um representante da comunidade.

A Escola além de oferecer ensino fundamental desenvolve projetos dinâmicos e significativos para a formação de cidadãos conscientes, críticos e atuantes na sociedade. Destacam-se o projeto Construindo uma Cultura de Paz, o projeto de Artes Plásticas e as mostras culturais que ampliam a integração entre a escola e a comunidade.

A Feira de Ciências, o projeto Sociedade e Meio Ambiente, o projeto Água Fonte de Vida, o projeto Círculo de Leitura, são outras atividades sócio-educativas que a Escola realiza ampliando o nível de consciência e educação dos alunos para os problemas ambientais e culturais.

Também realiza palestras para os alunos e a comunidade abordando temas sociais tais como drogas, alcoolismo, violência sexual, vandalismo, racismo, ética e cidadania. Desta forma, o trabalho coletivo tem levado toda a comunidade à reflexão sobre a importância do respeito mútuo, da solidariedade, princípios de ética e cidadania, dentro e fora do espaço escolar.

A Escola mantém o Coral Pedro d´Aragão, formado por 33 crianças selecionadas dentre os alunos, sob a orientação de um professor

de canto. Mantém ainda o Grupo de Teatro Wilson Maux e o Grupo de Danças Raimundo Lucena, também formados por alunos. Estas unidades culturais realizam suas apresentações em eventos e locais os mais diversos, especialmente nas datas comemorativas das grandes festas da comunidade.

Percebe-se que a parceria escola-comunidade tem dado bons frutos. A escola tem ampliado seus horizontes de maneira significativa, de modo que os alunos têm adquirido a competência necessária para bem atuar na sociedade.

Desde a sua fundação a Escola era administrada diretamente pela Loja Maçônica, sendo seus diretores maçons que exerciam o magistério na vida profissional. O Departamento Escolar da Loja havia sido criado com a finalidade de superintender o ensino e seus estatutos foram publicados no Diário Oficial do Estado em 30.8.1950 e registrados no Cartório do Registro de Títulos e Documentos sob nº 64, Livro A-1, às fls. 196 a 200, em data de 15.12.1950.

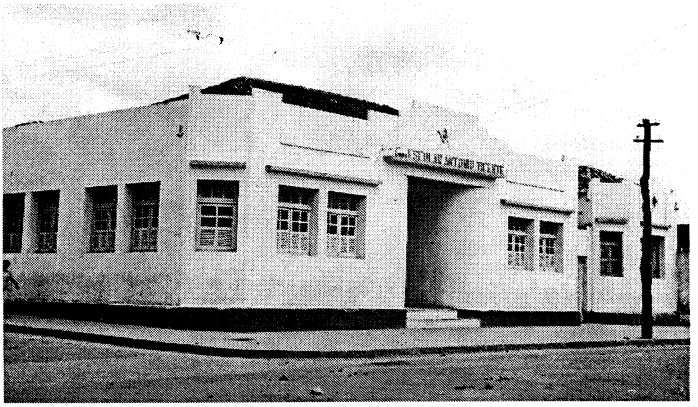
Dispõem tais Estatutos que a Escola aceitará alunos de ambos os sexos, sem se preocupar com as crenças religiosas e filosóficas de cada um; que o ensino será gratuito e leigo e se destina às crianças pobres, dando-se preferência para matrícula aos menos favorecidos economicamente; que é terminantemente proibida qualquer propaganda de ideologias sectárias e de caráter político ou religioso, bem como de candidaturas e cargos eletivos e estranhos à natureza e aos fins sociais da Escola.

Quando do registro os Estatutos foram assinados pelos Irmãos Maçons Severino Cruz – Venerável Mestre; José Cardoso dos Santos - 1º Vigilante; Abel Costa - 2º Vigilante; José Cardoso dos Santos – Superintendente; José C. Lima – Secretário Geral; William Miguel de Morais – Tesoureiro; Pedro Marinho (Professor)– Diretor Técnico; Artur de Araújo Sobreira – Secretário; Severino Herculano – Diretor Administrativo. O Conselho Fiscal estava composto por Pedro d´Aragão, Aroldo Cruz e Adauto Barreto da Silva Nem.

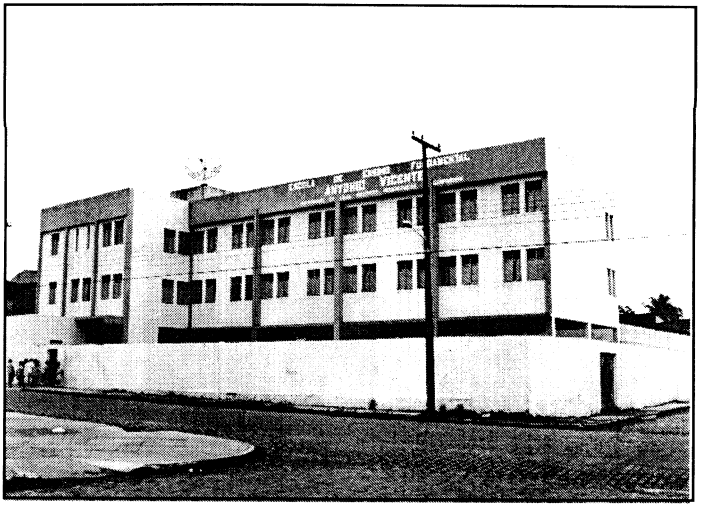
A partir de 1961 a Escola passou a ser dirigida por professoras capacitadas e habilitadas da rede oficial de ensino e acompanhadas suas administrações pela Comissão de Ensino da Loja Maçônica Regeneração Campinense, que é composto por maçons da Loja que são professores universitários e de ensino médio e fundamental. Este Departamento tem por finalidades principais apresentar pareceres sobre assuntos que digam respeito à Escola e acompanhar as aplicações de recursos financeiros na Escola oriundos de quaisquer fontes, públicas ou privadas.

Suas diretoras foram as professoras Alice de Oliveira (1961 – 1969), Geralda de Oliveira Araújo (1969 – 1989), Maria Aparecida Rodrigues de Lima (1989 – 1994), Irene Araújo de Sousa (1994 – 1999) e Simone Vilar Rodrigues Cantalice (1999 – 2003). Desde 2003 aos dias atuais a Escola vem sendo dirigida pela Professora Maria de Fátima Batista Neves.

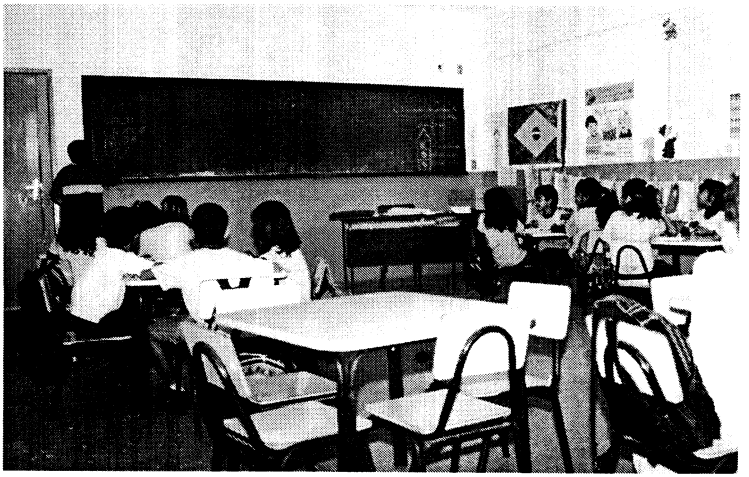
(Patrono da Escola)



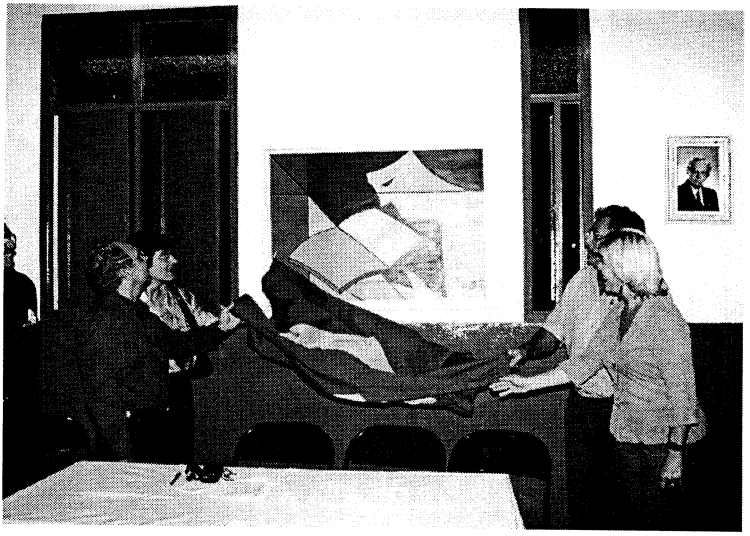
(Prédio antigo da Escola de Ensino Fundamental Antonio Vicente, no Bairro de José Pinheiro)



(Prédio atual da Escola de Ensino Fundamental Antonio Vicente, no Bairro de José Pinheiro)



(Sala de Aulas)



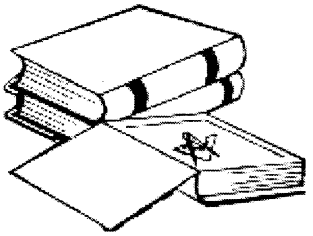
(Inauguração da Biblioteca da Escola)

(Coral da Escola)

(Projeto Construindo uma Cultura de Paz)

(Projeto Água Fonte de Vida)

BIBLIOTECA ARLINDO CORRÊA



Em 25 de maio de 1928 os Irmãos João Arlindo Corrêa e Luiz Dália apresentaram um projeto de criação de uma biblioteca, que receberia o nome de Gonçalves Ledo.

Em 19 de agosto daquele mesmo ano, a biblioteca era instalada com o nome de Arlindo Corrêa, em atendimento ao requerimento feito pelo Irmão Artiquilino Dantas, sendo a seguir registrada no Ministério da Educação e Cultura e no Departamento Nacional do Livro.

Posteriormente ela recebeu uma estante que foi denominada Arlindo Colaço, legado de 1.855 livros feito pela viúva deste Ilustre Irmão, amante das letras.

A Biblioteca Arlindo Correa, dispõe de cerca de 1.000 títulos distribuídos nas área de maçonaria, esoterismo, ocultismo e história, além de obras raras, sendo utilizada pelos Irmãos e pelo Centro de Estudos Maçônicos Professor Manoel de Almeida Barreto.

Dispunha anteriormente de cerca de 3.000 títulos, incluindo obras catalogadas nas áreas de história, geografia, língua portuguesa e literatura, quando teve parte do seu acervo transferido para a Escola de Ensino Fundamental Antonio Vicente, para formar a Biblioteca Professor Ailton Elisiário de Sousa daquele educandário, passando a prestar serviços diretos aos 1.000 alunos ali matriculados e à comunidade em geral.

MONUMENTO MAÇÔNICO

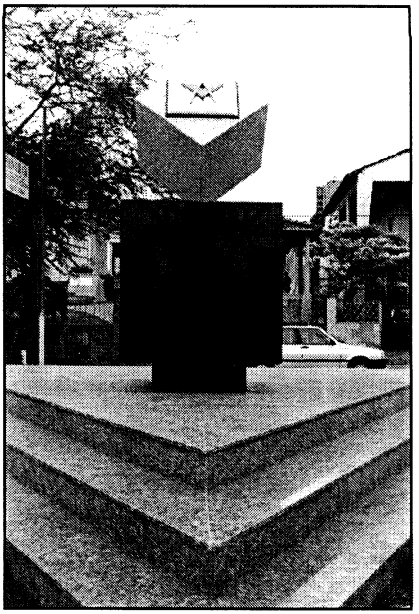
Na confluência das ruas Vidal de Negreiros e João da Mata, bem próximo à Loja, está o Monumento Maçônico, edificado quando da celebração dos 75 anos de fundação da Loja Regeneração Campinense, na gestão do Venerável Mestre Francisco de Assis Cosme.

O monumento, situado numa área triangular, é composto de dois blocos monolíticos de granito, um preto e outro branco, assentados sobre três degraus, encimado pelo Volume da Lei Sagrada sobre o qual repousam o Esquadro e o Compasso.

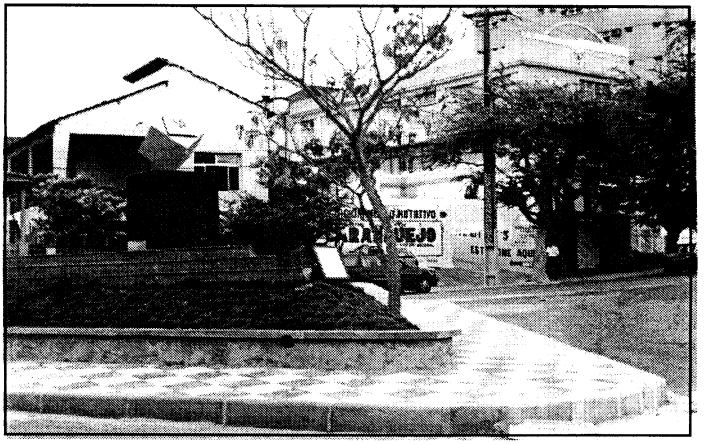
Simbolicamente o monumento traduz a mensagem maçônica de que a Pedra Bruta (representada pelo bloco preto) se transforma na Pedra Polida (representada pelo bloco branco), mediante os estudos e trabalhos dos Graus Simbólicos (representados pelos três degraus) e sob a inspiração das Luzes da Maçonaria (representadas pelo Volume da Lei Sagrada, o Esquadro e o Compasso).

Em linguagem comum, o Homem Imperfeito transforma-se no Homem Perfeito à luz da Doutrina Maçônica. O Homem Velho ressurge num Homem Novo pelos ensinamentos da Maçonaria.

O projeto filosófico é da lavra do Irmão Ailton Elisiário de Sousa, e o projeto arquitetônico dos Irmãos Francisco Assis de Almeida e Geraldino Pereira Duda. Sua construção contou com a colaboração do deputado estadual Irmão Robson Dutra da Silva e do Vereador Davi Mangueira na aprovação pela Câmara de Vereadores da ocupação da área pública cedida pela Prefeitura Municipal.



(Detalhe do Monumento Maçônico)



(Visão geral do Monumento Maçônico, tendo ao fundo o prédio da Loja Maçônica Regeneração Campinense)

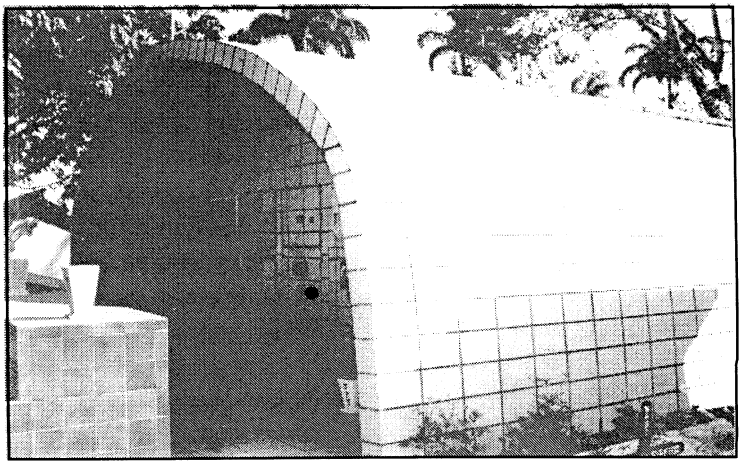
MAUSOLÉU MAÇÔNICO

A Loja Maçônica Regeneração Campinense construiu em 1948, na gestão do Venerável Mestre Ranulfo Cardoso, em forma piramidal de base triangular, com 6 gavetas, o Mausoléu dos Maçons, no Cemitério Nossa Senhora do Carmo, no Bairro de Monte Santo.

Tornando-se pequeno para dar guarida aos maçons, este túmulo foi posteriormente alienado e, em 1970, na gestão do Venerável Mestre Fernando Filogônio do Ó, foi erigido um novo mausoléu, com linhas arquitetônicas modernas, que dispõe de 40 receptáculos.

Lá, maçons que não possuem túmulos próprios podem descansar seus corpos, enquanto suas almas passam ao Oriente Eterno, na Grande Iniciação indo ao encontro do Grande Arquiteto do Universo. Familiares dos maçons da Loja são também ali sepultados.

(Antigo Mausoléu)



(Mausoléu Atual)

ASSOCIAÇÃO DAS SAMARITANAS

A Associação das Samaritanas foi fundada em 12 de abril de 1981 pelo Venerável Mestre Ailton Elisiário de Sousa. Formada por esposas e filhas dos maçons, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, de caráter paramaçônico, com seus estatutos registrados em cartório.

Tem por objetivos: promover maior e melhor entrelaçamento entre as famílias dos maçons; assistir à maternidade, à infância e à velhice desamparadas; assistir a enfermos e inválidos de todas as idades, aos encarcerados e, de modo geral, aos desaquinhoados da fortuna; levar a educação às crianças pobres, especialmente as matriculadas na Escola de Ensino Fundamental Antonio Vicente mantida pela Loja; auxiliar instituições de caridade, entidades de assistência social ou organizações beneficentes existentes na comunidade, em especial ao Hospital Pedro I mantido pela Loja; fomentar e praticar os ideais da fraternidade universal.

As Samaritanas têm desenvolvido trabalhos junto ao Hospital Pedro I, levando às crianças pobres ali nascidas o "kit enxoval", feito acompanhamento do pré-natal até o final da gestação das mães, prestando orientação na dieta maternal. Anualmente tem realizado a campanha do agasalho no período do inverno, entre inúmeras outras ações em prol da população carente e desassistida de Campina Grande.

Em relação à Escola Antonio Vicente as Samaritanas colaboram complementando as necessidades dos alunos no tocante ao fardamento e ao material escolar e de higiene. Participa a Associação das Samaritanas também das atividades filantrópicas de iniciativa da Loja Maçônica.

Para homenagear pessoas que se destaquem por suas ações humanitárias, a Associação concede a Medalha do Bom Samaritano.

Ligado diretamente a Associação das Samaritanas está o Clube Flor de Lotus, fundado em 1988, que congrega as filhas dos maçons com idade entre 7 e 13 anos. Este clube desenvolve atividades semelhantes ao Clube de Lowtons, sendo suas reuniões informais e acompanhadas pelas Samaritanas.

Presidiram a Associação das Samaritanas: Maria do Socorro Andrade Souza (1981), Euclidenora Jerônimo Leite de Paiva Cavalcante (1981), Ivone Dias Toledo (1982), Zoraide Targino de Oliveira (1983 e 1997), Eurídice da Silva Sá (1984), Irene Correia Vieira (1985), Célia de Lourdes Batista Nogueira (1986), Alda Agra Alexandre (1987), Zélia Lino de Araújo (1988 e 1989), Leni de Figueiredo Araújo (1990), Maria de Fátima Rodrigues Paiva (1991), Tércia Eulálio de Albuquerque Fonseca (1992 e 1993), Anete de Vasconcelos (1994), Maria Verônica B. Leôncio Pinheiro (1995 e 1996), Miriam Mirtes Bezerra Cosme (1997 a 1999), Lúcia de Fátima S. F. Rocha (2000 a 2003); Maria de Fátima Rodrigues Paiva (2003 a 2005). Atualmente a Presidente é Maria da Salete Marinho de Almeida (2005 a 2007).

(Grupo de Samaritanas Fundadoras - 1983)

(Samaritanas na Inauguração do Monumento Maçônico)

ORDEM DeMOLAY

A Ordem DeMolay é, de certo, a maior organização de jovens, em todo o mundo, patrocinada pela Maçonaria. Fundada em 18 de março de 1919 nos Estados Unidos da América do Norte pelo maçom Frank Sherman Land, a Ordem conta atualmente com a participação de mais de três milhões de jovens, em mais de dois mil e trezentos capítulos em diversos paises. No Brasil a Ordem DeMolay foi introduzida pelo Irmão Alberto Mansur, com a fundação do Capítulo Rio de Janeiro.

Inicialmente ligada ao The International Supreme Council of the Order of DeMolay, com sede em Kansas City, Missouri, nos Estados Unidos da América, o Capítulo passou a integrar com sua criação o Supremo Conselho da Ordem DeMolay para o Brasil, anteriormente vinculada ao Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil e atualmente à Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil.

A Ordem DeMolay cultiva sete virtudes cardeais: amor filial, reverência às coisas sagradas, educação, companheirismo, fidelidade, pureza e patriotismo. Ritualisticamente depositadas na Coroa da Juventude, norteiam essas virtudes a vida dos jovens que participam da Ordem.

A Ordem dispõe ainda dos Conventos de Nobres Cavaleiros e as Cortes de Chevaliers, que atuam em patamares acima dos Capítulos. Os Cavaleiros e Chevaliers respondem a novas exigências, gerando atividades e ações integradas entre os Capítulos.

Os jovens DeMolays quando completam 21 anos de idade têm a oportunidade de dar continuidade ao trabalho da Ordem filiando-se à Associação DeMolay Alumni organizada em cada Estado da Federação, cujo objetivo principal é promover a troca de conhecimento entre os DeMolays mais velhos e mais novos. Em nível internacional a

Alumni é uma ONG mantenedora de hospitais e patrocina programas de bolsas de estudos para jovens DeMolays ou não.

CAPÍTULO DeMOLAY DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA

A Loja Maçônica Regeneração Campinense patrocina o Capítulo DeMolay "Deus, Pátria e Família", entidade paramaçônica que congrega jovens de 13 a 21 anos de idade, filhos de maçons ou não.

Fundado em 10 de agosto de 1982 pelo Irmão Ailton Elisiário de Sousa, Fundador da Ordem DeMolay no Estado da Paraíba e à época Oficial Executivo da Ordem DeMolay para o Estado da Paraíba, o Capítulo "Deus, Pátria e Família" é o primeiro Capítulo fundado na Paraíba, o segundo no Nordeste e o oitavo no País. A cerimônia de instalação foi realizada pelo Capítulo DeMolay "Príncipe do Seridó", da cidade de Caicó, Rio Grande do Norte, o primeiro capítulo fundado no Nordeste em 26 de março de 1982.

Sua primeira Diretoria foi composta dos seguintes membros: Mestre Conselheiro - Herbert Costa Dutra; Primeiro Conselheiro - Josenildo Alcântara de Sousa; Segundo Conselheiro - Sérgio Roberto Wanderley Neiva; Orador - Silvio Romero Carneiro de Medeiros; Escrivão - Geraldo Rogério do Amaral Nóbrega; Tesoureiro - Eduardo Sérgio Sousa Medeiros; Mestre de Cerimônias - Josemar Sousa Santos; Primeiro Diácono - Joaquim Silva Passos; Segundo Diácono - Lindolfo de Albuquerque Montenegro Neto; Primeiro Mordomo - Itan de Sousa Lucena; Segundo Mordomo - João Batista Limeira Pinheiro; Capelão - Neriglissor Guimarães de Oliveira; Hospitaleiro - Joaldo Lira; Porta Estandarte - Aldemberg Vieira de Menezes; Sentinela - Eduardo Barbosa Bezerra; Organista - Luciano Barbosa Ferreira; Porta Coroa - Railson de Sousa Lucena; Arauto - Rossiano Ramos de Almeida; Primeiro Preceptor - Clístenes Guimarães de Oliveira; Segundo Preceptor

- Kleber Barbosa da Silva; Terceiro Preceptor - Hipólito de Sousa Lucena; Quarto Preceptor - Marconi Bezerra; Quinto Preceptor - Pedro Limeira Pinheiro; Sexto Preceptor - Lourenço Marques Costa Silveira; Sétimo Preceptor - Robson Barbosa Silva.

O primeiro Conselho Consultivo teve como Membros os Mestres Maçons: Ailton Elisiário de Sousa, Heromar Andrade Marinho, Israel Batista de Almeida, João Clementino Filho, Jorge Ribeiro Nóbrega, José Fernandes Filho, Paulo Matias de Figueiredo, Pedro Oliveira de Moraes, Raimundo Lucena de Sá, Raimundo Paiva Cavalcanti e Rosseni Leopoldino de Oliveira.

Disseminando a filosofia DeMolay além de Campina Grande, o Irmão Ailton Elisiário auxiliado pelo Capítulo Deus, Pátria e Família, veio a fundar e ou instalar outros Capítulos, dentre os quais os das cidades de João Pessoa, Guarabira, Cajazeiras, Ipaumirim no Ceará e Caruaru em Pernambuco. Hoje, a Paraíba já ostenta 10 Capítulos, sediados em Campina Grande, João Pessoa, Patos, Cajazeiras, Guarabira, São Bento, Areia, Alagoa Grande, Pombal e Sousa, bem como os Conventos e Cortes em Campina Grande e João Pessoa.

A programação da Ordem no Estado tem sido intensa, com a realização de Congressos, Encontros de Malhetes, Fóruns Ritualísticos Regionais, Iniciações e Elevações, Torneios Esportivos e outras atividades, inclusive fundação de Clubes de Mães.

(Cerimônia de Instalação da Diretoria do Capítulo no Templo da Regeneração Campinense)

CENTRO DE ESTUDOS MAÇÔNICOS PROFESSOR MANOEL DE ALMEIDA BARRETO

Fundado em 27 de janeiro de 1971, na gestão do Venerável Mestre Fernando Filogônio do Ó, o Centro de Estudos Maçônicos Professor Manoel de Almeida Barreto tem se encarregado da transmissão aos Aprendizes, Companheiros e Mestres, dos conhecimentos doutrinários, filosóficos, históricos e legislativos, da Ordem.

Sua primeira diretoria estava assim composta: Antonio Rafael de Medeiros – Presidente; José Araújo de Albuquerque – Vice-Presidente; Francisco Mariano – Orador; Luiz Gonzaga de Vasconcelos – Secretário; José Álvaro da Silva – Tesoureiro.

O Centro proporciona aos obreiros regulares da Loja os conhecimentos da cultura maçônica; desenvolve a educação intelectual de seus membros, mediante ensinamentos científicos e filosóficos; desenvolve o gosto e o interesse pela leitura de obras condizentes com o aperfeiçoamento moral e intelectual do maçom; e promove conferências, reuniões, debates e seminários sobre assuntos que incentivem o aprimoramento intelectual, ético e moral, dos obreiros da oficina e da comunidade maçônica em geral.

As instruções maçônicas são dadas por um corpo de Mestres Instrutores, com aulas semanais e exigência de provas de conhecimento para a obtenção do respectivo aumento de salário.

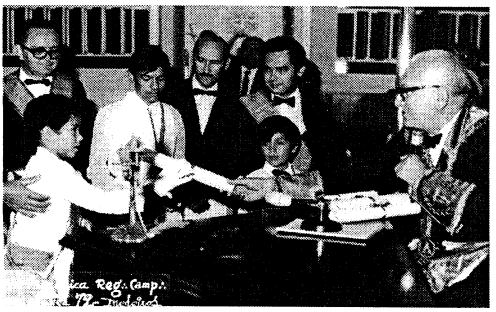
O Projeto Pedagógico de Formação Maçônica do Centro inclui entre outras matérias: História da Maçonaria, Organização Social e Política da Maçonaria, Direito Maçônico e Legislação Maçônica, Filosofia e Doutrina Maçônica, Ética e Moral Maçônica, Simbolismo Maçônico, Ritualística e Liturgia, Esoterismo Maçônico. Tais ensinamentos são destinados a Aprendizes, Companheiros e Mestres Maçons.

CLUBE DE LOWTONS O PEQUENO PRÍNCIPE

O Clube de Lowtons "O Pequeno Príncipe" foi fundado em 15 de novembro de 1987 pelos Irmãos Ailton Elisiário de Sousa, Nilson Nogueira de Melo, Raimundo Paiva Cavalcanti e Pedro Dantas Fernandes, na gestão do então Venerável Mestre Nilson Nogueira de Melo. Vinte e três crianças participaram da fundação, tendo sido o primeiro presidente do Clube o Lowton Ezequiel Fernandes. Foram elas: Adolfo Lino Araújo, Alisson F.Cavalcanti, Ariano B. Neves, Bruno Souto Figueiredo, César Augusto B. Cosme, Daniel Guedes Fernandes, Dimitri Cândido Almeida, Edney Ramalho Oliveira, Erick Nóbrega Morais, Ezequiel J. Guedes Fernandes, Flaubert Cirilo J. Paiva, Gregório Guedes Fernandes, Gustavo Adolfo Nogueira, Iankel Souza Lucena, Ítalo Souza Lucena, Karl Max, Lindemberg Assis Souza, Pablo Adolfo B. Nogueira, Renato Guedes Fernandes, Salomão J. N. R. Araújo, Thiago A. V. Gabino, Túlio Márcio V. Gabino, Vinicius M. Santa Cruz.

Congrega os filhos dos maçons com idade entre 7 e 13 anos e adota ritualística própria em suas reuniões, copiada posteriormente por outras lojas maçônicas que vieram a fundar outros clubes dessa natureza. O Clube tem por objetivo integrar a criança no seio da Maçonaria.

O Clube dos Lowtons desenvolve atividades esportivas, palestras educacionais e psico-pedagógicas, viagens de intercâmbio cultural, reuniões no Templo. Seu lema é: "Somos responsáveis por quem cativamos".



(Adoção de Lowtons – 1972)

CLUBE DAS ACÁCIAS

O Clube das Acácias é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que tem por finalidades: realizar e participar de eventos de caráter filantrópico, educacional, cívico, social, recreativo, artístico-cultural e esportivo; proporcionar aos seus associados os meios necessários à prática do esporte e do lazer.

Fundado em 1° de março de 1988, seus associados são os maçons da Loja Regeneração Campinense, os maçons de outras lojas maçônicas da cidade e pessoas da sociedade campinense.

As festas de confraternização dos maçons, dos funcionários do Hospital Pedro I e da Escola Antonio Vicente eram realizados no clube, que também era cedido para a promoção de festas particulares.

Funcionava nele uma escolinha de natação para crianças e adolescentes, além do que gratuitamente do clube se utilizavam duas escolas públicas para crianças excepcionais.

As Samaritanas da Loja Regeneração Campinense, com a colaboração dos jovens DeMolays do Capítulo Deus, Pátria e Família, realizavam anualmente a Micarácia, por ocasião em que a cidade realizava a Micarande, o carnaval campinense fora de época, destinando a renda auferida às atividades filantrópicas.

•

Atualmente tendo como Presidente o Irmão Raimundo Marcos Assis Bandeira, o clube encontra-se com suas atividades suspensas, em face da retomada pelo Aliança Clube 31 que tem como presidente o Irmão Marcelino Lúcio Mamedes, do prédio aonde o clube vinha funcionando.

(Piscinas Infantil e Adulto do Clube)

(Prédio do Clube)

SUPREMO CONSELHO DA MAÇONARIA

INSPETORIA LITÚRGICA DA PARAÍBA

Os Corpos Filosóficos subordinados ao Supremo Conselho funcionam nos Estados da Federação sob o comando das Inspetorias Litúrgicas, cujos Inspetores são investidos no Grau 33. Os Inspetores Litúrgicos quando são Membros Efetivos ou Eméritos do Supremo Conselho denominam-se Soberanos Grandes Inspetores Litúrgicos e, quando são Membros Honorários do Supremo Conselho denominam-se Grandes Inspetores Litúrgicos. Estes Corpos Filosóficos mencionados, que funcionam sob a supervisão da Inspetoria Litúrgica para a 1ª Região da Paraíba, estão sob o abrigo da Loja Maçônica Regeneração Campinense.

A Inspetoria Litúrgica do Estado da Paraíba, instituída desde os primórdios da Maçonaria Filosófica na Paraíba, teve até 1990 à sua frente, na qualidade de Inspetores Litúrgicos, os Irmãos Augusto Simões, José Eugênio Lins de Albuquerque, João Tavares de Melo Cavalcanti, João Arlindo Correia, Pedro d'Aragão e Ailton Elisiário de Sousa, estes 4 últimos membros da Regeneração Campinense.

Em 14 de outubro de 1986, por iniciativa do Irmão Ailton Elisiário a Inspetoria Litúrgica foi cindida em duas, fixando a segunda Inspetoria a sua sede em João Pessoa. Posteriormente foi criada mais uma Inspetoria, com sede em Patos.

Enquanto existia uma única Inspetoria Litúrgica para todo o Estado, integravam-na 19 Corpos Filosóficos, sendo 8 Lojas de Perfeição, 5 Capítulos de Cavaleiros Rosa Cruz, 4 Conselhos de Cavaleiros Kadosch e 2 Consistórios de Príncipes do Real Segredo, dos quais o Irmão Ailton Elisiário de Sousa fundou 2 Lojas de Perfeição, 3 Conselhos de Kadosch e 2 Consistórios. Foram a Loja de Perfeição Pedro d'Aragão em Guarabira, Loja de Perfeição Augusto Odilon da Costa em Cuité, Conselho de Kadosch Enaldo Torres Fernandes em Patos, Conselho de Kadosch Francisco Mariano em Sousa, Conselho de Kadosch José Bizarria Coelho em Cajazeiras, Consistório de Príncipes do Real Segredo João Francisco de Veras em Patos e Consistório de Príncipes do Real Segredo Jaime Meira Fontes em Sousa.

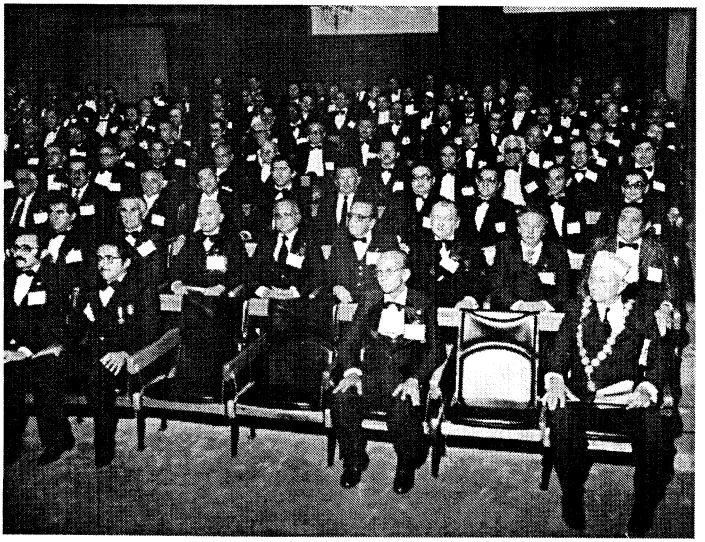
Em 1984, de 6 a 9 de setembro, o Irmão Ailton Elisiário realizou em Campina Grande a II Reunião dos Inspetores Litúrgicos do Nordeste, que congregou altas autoridades maçônicas de vários recantos do País. O Soberano Grande Comendador Alberto Mansur e Grandes Dignitários da Ordem foram hóspedes oficiais do Município, tendo o Prefeito Ronaldo Cunha Lima os recebido em seu gabinete e sido agraciado com a Comenda do Sesquicentenário do Supremo Conselho. No auditório da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba realizou-se a Sessão Magna de Investidura ao Grau 33 e Último do Rito Escocês Antigo e Aceito, tendo sido investidos 107 Príncipes do Real Segredo da Paraíba, 12 de Pernambuco, 6 da Bahia e 5 do Rio Grande do Norte. Na ocasião fez também o lançamento do Jornal O Arauto.

O Capítulo DeMolay Deus, Pátria e Família, de Campina Grande, iniciou 19 jovens, estando presentes representações dos Capítulos de João Pessoa, Caruaru, Natal, Caicó, Martins, Alexandria, São Paulo do Potengí e Mossoró. Foi empossada a nova diretoria do Capítulo Mater da Paraíba, tendo assumido o cargo de Mestre Conselheiro o DeMolay Eduardo Sérgio Sousa Medeiros.

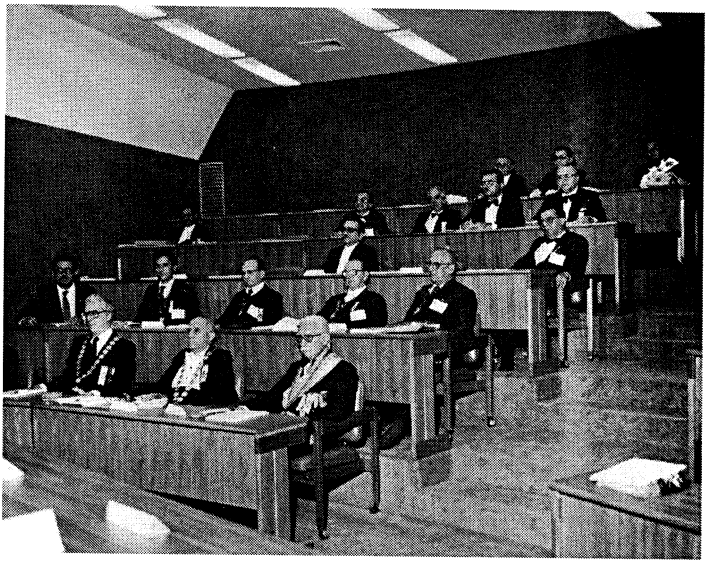
Ao jantar de confraternização realizado no Clube Campestre compareceram 500 convidados, entre maçons e familiares, autoridades civis e militares e convidados especiais. Abrilhantaram o repasto com suas apresentações o Grupo de Danças Folclóricas Tropeiros da Borborema e o Grupo Maravilha. Na ocasião o Soberano Grande Comendador recebeu do Soberano Grande Inspetor Litúrgico um estandarte de couro com motivos nordestinos, obra especialmente confeccionada pelo artista campinense João Avelino, o qual retribuiu com uma placa em ouro contendo dizeres de felicitações e agradecimentos pela realização do importante evento, que constou do calendário de eventos da PB-TUR, órgão oficial de turismo do Governo do Estado da Paraíba. O evento foi estendido às cidades de Patos e de João Pessoa.

Após a gestão do Irmão Ailton Elisiário de Sousa, 33°, que abrangeu o período de 1981 a 1991, assumiram a Inspetoria Litúrgica da 1ª Região os Irmãos Adeguimar Bezerra Barros, Nilson Nogueira de Melo, Rosseni Leopoldino de Oliveira, Edésio Guedes da Rocha, João de Azevedo Freire e Francisco Soares de Oliveira.

(Investidura ao Grau 33 – FIEP 1984)



(Investidura ao Grau 33 – FIEP 1984)



(Inspetores Litúrgicos – FIEP 1984)

(Cerimônia do Capítulo DeMolay – FIEP 1984)

(Maçons e Convidados – Jantar no Campestre – 1984)

(Momento de Arte e Descontração – Campestre 1984)

(Soberano Comendador Alberto Mansur e Grande Inspetor Ailton Elisiário – FIEP 1984)

(Prefeito Ronaldo Cunha Lima, Comendador Alberto Mansur e Inspetor Ailton Elisiário – PMCG 1984)

CAPÍTULO ROSA CRUZ CAVALEIROS DO NORDESTE

O Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste foi fundado em 18 de maio de 1927, instalado em 28 de julho de 1927 por Carta Constitutiva desta data e reorganizado em 10 de julho de 1958, sendo o quinto autorizado pelo Soberano Grande Comendador Mário Behring. Este Corpo administra os graus capitulares 15 a 18 do Rito Escocês Antigo e Aceito. São estes: Cavaleiro do Oriente ou da Espada (15°), Príncipe de Jerusalém (16°), Cavaleiro do Oriente e do Ocidente (17°) e Cavaleiro Rosa Cruz, Soberano Príncipe Rosa Cruz ou Cavaleiro da Águia Negra e do Pelicano (18°).

Foram seus fundadores os 43 Irmãos a seguir: Américo Porto, Antonio Cavalcanti, Argemiro de Figueiredo, Artiquilino Dantas, Augusto Felipe Santiago, Benedicto Venâncio dos Santos, Cícero Gonçalves de Oliveira, Claudino Gabino de Oliveira, Ernesto Anísio Carneiro da Cunha, Everardo Bezerra Cavalcanti, Generino Maciel, Hermenegildo Dias Pereira, Ignácio Simão da Silva, Jayme Cavalcanti Brasil, João Alves de Oliveira, João Arlindo Correia, João Correia de Melo, João Soares Filho, Joaquim Antonio de Carvalho, Joaquim Pereira dos Santos, José Cassimiro Barbosa, José Faustino Cavalcanti de Albuquerque, José Maynard Ferreira, José Simões de Carvalho, José Thimóteo de Morais, Juvino de Souza do Ó, Luiz Dália, Luiz Lyra, Manoel Alves de Andrade, Manuel Santiago de Medeiros, Mário de Oliveira, Mário Gomes da Silva, Pedro Brasil de Oliveira, Protásio Ferreira da Silva, Rodrigo Cavalcanti Farias, Samuel Simões de Carvalho, Sebastião Alves de Oliveira, Sebastião Lyra Pedrosa, Severino Alves de Albuquerque, Severino Bezerra Cabral, Severino Henriques da Cruz, Sylvio Gomes da Silva, Wilson Viriato de Medeiros.

Kurt Prober, no seu livro Medalhas Maçônicas Brasileiras, diz que "costuma este Capítulo evocar a data de 18.V.1927, como sendo de sua fundação, data esta que aparecia em seu timbre

primitivo; entretanto, na verdade a sua fundação ocorreu mais de um ano antes. Provavelmente, em abril de 1926 a Loja Regeneração Campinense, nº 1002 no cadastro do Grande Oriente do Brasil, potência esta, que então ainda era Potência Mixta (Simbolismo e Filosofismo reunidos numa só Administração), fundou o Capítulo (sem nome especial, como era praxe então) e pediu a sua regularização. Já em 14.5.1926 o Grande Oriente/Supremo Conselho despachou a petição por Ato nº 776, "...autorizando o Irmão Dr. Manoel Velloso Borges, ex-Venerável Mestre da Loja Branca Dias e então Delegado do GOB na Paraíba, a permitir que a loja trabalhasse provisoriamente nos Graus Capitulares, até o Supremo Conselho se manifestar...". Em sessão de 25.5.1926 o Supremo Conselho deferiu o pedido, mandando extrair a respectiva Carta Capitular, certamente feita com a mesma data, como era usual. E não há dúvida que o Capítulo começou logo a funcionar, pois em julho de 1926 elevou 11 obreiros ao Grau 18, em agosto apenas 1, em outubro 15 e em novembro mais 5. É lógico que nessa primeira fase tenha sido Artesata o próprio Irmão João Arlindo Correia, 30°, Venerável da loja base.

De conformidade com o Tratado de 1926 a Loja Regeneração Campinense deve ter devolvido ao GOB a Carta Constitutiva assinada pelo Supremo Conselho, para ser substituída por outra assinada pelo GOB, o que deve ter acontecido em princípio de 1927, e automaticamente deve ter pedido outra Carta Capitular ao Supremo Conselho, pedido este que por certo fez em 18.5.1927.

Em 20.6.1927, portanto um mês depois, o Irmão Mário Behring declarou-se dissidente do Grande Oriente e, de posse do pedido da Regeneração Campinense, em 28.7.1927 extraiu nova Carta Capitular, desta vez em nome de Cavalleiros do Nordeste, dando como data da fundação do Capítulo o dia 18.5.1927, e esquecendo-se totalmente o que tinha havido antes.

Só depois disto, em 24.8.1927, fundou-se a Grande Loja da Paraíba, a que o mesmo Irmão Mário Behring deu posteriormente a

Carta Constitutiva nº 4, cuja data deve ser "segredo de estado", que nem a Resenha Histórica de 31.12.1938 ousou revelar. A Loja Regeneração Campinense foi ser fundadora nº 2 e tornando-se o seu Venerável João Arlindo Correia o primeiro Grão Mestre da mesma. (...).

A primeira administração de 1927/28 era composta de: Artesata – Dr. João Arlindo Correia; 1º Vigilante – José Faustino Cavalcanti de Albuquerque; 2º Vigilante – Dr. Severino Henrique Cruz; Orador – Wilson Viriato de Medeiros; Chanceler – Sebastião Alves de Oliveira; Secretário – Luiz Dália, obreiros estes que assinaram o primeiro Regimento Particular em 1.9.1927. Em julho de 1930 o Capítulo tinha 23 obreiros e em 1932 era 24 o número destes".

Seu primeiro presidente foi João Arlindo Correia (1927 – 1929) e o segundo, Severino Henrique da Cruz (1929 – 1931). Em 1943 era presidente o Irmão Juvino de Souza do Ó, sucedido nesse ano por João Tavares de Melo Cavalcanti para o período 1943 – 1945. À época era Inspetor Litúrgico o Irmão José Eugênio Lins de Albuquerque.

Não existem documentos no Capítulo referentes ao período entre 1931 e 1958, sabendo-se que o Irmão João Tavares de Melo Cavalcanti, que foi também presidente do Capítulo, recolheu toda a documentação quando era o Inspetor Litúrgico.

Kurt Prober ainda registra que "em 1952/53 era 2º Vigilante da Loja Regeneração Campinense o Irmão Pedro d'Aragão e Tesoureiro o Irmão Juvino do Ó, continuando este último como tesoureiro em 1955, enquanto Aragão foi ser Representante na Grande Loja. Pois bem, em 10.7.1958 o Irmão Pedro d'Aragão resolveu reerguer o Capítulo adormecido, mas só em 1.11.1960 foi eleita a sua primeira administração oficial, tendo como Presidente o Irmão Afrânio de Aragão, enquanto o Irmão Pedro foi nomeado Inspetor Litúrgico da Paraíba, em 17.5.1960, por lhe ter sido proibido pelo Supremo Conselho a se candidatar a Grão Mestre na sucessão de Arlindo Correia, que depois acabou pedindo demissão. Ainda em 25.5.1960 o Irmão Pedro d'Aragão resolveu fundar

o Conselho Kadosh Arautos da Luz, em Campina Grande. O novo Regulamento do Capítulo de 1962 foi publicado no Diário Oficial de 11.1.1963 e registrado em 5.4.1963".

Com a reorganização do Capítulo em 1958 empreendida pelo Irmão Pedro d´Aragão, o Capítulo passou a funcionar com regularidade. Seus estatutos após aprovados pelo Supremo Conselho no ano de 1962 foram publicados no Diário Oficial do Estado da Paraíba em 11.1.1963 e registrados no Cartório do 2° Ofício, escrivão Heraldo Monteiro, em João Pessoa, sob n° 13.554, Livro 7 do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, às fls. 101, em data de 5.4.1963.

Em 1977, sendo Artesata do Capítulo o Irmão Ailton Elisiário de Sousa mandou confeccionar um chaveiro de acrílico para distribuição entre os Irmãos, e pelo Ato n° 76, de 5.5.1978, uma Medalha Comemorativa da Fundação do Capítulo, com Certificado, em número de 25 e mais 25 Diplomas de Menção Honrosa, totalizando 50 homenageados, representando os 50 Anos do Capítulo, conferidas em Sessão Solene de 18.05.1978.

Receberam Menção Honrosa por serviços prestados ao Capítulo e à Ordem Maçônica os Irmãos Alexandre Teles de Andrade, Antonio Correia Lima, Antonio Rafael de Medeiros, Aylton de Oliveira Leitão, Carlos Martinho Rodrigues de Albuquerque, Demétrio Demerval Trigueiro do Vale, Ednaldo Cirilo Gomes, Elias Fernandes, Elisiário Maria dos Santos, Eros da Silva Santos, Francisco Raimundo de Medeiros, Geraldo de Souza, Gilvaldo Pedrosa Liberal, João Alves Pequeno, José Barbosa de Melo, José Fernandes Campos, José Pires da Costa Ribeiro, Leonardo Ugulino Araújo, Leônidas Amaro de Lima, Luiz Fernando Rodrigues Torres, Paulo Queiroz Amorim, Raimundo Adolfo, Venâncio Pessoa Igrejas Lopes, Waldemar de Almeida Pequeno.

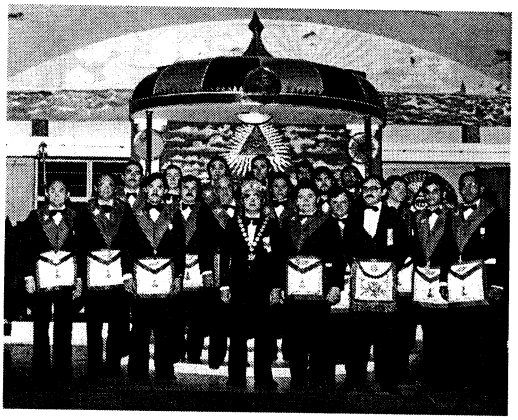
Por elevados méritos maçônicos foram agraciados com a Comenda do Cinqüentenário os Irmãos Afrânio de Aragão, Ailton Elisiário de Sousa, Alberto Mansur, Antonio Moreira, Arthur de Araújo

Sobreira, Catarino Leôncio Pinheiro, Fernando Filogônio do Ó, Francisco Edward Aguiar, Francisco Mariano, Guilherme Cavalcanti da Cruz, Honório Rozendo Bezerra, Ignácio Simão da Silva, José Álvaro da Silva, José Araújo de Albuquerque, José de Almeida Torreão, José Leite, Juvino Pereira Nepomuceno, Luiz Gonzaga de Vasconcelos, Luiz Lyra, Pedro Andrade, Pedro d'Aragão, Protásio Ferreira da Silva, Romildo Dias de Toledo, Silvio da Silva Sá. A 25ª medalha foi outorgada "In Memoriam" aos Fundadores do Capítulo.

Foram Presidentes do Capítulo: Pedro d´Aragão, 1958-1960; Afrânio Aragão, 1960-1962; Juvino Pereira Nepomuceno, 1962-1964; Niutildes Otacílio Vieira, 1964-1966; Fernando Filogônio do Ó, 1966-1968, 1968-1970, 1970-1972; Pedro Andrade, 1972-1974, 1974-1976; Ailton Elisiário de Sousa, 1976-1978, 1978-1980, 1980-1981; Romildo Dias de Toledo, 1981-1982; Antonio Rafael de Medeiros, 1983-1984; José de Arimatéia das Neves, 1984-1985; João Clementino Filho, 1985-1986; Fabiano do Egito Araújo, 1986-1987; Francisco Eudson Pereira, 1987-1988; José Laurindo de Souza, 1988-1989; Benedito Pereira de Vasconcelos, 1989-1990; Renato Barros Silva, 1990-1991, 1991-1992; Walber Santiago Colaço, 1994-1995; Francisco Assis de Almeida, 1997-1998; José da Guia Dantas, 2005-2006.

(Capítulo reunido. Foto de 1930)

LOJA DE PERFEIÇÃO PAZ E AMOR



(Iniciação ao Grau 14)

A Loja de Perfeição Gasparino Barreto funcionava agregada ao Capítulo Rosa Cruz Cavaleiros do Nordeste, que concedia os graus 4 a 18 do Rito Escocês Antigo e Aceito. Esta loja foi desativada para dar lugar à Loja de Perfeição Paz e Amor, fundada em 11 de abril de 1972, que administra os graus 4 a 14 deste Rito. São estes: Mestre Secreto (4°), Mestre Perfeito (5°), Secretário Íntimo ou Mestre por Curiosidade (6°), Preboste e Juiz ou Mestre Irlandês (7°), Intendente dos Edifícios ou Mestre em Israel (8°), Mestre Eleito dos Nove (9°), Mestre Eleito dos Quinze (10°), Sublime Cavaleiro Eleito (11°), Grão Mestre Arquiteto (12°), Real Arco (13°) e Mestre Perfeito e Sublime Maçom (14°).

Foram Fundadores da Loja de Perfeição Paz e Amor e constituintes de sua primeira diretoria os seguintes 14 Irmãos: Rubem Pires – Presidente; Antonio Rafael de Medeiros – 1° Vigilante; Hermano Regis Navarro – 2° Vigilante; João Alfredo Filho – Orador; Luiz Gonzaga de Vasconcelos – Secretário; Romildo Dias de Toledo – Guarda do Selo; Ednaldo Cirilo Gomes – Tesoureiro; Demétrio Demerval Trigueiro do Vale – Mestre de Cerimônias; Epitácio Uchoa – Hospitaleiro; José Camelo da Silveira – Guarda da Torre; Agripino Batista de Oliveira –

Grande Cobridor; Francisco Mariano, José Araújo de Albuquerque e Antonio Cirilo Gomes – Membros da Comissão de Graus.

Foram seus Presidentes: Rubem Pires, 1972-1973; Luiz Gonzaga de Vasconcelos, 1973-1974; Honório Rozendo Bezerra, 1974-1975; Ailton Elisiário de Sousa, 1975-1976; Leônidas Amaro de Lima, 1976-1980; Guilherme Cavalcante Cruz, 1980-1983; Raimundo Lucena de Sá, 1983-1984; João Clementino Filho, 1984-1985, 1988-1989; Valmir Xavier Silva, 1985-1986, 1996-1997; Raimundo Nonato Mota, 1986-1987; José Laurindo de Souza, 1987-1988; Renato Barros Silva, 1989-1990; Pedro Vicente de Paiva, 1990-1991, 1991-1992; José Soares de Oliveira, 1992-1993; Francisco Assis de Almeida, 1994-1995, 1995-1996; Benedito Pereira de Vasconcelos, 1997-1998; José da Guia Dantas, 2004-2005; Mário de Freitas, 2005-2006.

CONSELHO DE KADOSCH ARAUTOS DA LUZ

(Conselho reunido. Foto de 1960)

O Conselho de Cavaleiros Kadosch Arautos da Luz foi fundado em 25 de maio de 1960. Este Corpo administra os graus filosóficos 19 a 30 do Rito Escocês Antigo e Aceito. São estes: Grande Pontífice ou Sublime Escocês (19°), Mestre Ad Vitam ou Soberano Príncipe da Maçonaria (20°), Noaquita ou Cavaleiro Prussiano (21°), Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano (22°), Chefe do Tabernáculo (23°), Príncipe do Tabernáculo (24°), Cavaleiro da Serpente de Bronze (25°), Escocês Trinitário ou Príncipe da Mercê (26°), Grande Comendador do Templo ou Soberano Comendador do Templo de Jerusalém (27°), Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto (28°), Grande Escocês de Santo André da Escócia ou Patriarca dos Cruzados (29°) e Cavaleiro Kadosch ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra (30°).

Foram seus Fundadores os seguintes 15 Irmãos e constituintes de sua primeira diretoria: Pedro d'Aragão – Presidente; Niutildes Otacílio Vieira – Prior; Paulo Martins Costa – Preceptor; Juvino Pereira Nepomuceno – Chanceler Secretário; Afrânio de Aragão – Grande Orador; Fernando Filogônio do Ó – Venerável Tesoureiro; José Cyreneu Gomes – Grande Mestre de Cerimônias; Francisco de Assis Pereira – Grande Hospitaleiro; Elias Fernandes – Grande Porta Estandarte; Manuel Leite Cavalcanti – Grande Capitão das Guardas; Waldemar de Almeida Pequeno – Grande Cobridor; Pedro Andrade,

Severino Herculano de Melo, Alberto Gomes da Silva, Francisco Dutra de Oliveira.

Foram seus Presidentes: Pedro d'Aragão, 1960-1966; Afrânio de Aragão, 1966-1970; Pedro Andrade, 1970-1971; José de Almeida Torreão, 1971-1978; Antonio Moreira, 1978-1982; Romildo Dias de Toledo, 1983-1984; Raimundo Lucena de Sá, 1985-1986; Benedito Dutra de Oliveira, 1986-1987; Augusto José de Araújo Santiago, 1987-1988; Francisco Eudson Pereira, 1988-1990; Benedito Pereira de Vasconcelos, 1991-1992; José Soares de Oliveira, 1994-1995; Raimundo Marcos Assis Bandeira, 1997; João Clementino de Araújo, 2005-2006.

CONSISTÓRIO DE PRÍNCIPES DO REAL SEGREDO CRISTO REI

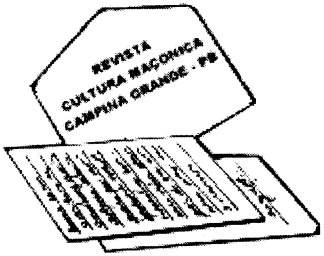
(Grandes Inspetores Gerais da Ordem Maçônica - 1976)

O Consistório de Príncipes do Real Segredo Cristo Rei foi fundado em 8 de agosto de 1971 e instalado em 30 de março de 1972, com a presença do Grande Secretário do Sacro Império, Irmão Alberto Mansur, representando o Soberano Grande Comendador, e do Soberano Grande Inspetor Litúrgico do Estado de Pernambuco, Irmão Adauto Barreto da Silva Nen, e do Sereníssimo Grão Mestre da Grande Loja da Paraíba, Irmão Francisco Edward Aguiar, além do fundador Irmão Pedro d'Aragão, Soberano Grande Inspetor Litúrgico dos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. Este corpo administra os graus administrativos 31 e 32 do Rito Escocês Antigo e Aceito. São estes: Grande Inspetor Inquisidor Comendador (31°) e Sublime Príncipe do Real Segredo (32°).

Os 12 Irmãos a seguir foram seus Fundadores e formaram a sua primeira diretoria: Pedro d'Aragão – Presidente; Elias Fernandes – 1° Vigilante; Antonio Carlos Cavalcanti Filho – 2° Vigilante; José Lopes da Silva – Orador; Francisco Mariano – Secretário; José de Almeida Torreão – Mestre de Cerimônias; Pedro Andrade – Hospitaleiro; Fernando Filogônio do Ó – Tesoureiro; Francisco Edward Aguiar – Capitão das Guardas; Valdemar de Almeida Pequeno – Porta Estandarte; Paulo Martins Costa – Cobridor; Alexandre Teles de Andrade.

Presidiram este Corpo Filosófico os Irmãos: Pedro d'Aragão, 1971-1976; Fernando Filogônio do Ó, 1976-1980; Antonio Rafael de Medeiros, 1985-1986; Raimundo Lucena de Sá, 1987-1988; Francisco Eudson Pereira, 1989-1991; Nilson Nogueira de Melo, 1991-1992; Benedito Pereira de Vasconcelos, 1992-1994; João de Azevedo Freire, (1997); Edmir Xavier da Silva (1997).

IMPRENSA MAÇÔNICA



In Memoriam
José Leite Sobrinho,
Jornalista e Maçom.

Historicamente foi registrada na memória de Campina Grande, no passado mais remoto, a existência de três Lojas Maçônicas. Em 1873 a "Segredo e Lealdade", em 1876 funcionando a "Renascença" e que no ano de 1879, os Irmãos Maçons Alexandre Dornelas Luna, Estevam Dornelas Luna, Antonio Velho com outros, fundaram uma, cujo título não foi registrado.

Esses primeiros agrupamentos devem ter sofrido uma forte perseguição clerical, primeiro pelo conflito maçônico-religioso, muito embora os processos contra os bispos Dom Vital (Recife) e Dom Antonio Macedo Costa (Pará), tenham sido por desobediência às Leis da Coroa, em 1872/4, e, segundo pela incitação quando da sedição conhecida como "Quebra Quilos", que originou-se na Serra de Bodopitá, na então povoação de Fagundes, contra a implantação do novo sistema decimal, criação de novos impostos, alistamento para o serviço militar (novembro de 1874) que foi atribuída à Maçonaria e a turba insuflada invadiu as cidades queimando arquivos dos cartórios e públicos, soltando presos, saqueando, perseguindo Maçons, etc. Alastrou-se por outras cidades e províncias do Nordeste.

Chega o ano de 1923 e a cidade já está bem civilizada. Dada a existência de diversos maçons oriundos de outras cidades (Orientes), foi fundada a 19 de agosto a Loja "Regeneração Campinense",

que muito embora ainda sofrendo ataques, impôs-se pela conduta dos seus fundadores e pelo trabalho humanitário que começou a realizar, pois logo foi fundado o Hospital Pedro I e iniciada a construção do prédio a 31 de outubro de 1926, em terreno doado pelo Professor Clementino Procópio.

Vinha se arrastando e lutando com dificuldades a imprensa campinense, fundada em 1 de setembro de 1888. Jornais surgiam e desapareciam com pouca circulação. Quem mais tempo teve de vida foi "O REBATE", fundado em 1930. Havendo necessidade de fazer defesa e propaganda dos ideais, surgiu dentro dos membros da "Regeneração Campinense", o jornal "A ORDEM", no dia 2 de junho de 1934, constando no corpo redacional os nomes dos Irmãos Dr. Arlindo Corrêa, Benedito Venâncio, Manoel de Almeida Barreto e João Ferreira e Silva. Tamanho grande e bastante noticioso, servindo bem à nossa cidade. Sofreu diversas interrupções e mudanças administrativas, inclusive entrando João Alves de Oliveira e Paulo Cavalcanti Brasil. Encerrando as atividades em 28 de setembro de 1935, quando era dirigido pelo Irmão Dr. José de Oliveira Pinto.

Ingressando na "Regeneração" em 1949 e tendo exercido atividades jornalísticas em João Pessoa e aqui em "A VOZ DO DIA" (1945), notamos que faltava uma coluna escrita para registrar o progresso que a Maçonaria Campinense vinha atravessando e assim resolvemos re-editar "A ORDEM" em 2ª fase, que teve início em setembro de 1951, com a cooperação dos Irmãos Zefirino Lima, Redator e Natanael Ribeiro, Secretário. Encerramos com o nº 8, em julho de 1952.

Nos anos 1950/1, o Departamento de Orientação Doutrinária da Regeneração editou seis números de um boletim, com o título de "LEMBRANÇAS", que eram distribuidos nas Festas Brancas (24 de junho) e posse da administração. Em 24 de junho de 1951, o mesmo departamento, editou o jornalzinho "FERRO EM BRASA", que só circulou um número.

Fazendo mais uma tentativa, editamos em 24 de junho de 1953, o "O MAÇON", tendo como Redator o Irmão Adauto Barreto. Só ficou nesse mesmo. Cedemos direitos para que a Loja publicasse "A

ORDEM", o que ocorreu, em 3ª fase, com os Irmãos Niutildes Otacílio Vieira e Artur de Araújo Sobreira. Foram publicadas seis edições.

No ano de 1966, o Centro de Estudos Maçônicos Professor Manoel de Almeida Barreto, subordinado à "Regeneração", editou a revista "DELTA", tendo à frente o Irmão José Araújo de Albuquerque. Trabalhos litúrgicos e históricos.

Em 21 de agosto de 1976, quando do ingresso do jornalista e industrial gráfico Júlio Pereira da Costa, fizemos com que ele editasse o nº 7 das "LEMBRANÇAS", contendo os Landmarques da Ordem, pela primeira vez publicados na Paraiba.

No mês de fevereiro de 1979, na Editora e Gráfica Santa Fé Ltda. imprimimos o primeiro número do "MINI INFORMATIVO MAÇÔNICO", no tamanho 0,8 x 0,12 cm., circulando em todo o Brasil e Exterior, estando presentemente no nº 8. No mínimo, é o menor jornal maçônico do Brasil.

Oferecemos estes dados aos historiadores da nossa imprensa, pois comumente quando se escreve sobre a imprensa campinense, nem às vezes é feito menção à primeira fase de "A ORDEM".

NOTA DO AUTOR

Este artigo, do Irmão de saudosa memória, José Leite Sobrinho, membro da Regeneração Campinense, foi publicado no ANUÁRIO CAMPINA GRANDE 82, à página 97, que tinha como Editor o Irmão Maçom e ex-Prefeito de Campina Grande, Dr. Evaldo Cruz.

Após essa fase, que se encerrou com a publicação do Mini-Informativo Maçônico, que alcançou o número 13, o Irmão Ailton Elisiário de Sousa, então Soberano Grande Inspetor Litúrgico da Paraíba, criou um jornal bimensal voltado ao filosofismo paraibano, dando-lhe o título de "O ARAUTO". Este periódico, que se constituiu no órgão oficial

da Inspetoria Litúrgica da Paraíba, do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, teve publicados 7 números, no espaço de dezesseis meses, sendo editado o primeiro em setembro de 1984, e mantinha o dístico "verba volant, scripta manent", isto é, "as palavras voam, as coisas escritas permanecem".

Na gestão do Venerável Mestre Pedro Dantas Fernandes, períodos 1994 e 1995, foi editado um "BOLETIM INFORMATIVO". A partir daí, não mais foram editados quaisquer jornais ou revistas maçônicas pela Loja Maçônica Regeneração Campinense ou quaisquer outros órgãos ligados a ela.

Com o lançamento da "home page" da Loja, em data de 25 de agosto de 2000, abriu-se a grande oportunidade de ressurgir a imprensa maçônica em Campina Grande, fixando mais um marco, e desta vez sendo de natureza eletrônica a publicação a ser editada. Nesta perspectiva, o Venerável Mestre Ailton Elisiário de Sousa, lançou em 10 de agosto de 2001 a Revista Eletrônica "CULTURA MAÇÔNICA" cujo primeiro número foi publicado integrando o "site" da Loja na Internet.

Em sua apresentação dizia ele: Há um ano atrás, em data de 25 de agosto, a Loja Maçônica Regeneração Campinense nº 2 lançava na Rede da Web a sua "home page". Naquela oportunidade, ela já reservava um "link" para futura utilização por sua revista eletrônica.

Hoje, 10 de agosto de 2001, esta revista surge, iniciando o terceiro milênio e com a perspectiva de ser um canal de comunicação da Loja com o universo maçônico e com o mundo. Na era da tecnologia da informação, nada melhor que um veículo eletrônico para se fazer chegar aos leitores com extrema rapidez, as notícias da Loja, os estudos dos Irmãos, as mensagens do Venerável Mestre, enfim, a informação do dia a dia da nossa Oficina.

A revista tem por título CULTURA MAÇÔNICA. E por que este nome? A Ordem Maçônica congrega em todo o mundo homens que vivem um só ideal, obedecendo postulados e princípios que os unem como verdadeiros Irmãos. Independente do lugar onde vivam, dos seus usos e costumes, das ciências que desenvolvam, das religiões que professem, os maçons produzem uma cultura própria, impar, singular, construída permanentemente, ano após ano, em todos os Orientes em que possa existir uma Loja ou estar um Maçom, dando assim um caráter universal à Ordem.

A cultura é a expressão do estado de desenvolvimento intelectual de um povo, evidenciando o seu grau de conhecimento das artes, da ciência e da tecnologia. A cultura maçônica é parte dessa cultura universal, compondo a mente social, ao largo das situações de raça, religião e ideologia, centrada numa antropologia que cultiva a ética nas relações humanas e sociais. O espírito da nossa Loja não foge a este desiderato, nem muito menos a revista que agora floresce.

O maçom está sempre em busca da perfeição, - ideal sempre perseguido e nunca alcançado -, e por isto é que ele é culto. Daí a revista receber essa denominação, para fazer o buscador empenhar-se cada vez mais na conquista do ideal maçônico. Nas suas seções, a filosofia e a doutrina maçônicas reverberarão de forma producente, ao lado das notícias sociais e das atividades da Loja. As artes e a literatura maçônicas estarão nela aquinhoadas, pela pena dos seus colaboradores.

Espero, pois, que esta revista preencha o espaço aberto com a ausência de publicações do gênero, tornando-se o meio pelo qual os Irmãos publiquem suas reflexões, enriquecendo a nossa cultura. Que o Grande Arquiteto do Universo nos ajude a manter viva essa seara. Ela, certamente, trará bons frutos.

Meus Diletos Irmãos, eu vos entrego esta revista na esperança de que fortifiqueis a CULTURA MAÇÔNICA.

A ORDEM

ÓRGÃO DOUTRINÁRIO E NOTICIOSO

Reiniciando a Jornada

Festa de aniversário [illegible] na Loja «Regeneração Campinense»

As "Emissoras Associadas da Paraíba", Rádio Borborema e Rádio Cariri, saúdam a Augusta Loja Maçônica "Regeneração Campinense" e todos os seus membros, por ocasião das solenidades com as quais homenageiam seu Padroeiro-São João Batista.

(A Ordem – Edição de Junho de 1957)

MINI INFORMATIVO

MAÇÔNICO

Ano II - C. Grande - Abril - 1980 - Nº. 5

NOSSA ELEIÇÃO

Escolhido como candidato único o Ir. Alton Elisiario de Souza, para a eleição que se realizará no próximo mês.

Nossa opinião é que o período de venerabilato deveria ser igual ao de grão-mestrado. Muito embora reconheçamos que três anos para um venerável inoperante, é uma verdadeira calamidade. Mas, consegue-se burlar os regulamentos, "alguem" fecha os olhos e as vezes o cargo passa muito tempo ocupado pela mesma pessoa, em reeleições sucessivas.

Julgamos mesmo que deve haver uma mudança dentro do setor de administração de nossa Oficina. Precisamos de trabalho, de realizações e, especialmente, ser recuperado o tempo perdido. Temos uma negação em atividades sociais. Nos reunimos uma vez por semana. A Loja tem aberta todas as noites para quem gosta de um "divertimento", não chegando a 12 Ir. que frequentam. Uma vez por

— 1 —

(Mini Informativo – Edição de Abril de 1980)

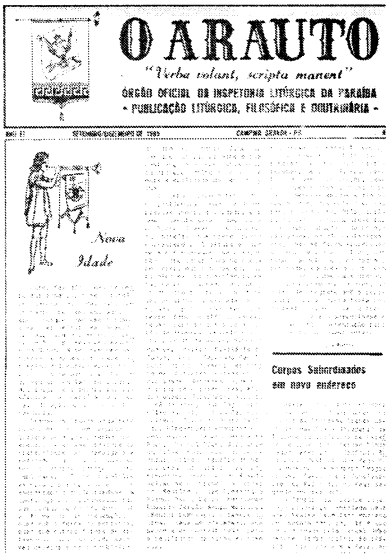
19 DE AGOSTO

ÓRGÃO OFICIAL DA AUG. E RESP. LOJA SIMB. "REGENERAÇÃO CAMPINENSE" N. 2
Fundada em 19 de Agosto de 1923

EDITORIAL

ESCRITORES MAÇÔNICOS

(19 de Agosto – Edição de Julho de 1984)



O ARAUTO

"Verba volant, scripta manent"

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA LITÚRGICA DA PARAÍBA
- PUBLICAÇÃO LITÚRGICA, FILOSÓFICA E DOUTRINÁRIA -

Nova Idade

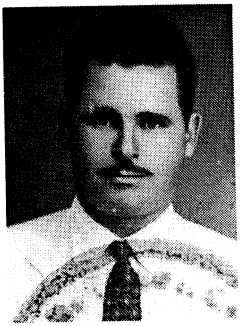
Corpos Subordinados
em novo endereço

(O Arauto – Edição de Dezembro de 1985)

CONDECORAÇÕES

A Loja instituiu comendas para condecorar maçons e não-maçons por serviços prestados à Ordem e à cidade de Campina Grande.

MEDALHA JOSÉ LEITE SOBRINHO



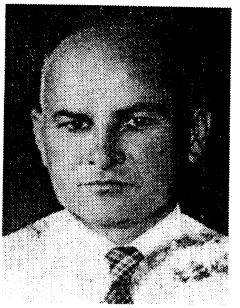
Instituída na gestão do Venerável Mestre Antonio Aurélio de Oliveira Ventura, destina-se a condecorar maçons regulares do Quadro da Loja que hajam prestado serviços relevantes à Loja e à Ordem Maçônica em geral. É entregue no dia 19 de agosto, data de fundação da Loja.

O Irmão José Leite Sobrinho era natural de Campina Grande, nascido em 21 de maio de 1918 e falecido em 17 de abril de 1985. Foi iniciado Aprendiz Maçom na Regeneração Campinense em 16 de julho de 1949, elevado a Companheiro Maçom em 13 de setembro e exaltado a Mestre Maçom em 25 de outubro desse mesmo ano. Ocupou diversos cargos em Loja, dentre eles o de Bibliotecário e Guarda do Templo. A Loja o agraciou com o título de Benfeitor.

Jornalista, teve a seu cargo as publicações que a Loja produzia, tendo sido o seu último trabalho o Mini-Informativo Maçônico, jornal que media 12cm de altura por 8cm de largura e adotava a estrutura de dríptico. Através de seus escritos difundiu o nome da Loja em todo o Brasil e no exterior.

Foram agraciados com a Medalha José Leite Sobrinho: José Laurindo de Souza, Manoel Ferreira Filho, Rosiélio Gomes Porto, Rafael Chagas de Oliveira, José Risuenho de Morais.

MEDALHA GERÔNCIO BEZERRA DA NÓBREGA



Instituída na gestão do Venerável Mestre Nilson Nogueira de Melo, tem por finalidade premiar irmãos do Quadro que tenham 100% de freqüência às sessões realizadas pela Loja em cada ano. É também entregue no dia 19 de agosto, data de aniversário da Loja.

O Irmão Gerôncio Bezerra da Nóbrega era natural de Santa Luzia, Paraíba, nascido em 24 de outubro de 1902 e falecido em 29 de março de 1987. Era comerciante. Membro da Regeneração Campinense foi iniciado Aprendiz Maçom em 15 de outubro de 1949, elevado a Companheiro Maçom em 13 de dezembro desse ano e exaltado a Mestre Maçom em 24 de fevereiro de 1950.

Exerceu os cargos de Porta Estandarte, Porta Bandeira e Primeiro Diácono e Membro da Comissão de Beneficência. Destacou-se pela férrea assiduidade aos trabalhos maçônicos. A Loja lhe outorgou o título de Benemérito.

Foram agraciados com a Medalha Gerôncio Bezerra da Nóbrega: José Nicolau de Araújo, Francisco de Assis Souza, José da Guia Dantas, José Soares de Oliveira.

MEDALHA TIRADENTES

Instituída na gestão do Venerável Mestre Fernando Filogônio do Ó, para agraciar pessoas que tenham relevantes serviços prestados à comunidade campinense. São entregues a 3 pessoas escolhidas pelos Irmãos da Loja, no dia 21 de abril, Dia de Tiradentes. Esta é a comenda-mor da Loja Regeneração Campinense.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é o Mártir da Inconfidência Mineira. Traído por um companheiro, Joaquim Silvério dos Reis, foi enforcado e esquartejado, sua casa salgada e seus descendentes declarados infames pela Corte Portuguesa. Era maçom, tendo sido iniciado por comunicação por José Álvares Maciel. A bandeira da inconfidência continha o triângulo maçônico com o dístico "Libertas quæ sera tamem".

Foram agraciados com a Medalha Tiradentes: 1975 – Evaldo Cavalcante Cruz, José Noujaim Habib, Severino Lopes Loureiro; 1976 – Carolina Pereira Zilly, José Lopes de Andrade, José Stênio Lopes; 1977 – Lynaldo Cavalcante de Albuquerque, José de Almeida Júnior, Zeferina Ramos Gaudêncio; 1978 – Ivan Bichara Sobreira, Austro de França Costa, Edvaldo de Souza do Ó; 1979 – Luiz Mota Filho, William de Souza Arruda, Edelzino Pitiá; 1980 – Enivaldo Ribeiro, José Carlos da Silva Júnior, Elizabeth Agra Marinheiro; 1981 – José da Matta Bonfim, Epitácio Soares, Ivandro Moura Cunha Lima; 1982 – Severino Bezerra de Carvalho, Zuleide Porto, Ernani Ayres Sátiro e Souza; 1983 – Giuseppe Gioia, Adma Timani, Maria Augusta; 1984 – Pedro Moreno Gondim, Manoel Joaquim Barbosa, José Silvino Sobrinho; 1985 – Raimundo Gadelha Fontes, Aroldo Cavalcanti Cruz, Antonio Vital do Rego; 1986 – Ronaldo José da Cunha Lima, Itan Pereira da Silva, Amaury Araújo de

Vasconcelos; 1987 – José Albano da Silva, José Nicolau de Araújo, Paulo Firmino Gayoso; 1988 – Tarcisio de Miranda Burity, Eurípedes Floresta de Oliveira, Banco do Brasil S/A; 1989 – Antonio Virgílio Brasileiro, José Moisés de Medeiros Neto, Geralda de Oliveira Araújo; 1991 – Newton Vital Figueiredo, Margarida da Mota Rocha, Maria de Lima Cabral; 1992 – Marcos Antonio Pimentel, Eneida Agra Ramos Maracajá, Cássio Rodrigues Cunha Lima; 1994 – Antonio Aurélio de Oliveira Ventura; 1995 – José Risuenho de Morais; 1996 – Universidade Estadual da Paraíba, Diários e Emissoras Associados, Grupo de Apoio à Vida; 1997 – José Targino Maranhão, Nestor Herculano de Paula.

BROCHE DA LOJA

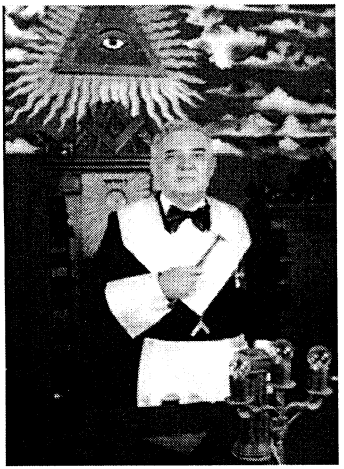
O antigo regulamento particular da Loja, datado de 1929, dispunha que a Loja deveria cunhar um distintivo para ser usado por seus Obreiros, pendente em fita no peito esquerdo. Esta medalha continha de um lado o nome e a matrícula do Irmão e, do outro, o timbre da Loja.

Buscando resgatar a história da Loja o Venerável Mestre Ailton Elisiário de Sousa resolveu reproduzir aquele timbre em forma de um broche, para uso dos Irmãos e para presentear Irmãos de outras Lojas que se destaquem no relacionamento fraterno com a nossa Loja.

O Decreto nº 001-2001/2003-LMRC, assinado em 03.08.2001, instituiu assim esse distintivo, confeccionado em metal pela Golden Star Jóias, de São Paulo, tendo sido no seu lançamento homenageado os Irmãos Eméritos Ilmar Romão de Melo, José Laurindo de Souza e Silvino Fernandes de Moura, com a sua outorga.

Este "botton" é a reprodução do antigo timbre da Loja, seu primeiro emblema que há muito foi substituído por um brasão, ainda em voga nos dias atuais.

SOBRE O AUTOR



Ailton Elisiário de Sousa é bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Paraíba e em Ciências Jurídicas pela Universidade Regional do Nordeste, hoje Universidade Estadual da Paraíba. Mestre em Economia pela UFPB e Especialista em Direito Civil pela UEPB. Professor Titular da UFPB (aposentado) e da UEPB (na ativa). Advogado militante. Foi Secretário da Fazenda do Município de Campina Grande, Presidente da Companhia de Eletricidade da Borborema e Presidente do Hospital Pedro I.

Iniciado na Maçonaria em 1971, na Loja Simbólica "Regeneração Campinense" nº 2, tendo sido seu Venerável Mestre por 3 vezes. É Fundador e Venerável Mestre da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas "Renascença" nº 1, a primeira do Estado da Paraíba. Membro Emérito do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. Membro Emérito do Supremo Conselho da Ordem DeMolay para o Brasil. Foi Soberano Grande Inspetor Litúrgico da Maçonaria para a Paraíba, Fundador e Oficial Executivo para a Paraíba da Ordem DeMolay. Foi Membro Efetivo do Supremo Conselho da Maçonaria e da Ordem DeMolay. Foi Presidente de Corpos Filosóficos. Fundador de diversos órgãos maçônicos e paramaçônicos. É Grande Representante da Grande Loja do Canadá na Província de Ontário.

Grande Benemérito da Grande Loja da Paraíba, Benemérito da Loja Simbólica Regeneração Campinense, Grande Benfeitor do Supremo Conselho do Grau 33, Membro Honorário de várias Lojas Simbólicas e Corpos Filosóficos no País. Medalha de Honra ao Mérito de diversas entidades maçônicas.

Conferencista maçônico. Tem trabalhos publicados sobre Maçonaria, Economia e Direito. É Membro Efetivo da Academia de Letras de Campina Grande.

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPINA GRANDE – *Revista nº 1* – Edição Comemorativa do Decênio de Fundação da ALCG – Campina Grande – PB – 1993.

ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPINA GRANDE – *Revista nº 5* – Edição Comemorativa dos 25 Anos de Fundação – Senado Federal – Brasília – DF – 2006.

ALBUQUERQUE, A. Tenório de – *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil* – Editora Aurora – Rio de Janeiro – s/data.

_____ – *A Maçonaria e a Independência do Brasil* – Editora Aurora – Rio de Janeiro – s/data.

_____ – *José Bonifácio O Falso Patriarca* – Editora Aurora – Rio de Janeiro – 1970.

ALMEIDA, Elpídio de – *História de Campina Grande* – Edições da Livraria Pedrosa – Campina Grande – PB – 1964.

ANDRADE, Moacir – *Vultos Paraibanos* – RG Editora Gráfica – Campina Grande – PB – 1999.

ANUÁRIO DE CAMPINA GRANDE – *Anuário de 1982* – Edição Anuários da Paraíba Ltda – Campina Grande – PB – 1982.

Bandecchi, Brasil – *A Bucha, a Maçonaria e o Espírito Liberal* – Editora Parma – Cadernos de História – São Paulo – 1982.

CÂMARA, Epaminondas – *Datas Campinenses* – Departamento de Publicidade – João Pessoa – PB – 1947.

DINOÁ, Ronaldo – *Memórias de Campina Grande* – 2 vols. – Editoração Eletrônica – Campina Grande – PB – 1993.

FILHO, Lino Gomes da Silva – *Síntese Histórica de Campina Grande: 1670–1963* – Editora Grafset – João Pessoa – PB – 2005.

MAIA, Benedito – *Governadores da Paraíba: 1947–1991* – A União Editora – 4ª edição – João Pessoa – PB – s/data.

LOJA MAÇÔNICA REALIDADE Nº 21 – *O Livro d'O Cinzel* – Edição nº 1 – Gráfica Barreto – Recife – PE – 1978.

PIMENTEL, Cristino – *Dois Poetas* – Edição da Livraria Pedrosa – Campina Grande – PB – 1950.

_____ – *Pedaços da História da Paraíba* – Editora Teone – João Pessoa – PB – 1953.

_____ – *Mais um Mergulho na História Campinense* – Edições Caravela – Campina Grande – PB – 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE – *Memorial Urbano de Campina Grande* – Campina Grande – PB – 1996.

PROBER, Kurt – *Catálogo das Medalhas Maçônicas Brasileiras* – 2ª edição ampliada – Edição Kurt Prober – Paquetá – RJ – 1988.

_____ – *História do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil: 1832 a 1927* – Livraria Kosmos Editora – Rio de Janeiro – 1981.

RIBEIRO, Hortênsio de Souza – *Vultos e Fatos* – Secretaria de Educação e Cultura – Governo do Estado da Paraíba - João Pessoa – PB – 1979.

ROLIM, Vital – *Cinco Anos de Cirurgia* – Campina Grande – PB – 1938.

SENADO FEDERAL – *Dados Biográficos dos Senadores da Paraíba: 1826/2000* – Secretaria de Documentação e Informação – Brasília – DF – 2000.

SOUSA, Ailton Elisiário de – *Comentários das Constituições de 1786* – Editora Maçônica A Trolha – Londrina – PR – 1994.

_____ – *Meio Século de Maçonaria Campinense* – Edição da Loja Maçônica Regeneração Campinense – Campina Grande – PB – 1973.

SYLVESTRE, Josué – *Nacionalismo & Coronelismo: Fatos e Personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964)* – Centro Gráfico do Senado Federal – Brasília – DF – 1988.

_____ – *Lutas de Vida e de Morte: Fatos e Personagens da História de Campina Grande (1945/1953)* – Centro Gráfico do Senado Federal – Brasília – DF – 1982.

DOCUMENTAÇÃO

CÂMARA DE VEREADORES DE CAMPINA GRANDE – *Livro de Projetos Aprovados.*

CÂMARA DE VEREADORES DE CAMPINA GRANDE – *Livro de Leis Sancionadas.*

LOJA MAÇÔNICA REGENERAÇÃO CAMPINENSE – *Livro de Matrículas de Obreiros.*